REVISTA

COSMOVNI

PUBLICAÇÃO DO GRUPO UFOLÓGICO PARANÁ - PATOVNI

ISSN 2675-8466
ANO 6 | NÚMERO 12 | JUNHO DE 2026

Tasca Editorial

PATOVNI
GRUPO UFOLÓGICO PARANÁ

INSTITUTO
ÔMEGA

REVISTA COSMOVNI

PUBLICAÇÃO DO GRUPO

UFOLÓGICO PARANÁ | PATOVNI

NÚMERO 12. SEMESTRAL. 2026. ISSN 2675-8466

Tasca Editorial
Curitiba - 2026

GRUPO UFOLÓGICO PARANÁ - PATOVNI

Editor: Flori Antonio Tasca
Revisão: Henrique Luiz Fendrich
Diagramação: Diego Tesser
Capa: Galáxia lenticular ngc 1266 | HubbleSite
Imagens Internas: Nebulosas NGC 460 e NGC 1977 | HubbleSite
Imagens geradas pela I.A. ChatGPT por Diego Tesser

R454

Revista COSMOVNI. / Flori Antonio Tasca (editor). Número 12. Semestral--
Curitiba: Tasca Editorial, junho de 2026.
272 f. : il.

ISSN: 2675-8466

1. Ufologia. 2. Cosmologia. I. Flori Antonio Tasca, editor. II. Título.

CDD - 501

Ficha Catalográfica elaborada por
Maria Juçara Vieira da Silveira CRB9/1359

GESTÃO DO GRUPO UFOLÓGICO PARANÁ - PATOVNI

Tasca Editorial
Curitiba - 2026

CONSELHO

Tasca Editorial
Curitiba - 2026

REVISTA COSMOVNI | ISSN 2675-8466 | NÚMERO 12 | 2026/1

SUMÁRIO

EDITORIAL 2

O IMPACTO DO PRIMEIRO CONTATO NA CULTURA HUMANA

INAJAR ANTONIO KUROWSKI 6

O PARADIGMA ALIEN NO FUTURO DA HUMANIDADE | FLORI

ANTONIO TASCA 48

A CIÊNCIA NA INVESTIGAÇÃO DOS AGROGLIFOS: EVIDÊNCIAS ANÔMALAS, VÓRTICES DE PLASMA E

O ENIGMA QUE PERSISTE | DOUGLAS ALBRECHT 68

APARIÇÕES MARIANAS UFOLÓGICAS | RUDINEI CAMPRA .. 88

EPISTEMOLOGIA DO MISTÉRIO: FENOMENOLOGIA E UFOLOGIA SOBRE O CASO DE APARIÇÃO DE UM OBJETO VOADOR NÃO IDENTIFICADO NO SUL DO BRASIL

GRAZIELA ROCHA RAYMUNDO 110

A UFOLOGIA: UM CAMINHO PARA O DESPERTAR | CARLOS

ODONE DA COSTA NUNES 159

QUANDO O CÉU QUEIMOU EM ARAÇARIGUAMA: OS

80 ANOS DA MORTE DE JOÃO PRESTES FILHO | CLÁUDIO

TSUYOSHI SUENAGA 184

EDITORIAL

Chega aos leitores a 12ª edição da REVISTA COSMOVNI, publicação semestral do Grupo Ufológico Paraná – PATOVNI, reunindo nesta oportunidade sete contribuições de pesquisadores que, a partir de diferentes perspectivas, analisam alguns dos mais instigantes mistérios que desafiam a compreensão humana. Os artigos aqui apresentados transitam entre história, ciência, filosofia, sociologia, espiritualidade e exociências, demonstrando que a Ufologia contemporânea se tornou um campo necessariamente interdisciplinar.

Abrindo esta edição, Inajar Antonio Kurowski nos convida a refletir sobre "O impacto do primeiro contato na cultura humana". O autor examina como um eventual encontro oficial entre a humanidade e inteligências extraterrestres poderá provocar profundas transformações em nossas estruturas sociais, culturais, religiosas, científicas e psicológicas. Utilizando conceitos da antropologia e da sociologia, o estudo apresenta o fenômeno do choque cultural em escala planetária, oferecendo importantes subsídios para compreender os desafios de uma possível integração entre civilizações distintas.

Na sequência, apresento o artigo "O Paradigma Alien no futuro da humanidade", continuidade das reflexões iniciadas em minha obra publicada em 2023. O texto analisa os desdobramentos científicos, culturais e políticos que poderão surgir a partir da confirmação pública da existência de inteligências extraterrestres. São discutidos temas como Exopolítica, Exodireito e os possíveis cenários futuros do relacionamento entre a humanidade e outras civilizações cósmicas, dentro do contexto de uma nova revolução científica em curso.

O terceiro trabalho é assinado pelo engenheiro Douglas Albrecht, que aborda um dos fenômenos mais fascinantes e controversos da pesquisa anômala mundial: os agroglifos. Em "A ciência na investigação dos agroglifos: evidências anômalas, vórtices de plasma e o enigma que persiste", o autor apresenta registros históricos, pesquisas de campo e estudos científicos que apontam para anomalias ainda não satisfatoriamente explicadas pelos modelos convencionais. Um artigo que demonstra como o mistério pode coexistir com o rigor investigativo.

Em seguida, Rudinei Campra apresenta uma análise provocativa sobre as chamadas "Aparições marianas ufológicas". Explorando relatos históricos amplamente conhecidos e examinando-os sob uma ótica ufológica, o autor propõe reflexões sobre possíveis relações entre experiências religiosas, fenômenos luminosos, manifestações de inteligências não humanas e processos de influência cultural ao longo da história. Um estudo que certamente despertará debates e questionamentos.

A pesquisadora Graziela Rocha Raymundo contribui com um artigo de grande profundidade acadêmica ao analisar um caso de aparição de objeto voador não identificado ocorrido em Ponta Grossa, Paraná. Em "Epistemologia do mistério", a autora utiliza referenciais da fenomenologia, da epistemologia da ciência e da sociologia do imaginário para discutir os limites do conhecimento humano diante de eventos que desafiam classificações convencionais. Trata-se de uma valiosa reflexão sobre a própria natureza do mistério e da investigação científica.

Na sexta contribuição, Carlos Odone da Costa Nunes apresenta "A Ufologia: um caminho para o despertar". O autor propõe uma visão holística da pesquisa ufológica, defendendo que o estudo sério dos fenômenos anômalos pode representar importante ferramenta para a expansão da consciência humana.

Com base em conceitos ligados à abertura cognitiva, ao desacobertamento e à consciência cósmica, o texto convida o leitor a ampliar horizontes e reconsiderar seu lugar no Universo.

Encerrando esta edição, Cláudio Tsuyoshi Suenaga revisita um dos casos mais emblemáticos e intrigantes da história da Ufologia brasileira. Em "Quando o céu queimou em Araçariguama: os 80 anos da morte de João Prestes Filho", o autor realiza uma profunda análise histórica, documental e investigativa sobre o célebre Caso Prestes, ocorrido em 1946. O estudo resgata testemunhos, documentos e interpretações construídas ao longo de décadas, lançando nova luz sobre um episódio que permanece um dos maiores enigmas da casuística nacional.

Os artigos reunidos nesta edição revelam uma característica marcante da Ufologia do século XXI: sua crescente capacidade de dialogar com múltiplas áreas do conhecimento humano. Dos fenômenos históricos aos desafios futuros do Primeiro Contato; dos agroglifos às experiências religiosas; da epistemologia do mistério à expansão da consciência, observamos um campo de pesquisa cada vez mais amplo, complexo e intelectualmente estimulante.

Vivemos um momento singular da história humana. Fenômenos aéreos anômalos são discutidos oficialmente por governos, instituições científicas e organizações internacionais. Questões antes relegadas à periferia do conhecimento passam gradualmente a ocupar espaços legítimos de investigação. Nesse contexto, torna-se ainda mais importante cultivar uma postura equilibrada: aberta ao novo, mas comprometida com a análise crítica; receptiva ao mistério, mas fiel à busca pela verdade.

Que esta nova edição da COSMOVNI contribua para fortalecer o espírito investigativo, estimular reflexões profundas e ampliar o diálogo entre ciência, filosofia e os grandes mistérios que acompanham a humanidade desde seus primórdios.

Como ensinava Carl Sagan, “em algum lugar, algo incrível espera para ser descoberto”.

Boa leitura a todos.

Curitiba – Paraná – Brasil – 2026.

Prof. Dr. FLORI ANTONIO TASCA

Editor

O IMPACTO DO PRIMEIRO CONTATO NA CULTURA HUMANA

INAJAR ANTONIO KUROWSKI

RESUMO

O presente artigo analisa os possíveis impactos culturais decorrentes do primeiro contato explícito entre a humanidade e uma civilização extraterrestre inteligente. Partindo dos conceitos sociológicos de cultura, identidade cultural, choque cultural e aculturação, discute-se como a sociedade terrestre poderia reagir diante da presença de seres oriundos de outros sistemas planetários. O estudo propõe um modelo teórico composto por sete fases do choque cultural extraterrestre, abrangendo desde a fascinação inicial até a adaptação, a aculturação e o choque cultural invertido. São examinadas possíveis consequências sociais, religiosas, jurídicas, científicas e tecnológicas decorrentes desse encontro, incluindo transformações nas crenças religiosas, redefinições de direitos e deveres, impactos sobre instituições políticas, intercâmbios culturais e desafios relacionados à convivência entre espécies inteligentes distintas. O artigo também aborda os riscos associados à perda de identidades culturais, à assimilação de valores extraterrestres e à introdução de tecnologias avançadas, bem como possíveis benefícios relacionados à redução de preconceitos, ao fortalecimento da cooperação global e ao avanço do conhecimento humano. Conclui-se que o contato extraterrestre representaria um dos eventos mais profundos da história da humanidade, exigindo mecanismos de adaptação cultural, social e institucional capazes de minimizar conflitos e promover uma integração equilibrada entre diferentes civilizações.

PALAVRAS-CHAVE

Contato extraterrestre. Choque cultural. Aculturação. Cultura humana. Vida extraterrestre. Civilizações inteligentes. Sociologia do contato.

ABSTRACT

This article analyzes the potential cultural impacts resulting from the first explicit contact between humanity and an intelligent extraterrestrial civilization. Based on the sociological concepts of culture, cultural identity, culture shock, and acculturation, it discusses how terrestrial society might react to the presence of beings originating from other planetary systems. The study proposes a theoretical model composed of seven stages of extraterrestrial culture shock, ranging from initial fascination to adaptation, acculturation, and reverse culture shock. Possible social, religious, legal, scientific, and technological consequences arising from such an encounter are examined, including transformations in religious beliefs, redefinitions of rights and duties, impacts on political institutions, cultural exchanges, and challenges related to coexistence between distinct intelligent species. The article also addresses risks associated with the loss of cultural identities, the assimilation of extraterrestrial values, and the introduction of advanced technologies, as well as potential benefits related to reducing prejudice, strengthening global cooperation, and advancing human knowledge. It concludes that extraterrestrial contact would represent one of the most profound events in human history, requiring cultural, social, and institutional adaptation mechanisms capable of minimizing conflicts and promoting balanced integration among different civilizations.

KEYWORDS

Extraterrestrial contact. Culture Shock. Acculturation. Human culture. Extraterrestrial life. Intelligent civilizations. Sociology of contact.

RESUMEN

El presente artículo analiza los posibles impactos culturales derivados del primer contacto explícito entre la humanidad y una civilización extraterrestre inteligente. A partir de los conceptos sociológicos de cultura, identidad cultural, choque cultural y aculturación, se examina cómo podría reaccionar la sociedad terrestre ante la presencia de seres procedentes de otros sistemas planetarios. El estudio propone un modelo teórico compuesto por siete fases del choque cultural extraterrestre, que abarcan desde la fascinación inicial hasta la adaptación, la aculturación y el choque cultural inverso. Se analizan las posibles consecuencias sociales, religiosas, jurídicas, científicas y tecnológicas derivadas de este encuentro, incluidas las transformaciones en las creencias religiosas, la redefinición de derechos y deberes, los impactos sobre las instituciones políticas, los intercambios culturales y los desafíos relacionados con la convivencia entre especies inteligentes distintas. El artículo también aborda los riesgos asociados a la pérdida de identidades culturales, la asimilación de valores extraterrestres y la introducción de tecnologías avanzadas, así como los posibles beneficios relacionados con la reducción de prejuicios, el fortalecimiento de la cooperación global y el avance del conocimiento humano. Se concluye que el contacto extraterrestre representaría uno de los acontecimientos más profundos de la historia de la humanidad, exigiendo mecanismos de adaptación cultural, social e institucional capaces de minimizar conflictos y promover una integración equilibrada entre diferentes civilizaciones.

PALABRAS CLAVE

Contacto extraterrestre. Choque cultural. Aculturación. Cultura humana. Vida extraterrestre. Civilizaciones inteligentes. Sociología del contacto.

SOBRE O AUTOR

INAJAR ANTONIO KUROWSKI é paranaense, nascido e criado em Curitiba, é graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Paraná (1986), pós-graduado em Metodologia da Ciência (1994) pelas Faculdades Integradas Espírita e mestre em Gestão Ambiental (2010) pela Universidade Positivo.

No campo profissional, atuou como Perito Criminal no Instituto de Criminalística do Paraná durante 28 anos, hoje aposentado, com ênfase em Fotografia Forense, Identificação Veicular, Balística Forense, Locais de Crimes contra a Pessoa e Locais de Crimes contra o Patrimônio. Foi professor desses temas na Escola Superior de Polícia Civil do Paraná e professor convidado da Polícia Militar do Paraná. Também lecionou na FAPAR – Faculdade Paranaense e em diversas instituições de ensino superior públicas e privadas, entre elas a Universidade Federal do Paraná, Universidade Positivo, UniBrasil e Universidade Tuiuti do Paraná.

Na área ufológica, realizou inúmeras pesquisas de campo relacionadas a avistamentos de objetos e entidades, além de investigações *in loco* de agroglifos no Brasil e na Inglaterra. Palestrante reconhecido nacionalmente, participou de diversos congressos e seminários especializados. É coordenador do Grupo de Análises de Imagens e coeditor da Revista Fenômeno UFO. Participou da série documental Esquadrão UFO, produção nacional do History Channel, contribuindo com análises técnicas e investigações de casos relevantes da Ufologia Brasileira. É padrinho do PATOVNI – Grupo Ufológico Paraná.

INTRODUÇÃO

A possibilidade do primeiro contato explícito entre a humanidade e uma civilização extraterrestre inteligente constitui um dos temas mais fascinantes e transformadores da atualidade. Diferentemente de uma simples descoberta científica, a confirmação da existência de seres inteligentes oriundos de outros sistemas planetários teria potencial para alterar profundamente a forma como os seres humanos compreendem a si mesmos, sua posição no universo e a própria estrutura da civilização terrestre.

Ao longo da história, grandes descobertas astronômicas provocaram profundas mudanças culturais. A compreensão de que a Terra não era plana, a aceitação do modelo heliocêntrico proposto por Copérnico e confirmado por Galileu, bem como a descoberta da expansão do universo por Edwin Hubble, modificaram radicalmente a percepção humana acerca da realidade. Entretanto, nenhuma dessas revoluções intelectuais seria comparável ao impacto da comprovação da existência de outra civilização inteligente.

O presente estudo busca analisar os possíveis efeitos desse encontro sob uma perspectiva sociológica e antropológica, utilizando conceitos amplamente reconhecidos pelas ciências humanas, como cultura, identidade cultural, choque cultural e aculturação. Parte-se da hipótese de que o contato entre civilizações tecnologicamente avançadas e culturalmente distintas produzirá efeitos semelhantes aos observados nos contatos históricos entre diferentes povos humanos, porém em uma escala sem precedentes.

Para tanto, propõe-se um modelo teórico composto de sete fases do choque cultural extraterrestre, permitindo compreender como indivíduos e sociedades poderão reagir diante da convivência com seres provenientes de outro mundo.

- **Conceito de Cultura**

O termo cultura frequentemente é associado às manifestações artísticas, literárias e intelectuais consideradas refinadas. Entretanto, sob a perspectiva sociológica e antropológica, o conceito é muito mais amplo.

A cultura pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, crenças, costumes, valores, hábitos, tradições e comportamentos compartilhados por um grupo social. Trata-se de um patrimônio coletivo transmitido entre gerações por meio da linguagem, da educação, da observação e da convivência social.

Dessa forma, a cultura não se restringe às artes ou à produção intelectual, mas engloba todas as formas pelas quais os seres humanos organizam suas vidas, interpretam o mundo e estabelecem relações entre si.

Entre os elementos que compõem a cultura humana, destacam-se:

- Língua;
- Religião;
- Valores morais;
- Estruturas familiares;
- Organização política;
- Costumes sociais;
- Formas de alimentação;
- Vestuário;
- Produção científica;
- Visão de universo.

A cultura funciona, portanto, como um sistema de referência que orienta a vida dos indivíduos e fornece significado às experiências humanas.

- **Identidade Cultural**

A identidade cultural corresponde à maneira pela qual indivíduos e grupos se reconhecem dentro de determinado contexto social.

Ela é formada por meio da interação contínua entre o indivíduo e o ambiente cultural no qual está inserido. Nossa forma de falar, agir, vestir, se alimentar e compreender a realidade resulta diretamente da influência cultural exercida pela família, pela comunidade e pela sociedade em geral.

Em consequência, a identidade cultural não é estática. Ela se transforma continuamente em resposta às mudanças sociais, tecnológicas e históricas.

A chegada de uma civilização extraterrestre introduziria um elemento completamente novo nesse processo. Pela primeira vez, a humanidade seria obrigada a confrontar sua identidade não apenas diante de outras culturas humanas, mas perante uma cultura originada em outro planeta, possivelmente desenvolvida sob condições biológicas, históricas e filosóficas totalmente diferentes das nossas.

Esse encontro inevitavelmente levaria os seres humanos a questionar aspectos fundamentais de sua identidade coletiva, incluindo suas crenças, seus valores e até mesmo sua compreensão sobre o que significa ser humano.

- **Cultura humana e civilizações extraterrestres**

Ao longo da história terrestre, contatos entre culturas diferentes frequentemente produziram transformações profundas. Em alguns casos, esses contatos geraram intercâmbio cultural e enriquecimento mútuo; em outros, resultaram em conflitos, assimilação forçada e até mesmo destruição cultural.

A diferença fundamental de um eventual contato extraterrestre reside no fato de que não estaríamos diante de outra nação ou civilização humana, mas de uma espécie inteligente possivelmente milhões de anos mais avançada científica e tecnologicamente.

A simples existência de uma civilização extraterrestre seria suficiente para desafiar inúmeras convicções humanas. Conceitos relacionados à religião, filosofia, política, ciência e direito precisariam ser reavaliados.

Diante desse cenário, torna-se essencial compreender um dos fenômenos mais importantes estudados pela antropologia cultural: o choque cultural.

- **Origem do conceito**

O impacto psicológico e social causado pelo contato entre culturas distintas é conhecido como choque cultural.

O conceito foi introduzido pelo antropólogo Kalervo Oberg durante uma palestra realizada em 1954 e posteriormente formalizado em seu trabalho publicado em 1960. Segundo Oberg, o choque cultural constitui uma espécie de doença ocupacional que pode acometer indivíduos subitamente expostos a um ambiente cultural desconhecido.

Esse fenômeno é frequentemente observado em viajantes, diplomatas, militares, imigrantes e profissionais transferidos para outros países.

O CHOQUE CULTURAL

Contudo, o primeiro contato com uma civilização extraterrestre ampliaria esse fenômeno para uma escala jamais experimentada pela humanidade.

- **As contribuições de Victor Achima Owan**

Victor Achima Owan define o choque cultural como uma condição de ansiedade, insegurança e confusão que pode acometer indivíduos expostos repentinamente a um ambiente cultural desconhecido.

Segundo o autor, a dificuldade de compreender normas sociais, hábitos cotidianos, formas de comunicação e sistemas de valores distintos pode gerar sentimentos de isolamento, frustração e desorientação.

Aplicado ao contexto extraterrestre, esse conceito sugere que o contato com uma civilização não humana produziria um grau de estranhamento muito superior ao observado em contatos interculturais terrestres. Não estaríamos apenas diante de novos idiomas, costumes ou religiões, mas possivelmente diante de formas completamente diferentes de compreender a realidade, o tempo, a vida, a morte e a própria consciência.

- **A perspectiva de Elisabeth Marx**

Elisabeth Marx define o choque cultural como a reação emocional provocada pelo encontro com aquilo que é desconhecido e estrangeiro. Para a autora, esse processo envolve tanto aspectos psicológicos quanto sociais, podendo gerar reações positivas ou negativas.

Inicialmente, o indivíduo tende a demonstrar curiosidade e entusiasmo diante da novidade. Com o passar do tempo, entretanto, as diferenças culturais tornam-se mais evidentes e podem gerar sentimentos de irritação, medo, rejeição ou inadequação.

Essas observações são particularmente relevantes para um cenário de contato extraterrestre, no qual a humanidade provavelmente alternará entre períodos de fascínio e períodos de tensão cultural.

- **O choque cultural aplicado ao contato extraterrestre**

A experiência histórica demonstra que mesmo pequenas diferenças culturais podem provocar conflitos significativos entre grupos humanos.

Diante de uma civilização extraterrestre, as diferenças poderiam ser incomparavelmente maiores.

Questões aparentemente simples, como formas de comunicação, alimentação, estrutura familiar, conceitos de propriedade ou organização social, poderiam gerar enormes dificuldades de compreensão mútua.

Por essa razão, propõe-se neste estudo um modelo teórico composto por sete fases do choque cultural extraterrestre.

AS SETE FASES DO CHOQUE CULTURAL

- **Fase da Lua de Mel**

A primeira fase caracteriza-se pelo entusiasmo, curiosidade e fascínio diante da nova civilização.

Nesse momento, as diferenças entre humanos e extraterrestres serão percebidas de forma positiva. A população mundial demonstrará grande interesse por sua aparência, sua história, sua ciência, sua tecnologia e seus costumes.

A chegada dos visitantes provavelmente desencadeará um período de intensa cobertura midiática, mobilização científica e expectativa social. As diferenças culturais serão vistas como exóticas e estimulantes.

Perguntas como as seguintes dominarão o imaginário coletivo:

- Como vivem os extraterrestres?
- Como se organizam socialmente?

- Eles têm famílias?
- Como se alimentam?
- Como se comunicam?
- Qual é sua história?

Durante essa fase, a tendência humana será procurar semelhanças entre as duas civilizações, enfatizando aquilo que aproxima, e não aquilo que diferencia.

Dependendo das circunstâncias do contato, essa fase poderá durar dias, semanas ou alguns meses.

- **Fase do choque cultural**

Após o período inicial de encantamento, a realidade das diferenças culturais começará a tornar-se mais evidente.

Essa fase é marcada pelo surgimento de sentimentos de ansiedade, irritação, rejeição e insegurança.

Diferenças inicialmente vistas como interessantes passarão a ser percebidas como obstáculos. Aspectos da cultura extraterrestre poderão gerar desconforto ou mesmo medo.

Entre os possíveis sintomas desse período, destacam-se:

- Receio de contaminação biológica;
- Medo de perda da identidade cultural;
- Desconfiança em relação às intenções extraterrestres;
- Resistência ao aprendizado do novo idioma;
- Surgimento de estereótipos;
- Crescimento de movimentos nacionalistas ou xenofóbicos.

Algumas pessoas poderão desenvolver sentimentos de hostilidade em relação aos visitantes, enquanto outras passarão a enxergar a humanidade como inferior perante uma civilização mais avançada.

Questões conspiratórias também tendem a surgir, alimentando receios relacionados à dominação política, tecnológica ou cultural.

Dependendo da intensidade do contato, essa fase poderá durar meses ou até anos.

- **Fase da negociação**

Após o período de maior tensão emocional, inicia-se uma fase de busca por equilíbrio.

Nesse momento, seres humanos e extraterrestres passam a negociar formas de convivência, limites culturais e mecanismos de cooperação.

A humanidade tenderá a valorizar aspectos de sua própria cultura, frequentemente idealizando o passado anterior ao contato.

Ao mesmo tempo, surgirá a necessidade de estabelecer acordos relacionados a:

- Comunicação;
- Comércio;
- Pesquisa científica;
- Compartilhamento tecnológico;
- Direitos individuais;
- Circulação entre planetas;
- Cooperação diplomática.

Essa etapa representa um período de aprendizado mútuo e de construção das primeiras bases para uma convivência estável.

- **Fase do ajustamento**

A fase do ajustamento caracteriza-se pelo desenvolvimento gradual de mecanismos de adaptação à nova realidade.

Os indivíduos começam a compreender melhor os valores, os comportamentos e as expectativas da cultura extraterrestre.

As dificuldades iniciais não desaparecem completamente, mas tornam-se mais administráveis.

Nesse período, surgem novas competências culturais, incluindo:

- Aprendizagem de idiomas extraterrestres;
- Compreensão de costumes diferentes;
- Capacidade de interação intercultural;
- Desenvolvimento de protocolos diplomáticos.

As reações negativas diminuem à medida que a convivência passa a fazer parte da rotina cotidiana.

O ajustamento não ocorre de maneira uniforme. Algumas pessoas adaptar-se-ão rapidamente, enquanto outras continuarão enfrentando dificuldades significativas.

- **Fase do domínio**

Após um período prolongado de convivência, a humanidade alcança um estágio de estabilidade cultural.

Nessa fase, a presença extraterrestre deixa de ser percebida como algo excepcional e passa a integrar a normalidade social.

Os indivíduos já sabem o que esperar das interações cotidianas com os visitantes, reduzindo significativamente os níveis de ansiedade e insegurança.

Instituições sociais, jurídicas e políticas passam a incorporar procedimentos específicos relacionados à convivência interplanetária.

A cooperação torna-se mais eficiente, e as diferenças culturais deixam de representar obstáculos significativos.

É nesse momento que se consolida a verdadeira integração funcional entre as civilizações.

- **Fase da aculturação**

A aculturação ocorre quando duas culturas diferentes mantêm contato contínuo e passam a se influenciar mutuamente.

Ao longo desse processo, elementos culturais de uma sociedade são incorporados pela outra.

No contexto do contato extraterrestre, essa influência poderá manifestar-se em áreas como:

- Linguagem;
- Educação;
- Arquitetura;
- Ciência;
- Filosofia;
- Religião;
- Alimentação;
- Vestuário.

O resultado não será necessariamente a substituição da cultura humana pela extraterrestre, mas a formação gradual de novas identidades culturais híbridas.

Surgirá então o fenômeno do biculturalismo, caracterizado pela capacidade de indivíduos participarem simultaneamente de ambas as culturas.

Contudo, também existirão riscos. Algumas culturas locais poderão sofrer processos de descaracterização, especialmente diante da influência de uma civilização tecnologicamente superior.

Por outro lado, a convivência com outra espécie inteligente poderá reduzir preconceitos históricos existentes entre os próprios povos da Terra, fortalecendo uma identidade planetária comum.

- **Fase do choque cultural invertido**

A última fase ocorre quando indivíduos que viveram durante longos períodos em ambientes extraterrestres retornam à Terra.

Conhecido como choque cultural invertido, esse fenômeno é amplamente documentado em processos de repatriação terrestre e tende a ser ainda mais intenso em experiências interplanetárias.

Ao regressar, esses indivíduos perceberão que tanto eles quanto a sociedade terrestre mudaram durante sua ausência.

Muitas vezes sentirão:

- Estranhamento;
- Insegurança;
- Frustração;
- Sensação de não pertencimento;
- Nostalgia da cultura extraterrestre;
- Dificuldade de reintegração social.

Mesmo que a Terra permaneça relativamente semelhante, a experiência vivida em outro planeta modificará profundamente suas percepções, seus valores e suas expectativas.

Os chamados "regressantes interplanetários" poderão desenvolver identidades híbridas, sentindo-se simultaneamente ligados à Terra e ao planeta visitado.

ACULTURAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES DA CULTURA HUMANA

- **O processo de aculturação interplanetária**

A convivência prolongada entre seres humanos e extraterrestres inevitavelmente produzirá um processo de aculturação. Esse fenômeno ocorre quando grupos pertencentes a culturas distintas mantêm contato contínuo e passam a se influenciar mutuamente.

A aculturação não significa necessariamente a substituição de uma cultura por outra. Em sua forma mais comum, trata-se de um processo gradual de troca de conhecimentos, valores, costumes e práticas sociais.

Ao longo da história humana, esse fenômeno esteve presente em praticamente todos os grandes encontros culturais, desde migrações e colonizações até a globalização contemporânea.

No contexto extraterrestre, a intensidade desse processo poderá ser muito maior do que qualquer experiência histórica já vivenciada pela humanidade, uma vez que envolverá não apenas povos distintos, mas espécies inteligentes diferentes.

- **Aculturação direta e indireta**

A literatura sociológica identifica dois tipos principais de aculturação.

A primeira é a **aculturação direta**, que ocorre por meio do contato presencial entre grupos diferentes. Historicamente, esse processo esteve associado a colonizações, conquistas militares e grandes movimentos migratórios.

A segunda é a **aculturação indireta**, produzida pela circulação de informações através dos meios de comunicação. Atualmente, a televisão, a internet e as redes sociais são os principais vetores desse fenômeno.

Mesmo que os extraterrestres não convivam diretamente com a maioria da população terrestre, a simples divulgação de seus costumes, suas ideias e tecnologias pelos meios de comunicação já seria suficiente para desencadear profundas transformações culturais.

A influência cultural extraterrestre poderia alcançar praticamente todos os países simultaneamente, acelerando processos de mudança em escala planetária.

- **Biculturalismo e novas identidades**

Um dos resultados mais prováveis da convivência prolongada seria o surgimento de indivíduos biculturais.

Essas pessoas manteriam aspectos fundamentais da cultura humana, mas também incorporariam elementos significativos da cultura extraterrestre.

Ao contrário da assimilação completa, o biculturalismo permite a coexistência de múltiplas identidades culturais. O indivíduo não abandona suas origens, mas amplia seu repertório cultural para incluir novas formas de pensamento e comportamento.

Ao longo do tempo, comunidades humanas e extraterrestres poderiam desenvolver identidades híbridas, criando modos de vida inéditos na história de ambas as civilizações.

Esse fenômeno seria particularmente evidente entre cientistas, diplomatas, estudantes, exploradores espaciais e indivíduos que viessem a residir temporária ou permanentemente em outros planetas.

- **Preservação e perda da identidade cultural**

Apesar dos benefícios associados à troca cultural, a aculturação também apresenta riscos.

Uma das maiores preocupações seria a possível descaracterização de culturas humanas locais diante da influência de uma civilização tecnologicamente superior.

Mudanças poderiam ocorrer em diversas áreas:

- Línguas;

- Sistemas educacionais;
- Arquitetura;
- Costumes sociais;
- Produção artística;
- Formas de organização política.

A história demonstra que culturas consideradas mais avançadas tecnológica ou economicamente frequentemente exercem forte influência sobre outras sociedades.

Entretanto, a extinção completa da cultura humana seria improvável. As culturas têm grande capacidade de adaptação e tendem a reinterpretar elementos externos segundo suas próprias necessidades e valores.

Mesmo diante de profundas transformações, é provável que a humanidade preserve elementos centrais de sua identidade histórica.

- **Cosmopolitas, adotantes e isolacionistas**

O processo de adaptação cultural poderá gerar diferentes perfis de comportamento.

Um primeiro grupo será composto por indivíduos que resistirão ao contato e procurarão preservar ao máximo suas tradições originais. Esses indivíduos tenderão ao isolamento cultural, evitando interações significativas com os extraterrestres.

Um segundo grupo será formado por aqueles que adotarão amplamente os costumes da nova civilização. Alguns poderão até abandonar completamente sua identidade cultural anterior, identificando-se predominantemente com a cultura extraterrestre.

Por fim, surgirá um terceiro grupo, provavelmente majoritário, composto de indivíduos capazes de equilibrar elementos das duas culturas. Esses sujeitos desenvolverão identidades biculturais e atuarão como pontes entre os diferentes mundos.

A coexistência desses grupos produzirá novos debates sobre identidade, pertencimento e diversidade cultural.

IMPACTOS RELIGIOSOS E FILOSÓFICOS

- **O Desafio Religioso do Primeiro Contato**

Ao longo da história, poucas questões tiveram tanto impacto sobre as crenças humanas quanto as descobertas astronômicas.

A confirmação da existência de vida inteligente extraterrestre representaria um novo desafio para as tradições religiosas da Terra. Muitas crenças foram construídas em contextos históricos nos quais a humanidade era percebida como única ou central na criação.

O contato com outras civilizações inteligentes obrigaria líderes religiosos, teólogos e fiéis a reinterpretar conceitos fundamentais relacionados à origem da vida, ao propósito da existência e ao papel da humanidade no universo.

Entretanto, isso não significa necessariamente o desaparecimento das religiões.

A experiência histórica demonstra que as tradições religiosas têm grande capacidade de adaptação diante de novas descobertas científicas.

- **Cristianismo e civilizações extraterrestres**

O cristianismo frequentemente é apontado como uma das tradições religiosas mais desafiadas pela hipótese da existência de vida inteligente extraterrestre.

Questões teológicas complexas surgiriam imediatamente:

- Os extraterrestres também foram criados por Deus?
- Possuem alma?
- Experimentaram algo equivalente ao pecado original?
- Necessitariam de redenção?
- A missão de Jesus teria validade universal?

Caso os extraterrestres tenham sua própria história espiritual, novas interpretações seriam necessárias para harmonizar conceitos teológicos tradicionais com a realidade de um universo habitado.

Diversos teólogos cristãos contemporâneos argumentam que a existência de outras formas de vida inteligente não contradiz os princípios fundamentais da fé cristã, mas amplia a compreensão da criação divina.

- **A perspectiva mórmon**

Entre as grandes tradições religiosas contemporâneas, o mormonismo apresenta uma das estruturas teológicas mais compatíveis com a existência de múltiplos mundos habitados.

As escrituras da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias fazem referência à existência de inúmeros mundos criados por Deus e habitados por Seus filhos.

Nessa perspectiva, a vida extraterrestre não constitui uma ameaça doutrinária significativa, mas uma possibilidade já contemplada pela própria cosmologia religiosa.

Ainda assim, questões relacionadas ao papel especial da Terra e à centralidade da missão de Jesus continuariam a gerar debates teológicos.

- **A perspectiva islâmica**

O Islã também oferece elementos que podem facilitar a aceitação da existência de vida extraterrestre.

Diversas passagens do Alcorão fazem referência à criação divina presente nos céus e na Terra, permitindo interpretações compatíveis com a existência de outras criaturas inteligentes.

Contudo, o contato extraterrestre levantaria questões práticas e teológicas importantes.

Por exemplo, como aplicar determinados rituais religiosos em planetas com ciclos astronômicos diferentes da Terra? Como compreender a missão dos profetas diante de múltiplas civilizações espalhadas pelo universo?

Essas questões provavelmente estimulariam novas escolas de interpretação dentro do pensamento islâmico.

- **Uma espiritualidade universal?**

Além dos impactos específicos sobre cada religião, o contato extraterrestre poderá produzir uma transformação mais ampla na espiritualidade humana.

A percepção de que a humanidade não está sozinha no universo poderá estimular visões mais universalistas, menos centradas em divisões étnicas, nacionais ou religiosas.

Muitas pessoas poderão passar a compreender a espiritualidade em uma perspectiva cósmica, reconhecendo a possibilidade de que diferentes civilizações tenham desenvolvido caminhos próprios para compreender a realidade e o transcendente.

Esse processo não eliminaria necessariamente as religiões existentes, mas poderia favorecer uma maior tolerância religiosa e um diálogo intercultural sem precedentes.

- **Filosofia, humanidade e o lugar da terra no Cosmos**

Talvez o impacto mais profundo do primeiro contato não seja tecnológico nem religioso, mas filosófico.

Desde a Antiguidade, os seres humanos procuram responder perguntas fundamentais:

- Quem somos?
- De onde viemos?
- Qual é o nosso papel no universo?

A descoberta de outras inteligências obrigaria a humanidade a reformular muitas dessas respostas.

Assim como a revolução copernicana retirou a Terra do centro do universo físico, o contato extraterrestre poderá retirar a humanidade do centro do universo cultural e intelectual.

Esse processo poderá inicialmente gerar desconforto, mas também abrir novas possibilidades para a compreensão da vida, da consciência e da própria condição humana.

- **O status jurídico dos extraterrestres**

Um dos desafios mais imediatos decorrentes do primeiro contato será a definição do status jurídico dos visitantes extraterrestres.

Atualmente, os sistemas legais terrestres foram concebidos exclusivamente para seres humanos e, em algumas situações, para a proteção de animais e do meio ambiente. Não existem dispositivos jurídicos internacionais capazes de regular adequadamente a presença de uma espécie inteligente não humana proveniente de outro planeta.

A primeira questão a ser enfrentada será determinar se os extraterrestres devem ser considerados sujeitos de direito.

Caso possuam consciência, racionalidade, capacidade de comunicação e autonomia moral, torna-se difícil justificar sua exclusão das categorias jurídicas normalmente atribuídas às pessoas. Nesse contexto, seria necessário desenvolver um novo ramo do Direito Internacional voltado especificamente para as relações interplanetárias.

- **Direitos fundamentais e deveres recíprocos**

O reconhecimento de direitos aos extraterrestres implicaria igualmente a definição de deveres.

Questões como liberdade de circulação, proteção física, acesso a recursos, privacidade, responsabilidade civil e participação em acordos internacionais precisariam ser regulamentadas.

Da mesma forma, os visitantes estariam sujeitos a determinadas obrigações perante a humanidade, especialmente no que se refere à segurança, à transparência e ao respeito pelas instituições terrestres.

A construção desse novo arcabouço jurídico exigiria uma cooperação internacional sem precedentes.

- **Cidadania e imigração interplanetária**

Outro desafio relevante diz respeito à imigração interplanetária.

As legislações atuais pressupõem que qualquer indivíduo pertença a um Estado nacional reconhecido. Extraterrestres, entretanto, não seriam cidadãos de qualquer país terrestre.

Seria necessário criar novos mecanismos legais para regular:

- Entrada e permanência na Terra;

- Residência em outros planetas;
- Viagens interestelares;
- Registro de indivíduos extraterrestres;
- Cooperação consular interplanetária;
- Direitos de residência e trabalho.

Essas questões poderão se tornar ainda mais complexas caso seres humanos passem a residir permanentemente em outros mundos.

- **Quem representará a humanidade?**

Uma das perguntas mais importantes do primeiro contato será: quem falará em nome da humanidade?

Atualmente, não existe uma autoridade planetária capaz de representar oficialmente todos os povos da Terra.

Caso o contato ocorra inicialmente em apenas um país, disputas diplomáticas poderão surgir imediatamente. Nações poderão reivindicar protagonismo político, científico ou econômico na condução das relações com a nova civilização.

Por outro lado, a chegada de visitantes extraterrestres também poderá estimular níveis inéditos de cooperação internacional.

Organizações multilaterais poderão assumir papel central na coordenação das negociações, contribuindo para a construção de uma identidade planetária mais forte.

- **O surgimento de uma governança planetária**

O contato extraterrestre poderá acelerar processos de integração global.

Problemas que atualmente são tratados de forma nacional ou regional passariam a exigir respostas planetárias coordenadas.

Questões relacionadas à defesa, à diplomacia, ao comércio interestelar, à exploração espacial e ao intercâmbio científico poderiam estimular o surgimento gradual de instituições globais mais robustas.

Embora seja improvável a formação imediata de um governo mundial, o contato poderá representar um poderoso incentivo à cooperação internacional.

IMPACTOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS

- **O valor do conhecimento extraterrestre**

A obtenção de conhecimento proveniente de uma civilização mais avançada poderia representar uma das maiores revoluções intelectuais da história.

Mesmo uma simples mensagem contendo informações científicas avançadas teria potencial para transformar profundamente a compreensão humana da natureza.

Caso os extraterrestres tenham milhares ou milhões de anos de desenvolvimento tecnológico adicional, sua experiência acumulada poderá superar tudo o que a humanidade produziu desde o surgimento da civilização.

- **Avanços científicos potenciais**

Diversas áreas do conhecimento poderiam ser beneficiadas.

Entre elas, destacam-se:

Física

Novas teorias sobre espaço, tempo, gravidade e energia poderiam ampliar significativamente a compreensão do Universo.

Medicina

Doenças atualmente incuráveis poderiam tornar-se tratáveis mediante o acesso a novas tecnologias biomédicas.

Energia

Fontes energéticas extremamente eficientes poderiam reduzir drasticamente os impactos ambientais da atividade humana.

Astronomia

A humanidade passaria a conhecer diretamente a realidade de outros sistemas planetários.

Inteligência artificial

Novas formas de processamento de informação poderiam revolucionar praticamente todas as áreas da sociedade.

- **Consequências sociais da tecnologia**

Entretanto, avanços tecnológicos também podem gerar desafios significativos.

A história demonstra que grandes revoluções tecnológicas frequentemente provocam períodos de instabilidade social.

A Revolução Industrial, por exemplo, transformou profundamente a organização econômica e deslocou milhões de trabalhadores.

De forma semelhante, tecnologias extraterrestres poderão tornar obsoletas inúmeras profissões, setores econômicos e modelos de negócio.

A velocidade dessas mudanças poderá superar a capacidade de adaptação das instituições humanas.

- **O impacto sobre a comunidade científica**

A chegada de uma civilização mais avançada poderá gerar reações ambivalentes entre cientistas.

Por um lado, haverá entusiasmo diante da oportunidade de acessar conhecimentos inéditos.

Por outro, alguns pesquisadores poderão sentir que décadas de trabalho se tornaram irrelevantes diante de descobertas já dominadas pelos visitantes.

Com o tempo, entretanto, é provável que prevaleça uma postura colaborativa, transformando a ciência em um esforço verdadeiramente interestelar.

- **Tecnologia e transformação cultural**

A tecnologia extraterrestre não influenciará apenas a ciência.

Assim como a imprensa, a eletricidade, a internet e os computadores alteraram profundamente a cultura humana, novas tecnologias poderão modificar:

- Educação;
- Comunicação;
- Economia;
- Arte;
- Entretenimento;
- Política;
- Relações sociais.

Muitas dessas mudanças poderão ser inicialmente difíceis de prever.

- **A questão da biossegurança interplanetária**

Um dos temas mais discutidos na literatura científica relacionada ao contato extraterrestre envolve os riscos biológicos.

A introdução de organismos provenientes de outra biosfera poderá gerar consequências imprevisíveis para a vida terrestre.

Historicamente, mesmo pequenas transferências biológicas entre continentes provocaram impactos significativos.

A chegada de organismos extraterrestres poderá representar um desafio ainda maior.

- **Patógenos extraterrestres**

Uma preocupação recorrente refere-se à possibilidade de microrganismos alienígenas causarem doenças em seres humanos, animais ou plantas.

Em teoria, organismos extraterrestres poderiam introduzir agentes patogênicos para os quais a biosfera terrestre não possui qualquer mecanismo de defesa.

Entretanto, muitos cientistas argumentam que diferenças bioquímicas fundamentais podem reduzir significativamente essa possibilidade.

Caso a vida extraterrestre utilize estruturas moleculares radicalmente distintas das encontradas na Terra, a compatibilidade biológica poderá ser extremamente limitada.

- **Espécies invasoras interplanetárias**

Mesmo que não sejam patogênicos, organismos extraterrestres podem atuar como espécies invasoras.

Plantas, microrganismos ou formas de vida simples poderiam competir com organismos terrestres, alterando ecossistemas inteiros.

Da mesma forma, organismos terrestres transportados para outros planetas poderiam causar impactos negativos em ambientes extraterrestres.

Por essa razão, protocolos rigorosos de quarentena e proteção planetária serão indispensáveis.

- **Proteção da biosfera terrestre**

O contato interplanetário exigirá novas políticas de biossegurança.

Entre as medidas necessárias, destacam-se:

- Monitoramento biológico contínuo;
- Protocolos de quarentena;
- Controle de transporte de organismos vivos;
- Laboratórios especializados em biossegurança interplanetária;
- Cooperação científica internacional.

A preservação da biosfera terrestre deverá ser considerada uma prioridade estratégica em qualquer processo de intercâmbio interestelar.

- **Equilíbrio entre risco e oportunidade**

Embora os riscos não possam ser ignorados, também é importante reconhecer os potenciais benefícios.

A biologia extraterrestre poderá fornecer informações valiosas sobre:

- Origem da vida;
- Evolução biológica;
- Genética comparada;
- Ecologia planetária;
- Medicina avançada.

Assim, o desafio não será impedir o contato, mas administrá-lo de forma responsável e segura.

O CHOQUE CULTURAL INVERTIDO E O RETORNO À TERRA

- **O retorno dos expatriados interplanetários**

A última etapa do processo de adaptação cultural poderá ocorrer quando seres humanos que tenham vivido durante longos períodos em outro planeta retornarem à Terra. Esse fenômeno, conhecido na antropologia como choque cultural invertido, já é amplamente observado em estudantes, diplomatas, militares e profissionais que retornam ao seu país de origem após experiências prolongadas no exterior.

Entretanto, em um cenário de convivência interplanetária, a intensidade desse processo poderá ser significativamente maior.

Durante sua permanência em outra civilização, os indivíduos desenvolverão novos hábitos, valores, perspectivas filosóficas e formas de interpretar a realidade. Ao regressarem, perceberão que não apenas o mundo mudou durante sua ausência, mas que eles próprios também se transformaram profundamente.

A experiência extraterrestre passará a integrar sua identidade pessoal, tornando impossível um retorno completo à condição anterior.

- **A sensação de estranhamento**

Muitos dos regressantes acreditarão inicialmente que encontrarão a Terra exatamente como a deixaram. Contudo, ao retomarem a convivência cotidiana com familiares, amigos e instituições, perceberão diferenças que antes lhes passavam despercebidas.

Questões como:

- Organização social;
- Relações familiares;
- Sistema político;
- Economia;
- Educação;
- Costumes cotidianos;

passarão a ser observadas sob uma nova perspectiva.

Situações anteriormente consideradas normais poderão parecer inadequadas, ineficientes ou até mesmo irracionais quando comparadas à realidade vivenciada em outro planeta.

Esse processo poderá gerar sentimentos de estranhamento, frustração e deslocamento cultural.

- **Identidades híbridas**

Os indivíduos que viverem em ambientes extraterrestres provavelmente desenvolverão identidades híbridas.

Eles não serão mais exclusivamente terrestres em sua forma de pensar, mas também não serão plenamente membros da cultura extraterrestre.

Essa condição poderá gerar conflitos internos relacionados ao pertencimento e à identidade pessoal.

Muitos regressantes sentirão que não pertencem completamente a nenhum dos dois mundos.

Ao mesmo tempo, sua experiência os tornará importantes mediadores culturais, capazes de facilitar a comunicação e o entendimento entre diferentes civilizações.

- **Nostalgia interplanetária**

Outro efeito possível será o surgimento de uma nostalgia direcionada ao planeta visitado.

Assim como muitos expatriados sentem saudades do país onde viveram, indivíduos que retornarem de experiências extraterrestres poderão desenvolver forte apego emocional à cultura hospedeira.

Será comum que:

- Idealizem o planeta visitado;
- Comparem constantemente as duas sociedades;
- Mantenham vínculos culturais com a civilização extraterrestre;
- Desejem retornar futuramente.

Esse fenômeno poderá ser intensificado caso a sociedade extraterrestre apresente níveis elevados de desenvolvimento social, tecnológico ou filosófico.

- **Reintegração social**

A reintegração dos regressantes exigirá apoio psicológico, social e institucional.

Programas de readaptação poderão tornar-se necessários para auxiliar indivíduos que enfrentem dificuldades em reassumir suas antigas rotinas.

Além disso, a sociedade terrestre também precisará aprender a lidar com pessoas que carregam experiências culturais inéditas e que frequentemente possuirão conhecimentos, perspectivas e valores diferentes dos predominantes na Terra.

O choque cultural invertido, portanto, não afetará apenas os indivíduos que retornam, mas também as comunidades que os recebem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade do primeiro contato explícito entre a humanidade e uma civilização extraterrestre inteligente representa um dos temas mais relevantes para a reflexão sobre o futuro da espécie humana.

Embora frequentemente abordado sob perspectivas científicas e tecnológicas, o impacto mais profundo desse acontecimento provavelmente ocorrerá no campo cultural. A presença de uma civilização não humana desafiará concepções consolidadas acerca da identidade, da religião, da política, da ciência e da própria condição humana.

O modelo das sete fases do choque cultural extraterrestre proposto neste estudo sugere que a humanidade passará por processos previsíveis de fascinação, resistência, negociação, adaptação, integração e transformação cultural.

Tais reações não diferem substancialmente daquelas observadas ao longo da história em encontros entre culturas humanas, embora assumam uma escala sem precedentes diante da interação entre espécies inteligentes distintas.

O contato poderá gerar benefícios significativos, incluindo avanços científicos, ampliação do conhecimento, fortalecimento da cooperação global e redução de preconceitos históricos entre os povos da Terra. Por outro lado, também apresentará desafios relacionados à preservação das identidades culturais, à proteção da biosfera terrestre, à adaptação institucional e à construção de novos marcos jurídicos e diplomáticos.

As religiões, filosofias e sistemas de crenças serão chamados a reinterpretar conceitos fundamentais à luz da existência de outras inteligências no universo.

Da mesma forma, as estruturas políticas e jurídicas precisarão evoluir para contemplar uma realidade verdadeiramente interplanetária.

Independentemente da forma como venha a ocorrer, o primeiro contato extraterrestre poderá marcar o início de uma nova etapa da história humana. Pela primeira vez, a humanidade deixará de se perceber como única referência de inteligência no Cosmos e passará a integrar uma comunidade mais ampla de civilizações.

Preparar-se para esse cenário não significa prever exatamente como ele acontecerá, mas compreender que os desafios culturais, sociais e psicológicos serão tão importantes quanto os avanços científicos e tecnológicos que dele poderão resultar.

O futuro do contato extraterrestre, caso venha a ocorrer, dependerá menos das diferenças entre as civilizações e mais da capacidade humana de compreender, respeitar e adaptar-se ao desconhecido.

REFERÊNCIAS

COPÉRNICO, Nicolau. *De Revolutionibus Orbium Coelestium*. Nuremberg: Johannes Petreius, 1543.

GALILEI, Galileu. *Dialogo sopra i Due Massimi Sistemi del Mondo*. Florença: Gian Battista Landini, 1632.

HUBBLE, Edwin. *The Realm of the Nebulae*. New Haven: Yale University Press, 1936.

MARX, Elisabeth. *Breaking Through Culture Shock*: What You Need to Succeed in International Business. London: Nicholas Brealey Publishing, 2001.

OBERG, Kalervo. Culture Shock: Adjustment to New Cultural Environments. *Practical Anthropology*, v. 7, n. 4, p. 177-182, 1960.

OWAN, Victor Achima. *A Handbook on Culture Shock*: A Cross-Cultural Comparative Experience Between Nigeria (Ejaghem/Etung) and Upstate New York (Adirondacks). Bloomington: AuthorHouse, 2005.

WEINTRAUB, David A. *Religions and Extraterrestrial Life*: How Will We Deal With It? Cham: Springer International Publishing, 2014.

WEINTRAUB, David A. *Is There Life Out There?* Religion and the Search for Extraterrestrial Intelligence. *The Conversation*, 2014.

REVISTA COSMOVNI │ISSN 2675-8466│ NÚMERO 12 │2026/1

O PARADIGMA ALIEN NO FUTURO DA HUMANIDADE

FLORI ANTONIO TASCA

RESUMO

O presente artigo discute a hipótese de uma iminente mudança paradigmática na ciência decorrente da confirmação pública da existência de inteligências extraterrestres. Fundamentado na teoria das revoluções científicas de Thomas Kuhn, o texto sustenta que o paradigma antropocêntrico, predominante na cultura e na ciência contemporâneas, estaria sendo gradualmente substituído pelo denominado Paradigma Alien. A partir da análise do fenômeno UFO e de sua crescente inserção no debate público, são examinadas as possíveis consequências sociais, políticas e jurídicas do contato oficial entre a humanidade e civilizações extraterrestres. Nesse contexto, destacam-se os conceitos de Exopolítica e Exodireito como campos emergentes destinados a compreender e regulamentar as futuras relações interespécies. O artigo recupera contribuições teóricas de autores como Alfred Webre, Michael Salla e Haroldo Valladão, este último precursor das reflexões sobre um Direito Intergentes Planetárias. Argumenta-se que a interação aberta com seres extraterrestres exigirá novos modelos institucionais, jurídicos e éticos, capazes de assegurar direitos, deveres e mecanismos de convivência entre diferentes inteligências. Conclui-se que a eventual confirmação da presença alienígena representaria uma das maiores transformações da história humana, impactando profundamente a ciência, a política, o direito e as relações sociais, ao mesmo tempo em que impulsionaria o desenvolvimento das Exociências como área fundamental para a preparação da humanidade diante de uma futura comunidade estelar.

PALAVRAS-CHAVE

Paradigma Alien. Exopolítica. Exodireito. Fenômeno UFO.

Revolução científica. Ciências Sociais.

ABSTRACT

This article discusses the hypothesis of an imminent paradigm shift in science resulting from the public confirmation of extraterrestrial intelligences. Based on Thomas Kuhn's theory of scientific revolutions, the study argues that the anthropocentric paradigm, still predominant in contemporary culture and science, is gradually being replaced by the so-called Alien Paradigm. Through an analysis of the UFO phenomenon and its increasing presence in public debate, the article examines the possible social, political, and legal consequences of official contact between humanity and extraterrestrial civilizations. In this context, the concepts of Exopolitics and Exolaw are highlighted as emerging fields designed to understand and regulate future interspecies relations. The work revisits theoretical contributions by authors such as Alfred Webre, Michael Salla, and Haroldo Valladão, the latter regarded as a pioneer in reflections on Planetary Intergentile Law. It is argued that open interaction with extraterrestrial beings will require new institutional, legal, and ethical frameworks capable of ensuring rights, duties, and mechanisms for coexistence among different intelligences. The article concludes that the eventual confirmation of extraterrestrial presence would represent one of the greatest transformations in human history, profoundly affecting science, politics, law, and social relations while fostering the development of Exosciences as a fundamental field for preparing humanity to participate in a future stellar community.

KEYWORDS

Alien Paradigm. Exopolitics. Exolaw. UFO Phenomenon.

Scientific revolution. Social Sciences.

RESUMEN

El presente artículo analiza la hipótesis de un inminente cambio de paradigma en la ciencia derivado de la confirmación pública de inteligencias extraterrestres. Basado en la teoría de las revoluciones científicas de Thomas Kuhn, el trabajo sostiene que el paradigma antropocéntrico, predominante en la cultura y la ciencia contemporáneas, estaría siendo sustituido gradualmente por el denominado Paradigma Alienígena. A partir del análisis del fenómeno OVNI y de su creciente presencia en el debate público, se examinan las posibles consecuencias sociales, políticas y jurídicas del contacto oficial entre la humanidad y civilizaciones extraterrestres. En este contexto, se destacan los conceptos de Exopolítica y Exoderecho como campos emergentes destinados a comprender y regular las futuras relaciones interespecies. El artículo recupera las contribuciones teóricas de autores como Alfred Webre, Michael Salla y Haroldo Valladão, considerado precursor de las reflexiones sobre un Derecho Intergentil Planetario. Se argumenta que la interacción abierta con seres extraterrestres exigirá nuevos marcos institucionales, jurídicos y éticos capaces de garantizar derechos, deberes y mecanismos de convivencia entre distintas inteligencias. Se concluye que la eventual confirmación de la presencia extraterrestre representaría una de las mayores transformaciones de la historia humana, impactando profundamente la ciencia, la política, el derecho y las relaciones sociales, además de impulsar el desarrollo de las Exociencias como área fundamental para preparar a la humanidad para una futura comunidad estelar.

PALABRAS CLAVE

Paradigma Alienígena. Exopolítica. Exoderecho. Fenómeno OVNI; Revolución científica. Ciencias Sociales.

SOBRE O AUTOR

FLORI ANTONIO TASCA, gaúcho radicado no Paraná, é graduado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2018), mestre em Direito Privado (1997) e doutor em Direito das Relações Sociais (2001) pela Universidade Federal do Paraná. No campo profissional, é advogado (1993) especialista em recursos cíveis, com forte atuação nos Tribunais brasileiros, além de empresário (2000-) no ramo cultural, titular de Tasca Editorial (projetos especiais), Instituto Flamma (educação corporativa) e Instituto Ômega (cultura geral). Exerceu a função de Juiz Leigo Voluntário para o Tribunal de Justiça do Paraná (2009-2014). Foi professor universitário durante duas décadas, atuando como docente, pesquisador, consultor e gestor educacional em Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas. É membro benemérito do Grande Oriente do Brasil (2018), sócio efetivo do Centro de Letras do Paraná (2006), membro do Instituto dos Advogados do Paraná (2010), integrante da Academia de Cultura de Curitiba (2000). É membro honorário da Força Aérea Brasileira (2009). Especialista em Exociências Sociais, participou de várias entidades de cunho ufológico, proferindo conferências e seminários em eventos de abrangência nacional (2015-). Fundou e coordena o PATOVNI – Grupo Ufológico Paraná (2015-), entidade dedicada a estudar e a divulgar temas sobre Cosmologia e Ufologia. É membro da Comissão Brasileira de Ufólogos. É editor da Revista COSMOVNI.

Contato: fa.tasca@tascaadvogados.adv.br

RUMO A UMA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Em 2023, publiquei *O Paradigma Alien: Revolução nas Ciências Sociais* (TASCA, 2023), fruto de 12 anos de pesquisas e reflexões, obra na qual questiono o antropocentrismo ainda dominante na humanidade. A tese é alicerçada na Filosofia da Ciência, com base nas concepções expostas pelo cientista e filósofo Thomas Kuhn no livro *A estrutura das revoluções científicas* (KUHN, 2017).

No livro, postulo que, embora o antropocentrismo ainda seja ideia prevalente na ciência humana, a confirmação científica da vida alienígena parece iminente, diante dos fenômenos anômalos que desafiam a ciência "normal", subjugada em seus métodos e crenças, tendentes a desacreditar qualquer manifestação que escape dos seus estreitos limites.

Uma nova revolução científica está em curso. A confirmação pública e oficial de que Entidades Biológicas Extraterrestres (EBEs) estão aqui, e há muito interagem com a humanidade, será o golpe fatal na visão antropocêntrica vigente: uma revolução científica e cultural, tal como a realizada por Galileu Galilei (1564-1642) há mais de 400 anos.

"São artefatos sólidos, guiados por causas inteligentes", esses os UFOs que invadiram o espaço aéreo nacional em 1986, como afirmado no relatório final da Força Aérea Brasileira sobre a "Noite Oficial dos OVNIs no Brasil" (CAMARGO, 2021). Causas inteligentes guiavam artefatos estrangeiros. Quem eram? O que queriam? De onde vieram? Essas e outras são questões apresentadas pela Ufologia e pelas Exociências Sociais.

Embora tente, a ciência tradicional não consegue explicar o Fenômeno UFO. Em geral nega-se anormalidade, com apelo a teorias tão ou mais imaginativas do que a tese (robusta) da presença de EBEs em nosso planeta.

O conhecimento público e ostensivo da existência e interação da raça humana com outros povos estelares tornará inquestionável a antiga crença dos infinitos mundos, muitos habitados por seres sencientes, como a Terra (BRUNO, 2006). Em razão de semelhante concepção e de outras ideias reputadas heréticas, em 1600, Giordano Bruno (1584-1600) foi executado pela Inquisição europeia. Galileu só não teve o mesmo destino porque disse que suas ideias, escritas com base em observações astronômicas, eram filosóficas, não científicas ou religiosas.

Quatro séculos depois de Galileu, a humanidade se depara com fenômenos misteriosos, como os de 1947 nos EUA – casos Arnold e Roswell –, ocorridos no intervalo de poucos dias. Os "discos voadores" tripulados já visitariam a Terra naquela época, senão milênios antes, como postulam os teóricos dos astronautas antigos (SITCHIN, 2015).

Desde então eventos anômalos são vistos em vários pontos do planeta, inclusive no Brasil, onde ocorreram casos dos mais significativos na história da Ufologia, como a Operação Prato (1977), A Noite Oficial (1986) e o Caso Varginha (1996). Nesse campo, o grande problema ainda é o acobertamento governamental – principalmente militar, contra o qual lutam ufólogos independentes e organizações civis, destacando-se a Comissão Brasileira de Ufólogos – CBU, presidida pelo decano da Ufologia brasileira, Marco Antonio Petit (1957-).

O Paradigma Alien é uma tese que postula estar a humanidade prestes a dar um salto na ciência, considerando que o antropocentrismo é ideia ultrapassada, tanto quanto era o geocentrismo nos tempos de Galileu e Nicolau Copérnico (1473-1543).

A fenomenologia ufológica desafia a ciência clássica, ainda ancorada em errônea concepção, mas a revolução científica em andamento atestará a veracidade do Paradigma Alien, o qual, aceito pela humanidade, levantará questões sobre como será o futuro relacionamento humano com povos estelares. O futuro da Ufologia está nas Exociências, de fundamental relevância ao processo preparatório para a convivência social interespécies, o qual práticas de Exopolítica e Exodireito (TASCA, 2023).

EXOPOLÍTICA: ORDEM OU CAOS (?)

A constatação de fenômenos anômalos possivelmente associados a seres alienígenas conduziu à reflexão sobre como agiriam esses seres e como estariam estruturadas as suas sociedades. Uma ideia que se mostra relevante é a existir uma (ou mais) espécie de associação ou federação estelar, congregando diversas civilizações planetárias.

Alfred Webre (1942-), o "pai da Exopolítica", advoga essa concepção federativa, acreditando que a humanidade está em processo para ingressar ou mesmo retornar a uma sociedade estelar, depois de ter passado por um período de "quarentena". Para ele, essa federação estelar seguiria certos princípios universais, com natureza jusnaturalista e valores aplicáveis a todas as criaturas sencientes do Cosmos. Uma espécie de convergência moral cósmica, hierarquizada e comandada pela Divindade (WEBRE, 2012).

A concepção de uma federação que disciplinaria o comportamento de um grupo de civilizações planetárias é central na série *Star Trek*, na qual há a "Federação Unida de Planetas". Mais do que criar uma federação interplanetária, a série tem o grande mérito de apresentar uma "estrutura legal" que orienta as ações dos seus membros.

Ao largo da concepção idealista de Star Trek, convém ressalvar uma face sombria da Exopolítica, desnudada principalmente por Michael Salla (1958-), para quem os aliens já estão na Terra e mantêm acordos secretos com o governo dos EUA desde aquele encontro da raça nórdica com o Presidente Eisenhower em 1954 (SALLA, 2012). Os objetivos desses alienígenas não são claros, mas geralmente especula-se que pretendam dominar a humanidade.

Os acordos humano-aliens teriam se renovado ao longo dos anos e estariam sendo ocultados da humanidade por uma rigorosa política de secretismo, tão eficaz que mesmo altas autoridades estadunidenses, como senadores, não têm acesso a detalhes. Como adverte Salla (2012), vislumbra-se um cenário em que, além do governo legal dos EUA, existiria outro, paralelo, atuando em conluio com EBEs.

Tal quadro lembra a série *X Files* (**Arquivo X**), pois ali também há um governo oculto que conspira em parceria com os alienígenas, permitindo a eles que façam abduções e experimentos com humanos em troca de conhecimentos tecnológicos, via engenharia reversa. Em *Arquivo X*, o propósito final dos alienígenas não é nada favorável à humanidade, pois eles visam à sua completa subjugação.

A revelação de vida inteligente em outros mundos e a presença alienígena na Terra, trará consequências para todo o gênero humano, mas o ocultamento das informações (como ocorre até hoje) jamais será a reação ideal. Daí a importância da luta contra o acobertamento, a exemplo da desenvolvida pela CBU há mais de duas décadas.

Quando houver a interação pública, oficial e ostensiva da humanidade com seres do espaço, será necessário um arcabouço legal para garantir direitos, impedindo abusos por raças tecnologicamente superiores(?). Exopolítica e Exodireito são áreas fundamentais para a espécie humana estar coesa e assumir posição em eventuais "negociações interplanetárias".

Em 1958, no alvorecer da era espacial, o jurista brasileiro Haroldo Valladão (1901-1987) assinou o profético artigo "Direito Interplanetário e Direito Intergentes Planetárias" (VALLADÃO, 1958). Valladão postulou a necessidade de um Direito novo para regular a interação entre povos interplanetários, ideia básica do moderno Exodireito.

Será possível alcançar tal realidade quando a humanidade adotar um "espírito universalista", superior aos interesses de nações e indivíduos.

O ingresso da Terra em uma comunidade estelar exigirá colaboração mundial, sendo inadmissível que um único país se arvore para representar a Terra diante de alienígenas, em prejuízo de outras nações. Valladão suscitou reflexões pertinentes sobre o comportamento ideal da humanidade perante uma comunidade estelar: deve-se evitar a repetição, em escala interplanetária, das tragédias que a Terra testemunhou no contato entre diferentes grupos humanos, quando os com maior poderio bélico subjugaram os povos tidos como "primitivos" – alguns muito mais "evoluídos" em valores e virtudes humanas do que os conquistadores (VALLADÃO, 1958).

Além disso, desde a oficialização do contato, impõe-se à humanidade uma "ética do descobrimento de planetas", respeitando os eventuais alienígenas que encontrar e mesmo o entorno de seus mundos. Grandes assembleias mundiais serão necessárias para orientar os passos da humanidade. Há décadas, Valladão enunciava o papel e a importância da ONU nesse processo.

A percepção de Valladão sobre a necessidade de um Direito para regular a interação com novas espécies decorre da própria máxima de que, onde estiver a sociedade, ali estará o Direito: *"ubi societas, ibi ius"*. O propósito do Direito é ordenar a relação de indivíduos e grupos, rumo ao bem comum. Alcançando o espaço, forçoso é reconhecer que o Direito acompanhará a humanidade, inclusive na relação com outros possíveis ordenamentos jurídicos, de origem alienígena.

Para a relação com essas outras inteligências, aplicar-se-á o Exodireito, o qual se vale das noções de Direito e Justiça da Terra, mas ampliadas à escala estelar.

Ainda que não tenha ocorrido a confirmação oficial da existência e da interação de seres de outros mundos com a humanidade, já é possível que os ordenamentos jurídicos terrenos considerem os milhares de relatos de experiências com alienígenas, verificados ao redor do mundo.

A partir do contato oficial, perante a ordem jurídica-social terráquea, os aliens devem ser reputados "pessoas". Inexiste qualquer empecilho para que os alienígenas possam, um dia, vir a ser considerados pessoas, na perspectiva estabelecida na Terra.

O Direito terreno tem considerado, em algumas ocasiões, animais como pessoas (não humanas) e avizinha-se o momento em que tal *status* seja deferido a androides e outros seres de inteligência artificial complexa. Certamente, haverá algum critério para estabelecer a partir de quando uma criação artificial se torna uma "pessoa", mas, de qualquer sorte, a forma humana não é vista como essencial para a caracterização de pessoas, para fins jurídicos.

Caso os alienígenas sejam reconhecidos efetivamente como pessoas pelo ordenamento jurídico terreno, por certo terão que ser respeitados como tais, não sendo de se admitir, por exemplo, que sejam vítimas de preconceitos ou outras manifestações de hostilidade que hoje são praticadas contra minorias na Terra.

Como "pessoas", os alienígenas terão direitos, ao mesmo tempo em que terão a obrigação de cumprir as normas terrestres, implicando, por exemplo, a proibição de abduções de humanos, atitude que os tornaria passíveis de sanções.

Não se sabe quando o contato acontecerá, mas, antes mesmo da revelação da realidade alienígena, já é possível que o ordenamento jurídico contemple situações, como as abduções. Especula-se que o responsável por eventuais violações cometidas contra humanos por aliens seja o próprio e respectivo Estado, com seu dever legal de garantir a proteção dos cidadãos.

Reflitamos sobre a Terra integrar uma organização estelar. Segundo a Teoria do Estado, todos os países terrenos compõem-se de população, território e governo. Em um contexto de interação com outros povos estelares, a Terra há de funcionar como um "superestado", com uma só voz em negociações interplanetárias. Usemos a Teoria do Estado para imaginar se a Terra reúne as condições para integrar uma federação estelar. No momento, o território é o próprio planeta, e a população, os mais de 8 bilhões de humanos. Mas e o governo?

Atualmente há 195 países na Terra, cada um sendo reconhecido pelos demais (com exceções) como autônomos, pessoas jurídicas de direito internacional, por reunirem os elementos de população, território e governo. Por agora, a Terra não possui governo único, uma voz unificada para interagir com a federação.

Mas o formato atual que fragmenta a Terra em nações não é permanente e tampouco ideal, sendo preferível uma "comunidade internacional", embora seja um objetivo difícil de conquistar, no patamar atual da história humana.

O Direito Internacional Público (DIP) sinaliza estratégias para viabilizar a formação dessa comunidade internacional e, ao mesmo tempo, especular sobre a existência de normas similares para regular a interação entre espécies alienígenas.

Por mais que os alienígenas possam ser "superiores" aos humanos, podendo até mesmo suprimir a vida humana no planeta, eles parecem estar sujeitos a certas normas, quiçá semelhantes à Primeira Diretriz de *Star Trek*. Mas, a julgar pelos supostos acordos que teriam celebrado com os EUA, eles se valem de instrumentos como tratados, correntes no DIP.

Imagina-se que entes federados sejam centralizadores, emitindo regramentos positivados e prescrevendo sanções a quem descumprir tais normas, a exemplo da Federação Unida de Planetas em *Star Trek*.

PARA PENSARMOS

A anomalia científica do Fenômeno UFO indica que a humanidade está prestes a sofrer uma revolução na ciência: do paradigma antropocêntrico ao Paradigma Alien. Um mundo certamente muito diferente será aquele quando já houver o contato rotineiro de EBEs com humanos. A interação humana com outras inteligências há de gerar impactos sobre todas as Ciências Sociais.

A nova realidade extrapolará o âmbito “público”, pois, em verdade, as relações privadas como um todo se modificarão a partir do contato com os alienígenas. Pode-se imaginar que, com o tempo, surjam inclusive casamentos interespécies. O histórico da humanidade sugere que haverá resistência de parte da sociedade para o reconhecimento de tais uniões, mas é bem possível que, por fim, elas sejam legitimadas e recebam o devido amparo civil, positivado na legislação humana.

Questões como propriedade, sucessão e várias outras que marcam a vida civil abrangerão então seres de outros mundos que, eventualmente, se relacionem com terráqueos. Em suma, tudo indica a tendência de que os alienígenas possam ser perfeitamente integrados à vida civil da Terra. Por outro lado, esses seres precisarão se adequar às normas do nosso planeta.

Se, por exemplo, no mundo de origem deles a noção de propriedade já houver sido abolida, em prol do bem comum (como reporta a casuística ufológica), não significa que lhes seja permitido, aqui na Terra, usufruir de coisas que, pela lei humana, não lhes pertencem. Um alienígena na Terra precisará estar sujeito à legislação própria do planeta.

Não é surpresa que uma mudança de paradigma com tal magnitude e gravidade – a maior de toda a trajetória humana – gere importantes efeitos sobre a Política e o Direito, áreas que precisarão se adequar às relações com os alienígenas.

É improvável que a simples ampliação de um dos ramos jurídicos já existentes na Terra, como o Direito Internacional Privado (DIP) ou sua derivação, o Direito Espacial, abarque todos os fenômenos decorrentes da interação de humanos com irmãos estelares. Tais ramos da árvore jurídica surgiram após a humanidade ter alcançado novos espaços de atuação territorial. O DIP nasceu a partir do contato de diferentes nações, cada uma com as suas próprias normas jurídicas, situação que ultrapassava os limites do Direito interno de cada país. O Direito Espacial, por sua vez, surgiu a partir do momento em que o ser humano passou a ocupar o espaço exterior, área que não pertence a qualquer país, extrapolando as clássicas fronteiras jurídicas.

Por razões similares, a partir do momento em que a humanidade estabeleça relações abertas com civilizações de outros planetas, cada uma com o seu próprio ordenamento jurídico ou sujeita à legislação de alguma Federação, o DIP e o Direito Espacial serão insuficientes e será preciso que se estabeleça outra área jurídica para abrigar a nova realidade, o Exodireito.

O Direito Espacial, por mais que tenha objeto afeito a um contexto extraplanetário, constrói-se na perspectiva eminentemente antropocêntrica, sendo, antes, regras para a ocupação humana no espaço sideral. Assim, embora formalmente parte do DIP terreno, não deixa de ser um Direito "interno", por estar restrito ao gênero humano. O relacionamento com seres de outros planetas, contudo, exige um Direito que, por mais que defenda os interesses do ser humano, reconheça-o como apenas mais uma espécie entre muitas outras com as quais terá que se relacionar política e juridicamente.

Valladão (1958) chamou isso de Direito Intergentes Planetárias, mas hoje é o que se propõe como Exodireito, justamente o Direito voltado às possíveis relações jurídicas entre humanos e seres de outros mundos. Dado o contexto mais amplo, com alcance estelar, deverá o Exodireito se sobrepor, hierarquicamente, ao DIP e ao seu tópico mais pertinente ao tema, o Direito Espacial, além, evidentemente, do Direito interno de cada país, de tal forma que todos os ramos do Direito possam estar alinhados com aquilo que a humanidade acordar em seu relacionamento com os alienígenas.

O Exodireito e a Exopolítica se complementam, sendo que o primeiro garante a própria aplicação da segunda em bases consideradas justas para todos. As duas áreas se mostram fundamentais para orientar a radical transformação pela qual a humanidade passará após a revelação da realidade alienígena.

Uma vez constatada a necessidade de aplicação do Exodireito, formando-se uma comunidade internacional, é oportuno observar alguns meios pelos quais a humanidade pode se preparar para esse contexto, o que inclui a Educação e a Comunicação interespécies, temas para futuros artigos na revista Fenômeno UFO – Referência em Ufologia.

Enfim, o futuro da Ufologia está nas Exociências. Mas e, quando houver o contato ostensivo da humanidade com outras raças estelares, a Ufologia estará extinta, será seu fim? Não, pois, dada a magnitude do Cosmos, sempre haverá alguma manifestação inteligente fora dos limites do conhecimento humano. É meu pensamento. Vamos refletir (...). Vida longa e próspera a todas as humanidades!

REFERÊNCIAS

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BRUNO, Giordano. *Do infinito, do universo e dos mundos*. 2. ed. São Paulo: Madras, 2006.

CAMARGO, Jackson Luiz. *A Noite Oficial dos OVNIs no Brasil*. Curitiba: Biblioteca UFO, 2021.

SALLA, Michael E. *Exposición de las políticas del gobierno USA sobre la vida extraterrestre*: los retos de la Exopolítica. Hawaii: Instituto de Exopolítica, 2012.

SITCHIN, Zecharia. *O 12º planeta*: crônicas da Terra. Livro I. São Paulo: Madras, 2015.

TASCA, Flori Antonio. *O paradigma alien*: revolução nas ciências sociais. Curitiba: Tasca Editorial, 2023.

VALLADÃO, Haroldo. Direito interplanetário e direito intergentes planetárias. *Revista Forense*, Rio de Janeiro, v. 177, p. 13-27, maio/jun. 1958.

WEBRE, Alfred Lambremont. *Exopolítica*: la política, el gobierno y la ley en el Universo. Málaga: Ediciones Vesica, 2012.

A CIÊNCIA NA INVESTIGAÇÃO DOS AGROGLIFOS: EVIDÊNCIAS ANÔMALAS, VÓRTICES DE PLASMA E O ENIGMA QUE PERSISTE

DOUGLAS ALBRECHT

RESUMO

Os agroglifos constituem um dos fenômenos mais controversos da atualidade, caracterizados por formações geométricas complexas que surgem repentinamente em campos cultivados. Embora muitos casos sejam reconhecidamente produzidos por ação humana, determinadas ocorrências apresentam anomalias botânicas, fisiológicas, microbiológicas e eletromagnéticas que permanecem sem explicação consensual. Este artigo revisa registros históricos do fenômeno, desde relatos medievais e a descrição científica de J. Rand Capron publicada na revista *Nature*, em 1880, até estudos contemporâneos conduzidos por W. C. Levengood e colaboradores sobre alterações anatômicas em plantas expostas a possíveis fontes de energia eletromagnética. São discutidas evidências relacionadas à expansão nodal, modificações celulares, alterações na germinação de sementes e a hipótese de atuação de vórtices de plasma atmosférico como mecanismo formador. O trabalho também apresenta análises realizadas no agroglifo de Prudentópolis (PR), em 2016, envolvendo avaliações morfológicas, químicas, microbiológicas e eletromagnéticas, cujos resultados indicaram diferenças significativas entre amostras coletadas no interior e no exterior da formação. Além disso, são abordados casos recentes registrados no Brasil e no Reino Unido, destacando-se a persistência de padrões recorrentes observados internacionalmente. Conclui-se que, apesar das limitações metodológicas e da ausência de consenso científico, determinadas evidências justificam a continuidade de investigações multidisciplinares sobre o fenômeno, mantendo aberto o debate acerca de sua origem e dos mecanismos físicos potencialmente envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE

Agroglifos. Vórtices de plasma. Anomalias botânicas.
Fenômenos atmosféricos. Investigação científica.

ABSTRACT

Crop circles are among the most controversial phenomena studied today, characterized by complex geometric formations that appear suddenly in cultivated fields. Although many cases have been demonstrated to result from human activity, some occurrences exhibit botanical, physiological, microbiological, and electromagnetic anomalies that remain unexplained. This article reviews historical records of the phenomenon, from medieval accounts and the scientific description published by J. Rand Capron in Nature in 1880 to contemporary studies conducted by W. C. Levengood and collaborators concerning anatomical alterations in plants exposed to possible electromagnetic energy sources. Evidence related to nodal expansion, cellular modifications, seed germination changes, and the hypothesis of atmospheric plasma vortices as a formation mechanism is discussed. The paper also presents analyses conducted on the Prudentópolis crop circle (Paraná State, Brazil) in 2016, including morphological, chemical, microbiological, and electromagnetic assessments, whose results revealed significant differences between samples collected inside and outside the formation. Recent cases reported in Brazil and the United Kingdom are also examined, highlighting recurring patterns observed internationally. It is concluded that, despite methodological limitations and the absence of scientific consensus, certain findings justify the continuation of multidisciplinary investigations into the phenomenon, keeping open the debate regarding its origin and the physical mechanisms potentially involved.

KEYWORDS

Crop circles. Plasma vortices. Botanical anomalies.
Atmospheric phenomena. Scientific investigation.

RESUMEN

Los agroglifos constituyen uno de los fenómenos más controvertidos de la actualidad, caracterizados por formaciones geométricas complejas que aparecen repentinamente en campos cultivados. Aunque muchos casos han sido reconocidos como producto de la acción humana, determinadas ocurrencias presentan anomalías botánicas, fisiológicas, microbiológicas y electromagnéticas que permanecen sin una explicación consensuada. Este artículo revisa los registros históricos del fenómeno, desde relatos medievales y la descripción científica publicada por J. Rand Capron en la revista Nature en 1880, hasta estudios contemporáneos desarrollados por W. C. Levengood y colaboradores sobre alteraciones anatómicas en plantas expuestas a posibles fuentes de energía electromagnética. Se analizan evidencias relacionadas con la expansión nodal, modificaciones celulares, alteraciones en la germinación de semillas y la hipótesis de los vórtices de plasma atmosférico como mecanismo formador. Asimismo, se presentan análisis realizados en el agroglifo de Prudentópolis (Paraná, Brasil) en 2016, incluyendo evaluaciones morfológicas, químicas, microbiológicas y electromagnéticas, cuyos resultados indicaron diferencias significativas entre las muestras recolectadas dentro y fuera de la formación. También se examinan casos recientes registrados en Brasil y el Reino Unido, destacándose la persistencia de patrones recurrentes observados internacionalmente. Se concluye que, a pesar de las limitaciones metodológicas y de la ausencia de consenso científico, ciertas evidencias justifican la continuidad de investigaciones multidisciplinarias sobre el fenómeno, manteniendo abierto el debate acerca de su origen y de los mecanismos físicos potencialmente involucrados.

PALABRAS CLAVE

Agroglifos. Vórtices de plasma. Anomalías botánicas.
Fenómenos atmosféricos. Investigación científica.

SOBRE O AUTOR

DOUGLAS ALBRECHT NOVO DE OLIVEIRA é paulista, profissional dedicado e de formação ampla nas áreas de Agronomia e Engenharia Civil. Graduado em Agronomia pela UDESC (2002) e em Engenharia Civil pela UDC (2014), possui especialização em Análise de Estruturas (2018), o que reflete seu interesse constante em unir conhecimento técnico e visão prática. Atuou por 17 anos no Paraguai como engenheiro agrônomo, assessorando produtores de soja e milho e acumulando vasta experiência no setor agrícola. Posteriormente, voltou-se à Engenharia Civil, atuando como engenheiro calculista e estruturalista, prestando serviços para diversas empresas da construção civil. Em 2016, participou de pesquisa de campo no agroglifo de Prudentópolis, realizando coleta e análise de amostras de folhas e solo. O estudo resultou em informações inéditas sobre o fenômeno, agregando dados valiosos à investigação científica sobre agroglifos. Interessado em temas que unem ciência e mistério, Douglas é Conselheiro do PATOVNI – Grupo Ufológico Paraná, onde contribui com sua experiência técnica e seu olhar investigativo para o estudo de fenômenos incomuns e suas possíveis implicações científicas.

INTRODUÇÃO

Sou engenheiro agrônomo de primeira formação (UDESC, 2002) e engenheiro civil (UDC, 2014), com atuação como consultor técnico na área de Engenharia de estruturas. Minha formação é multidisciplinar e une o rigor da agronomia e da engenharia à curiosidade científica pelo inexplicável. Há anos investigo fenômenos anômalos em lavouras, especialmente os agroglifos (*crop circles*), combinando análise de campo, dados botânicos e referências científicas históricas. Apresento uma reflexão sobre o fenômeno unindo evidências empíricas e publicações revisadas por pares. Meu objetivo com esse artigo é explorar o fenômeno com seriedade científica, sem descartar o mistério que o envolve.

Os agroglifos são formações geometricamente complexas — círculos, anéis, estrelas, fractais e padrões intrincados — que surgem da noite para o dia em campos de cereais (trigo, cevada, milho, aveia). As plantas são achatadas em posição horizontal, muitas vezes em redemoinhos ou camadas entrelaçadas, com diâmetros que variam de poucos metros a mais de 80 m.

O que torna o fenômeno fascinante é a precisão matemática e a aparente impossibilidade de replicação humana em escala e tempo tão curtos. Embora muitos sejam atribuídos a *hoaxes* (falsificações), um subconjunto significativo exibe anomalias botânicas, fisiológicas e estruturais que desafiam explicações convencionais como vento, chuva ou vandalismo.

RAÍZES HISTÓRICAS: LUZES, "DIABO CEIFEIRO" E REGISTROS ANTIGOS

O fenômeno não é moderno. Um tabloide inglês de 1678, *The Mowing-Devil*, descreve um fazendeiro que, após discutir com um ceifeiro, viu seu campo de aveia "ceifado" por uma figura demoníaca em uma única noite, deixando um círculo perfeito. Na literatura francesa do ano 800 d.C., o bispo de Lyon advertia um padre sobre paroquianos que coletavam sementes de "círculos aplainados por luzes" para rituais de fertilidade, interpretados como adoração ao diabo. Esses relatos sugerem que luzes misteriosas e achatamento seletivo de culturas acompanham o fenômeno há séculos — um fio condutor que reaparece em investigações contemporâneas.

O PRIMEIRO REGISTRO CIENTÍFICO: A CARTA DE J. RAND CAPRON À *NATURE* (1880)

Em 29 de julho de 1880, o jornal científico *Nature* (v. 22, p. 290-291) publicou a carta "Storm Effects", do astrônomo amador e espectroscopista britânico J. Rand Capron. Ele relatava observações em um campo de trigo em Guildford, Surrey, após tempestades violentas e localizadas:

"As tempestades sobre esta parte de Surrey têm sido ultimamente muito violentas e localizadas, e os efeitos produzidos em alguns casos são curiosos.

Visitando a fazenda de um vizinho na noite de quarta-feira (21), encontramos em um campo de trigo partes acamadas em manchas formando, visto à distância, algumas manchas circulares. Examinadas mais de perto, todas elas apresentavam quase a mesma característica, a saber, alguns caules eretos no centro, alguns caules acamados com suas espigas dispostas uniformemente em uma direção formando um círculo ao redor do centro, e fora deles uma parede circular com caules que não sofreu acamamento. Envio um rascunho feito no local, dando como ideia o mais perfeito dessas formações. O solo é um franco arenoso, e o cultivo está verde e vigoroso, com hastes fortes, e eu não podia rastrear localmente quaisquer circunstâncias que respondessem às formas peculiares das manchas no campo, nem indicar se era vento ou chuva, ou ambos combinados, o que os havia causado, além da evidência geral em todos os lugares com fortes chuvas. Eles foram para mim sugestivos de alguma ação ciclônica do vento, e talvez tenham sido notados em outros lugares por alguns de seus leitores.”

Capron atribuiu o fenômeno a "ação ciclônica do vento", mas destacou o padrão preciso: centro ereto, anel acamado e parede externa intacta. O cultivo estava na fase de desenvolvimento 10.1–11 da escala Feekes & Large (alongamento a espigamento), o que coincide com muitos agroglifos modernos. Essa carta marca o primeiro registro científico do fenômeno e introduz o enigma: como forças atmosféricas criam geometrias tão regulares em tempo tão curto?

A VIRADA CIENTÍFICA: ANOMALIAS ANATÔMICAS EM PLANTAS (LEVENGOOD, 1994 E 1999)

O marco da investigação moderna veio com o biofísico W. C. Levengood. Em estudo publicado na *Physiologia Plantarum* (revista de botânica experimental revisada por pares), ele analisou mais de 80 formações de 1990–1992, coletadas no Canadá, no Reino Unido, nos EUA e na Austrália. Amostras foram coletadas 1–5 dias após a formação, comparadas com controles a 300 m de distância (6–10 plantas por local).

Os principais achados (Levengood, 1994) foram:

- Expansão anormal dos nós do caule (pulvino), com edema e deformações macroscópicas.
- Aumento significativo no diâmetro dos plasmodesmos (canais nas paredes celulares, "pits"), medido em microscopia (diferenças estatisticamente significativas, $P < 0,05$).
- Malformações embrionárias grosseiras e tecido epidérmico carbonizado.
- Alterações na germinação e desenvolvimento de sementes.
- Evidências de aquecimento transitório (altas temperaturas breves).

Em experimento controlado, Levengood expôs espigas de trigo a micro-ondas (600 W) e reproduziu o aumento de 14% no diâmetro dos plasmodesmos — exatamente o observado nos agroglifos.

Em 1999, com Nancy P. Talbott, Levengood ampliou a análise (*Physiologia Plantarum*, 105: 615–624). Estudaram respostas gravitrópicas simuladas (plantas acamadas artificialmente com diferentes doses de nitrogênio) e concluíram que nem superfertilização nem gravitropismo explicam as expansões nodais. Propuseram que 95% das formações globais resultam de vórtices de íons em estado de plasma na baixa atmosfera. Esses vórtices entregam energia eletromagnética suficiente para dobrar caules, criar cavidades de expulsão e alterar estruturas celulares via absorção de energia. Os padrões entrelaçados seguem princípios de dinâmica de fluidos de pares de vórtices retilíneos.

Essas alterações são incompatíveis com *hoaxes*: plantas “queimadas” por dentro permanecem verdes por fora, e sementes de plantas afetadas mostram desenvolvimento retardado apesar de aparência normal.

INVESTIGAÇÃO SOBRE VÓRTICES DE PLASMA: DO LABORATÓRIO À ATMOSFERA E AOS AGROGLIFOS

Os vórtices de plasma (ou vórtices de íons em estado de plasma) são estruturas rotatórias de gás ionizado — plasma, o quarto estado da matéria, composto de íons positivos, elétrons livres e partículas neutras — organizadas por forças eletromagnéticas e hidrodinâmicas.

Eles não são simples redemoinhos de ar como um tornado comum: envolvem campos elétricos e magnéticos intensos que estabilizam e energizam o plasma, criando fluxos espiralados com propriedades únicas, como aquecimento localizado, emissões de micro-ondas e alterações em materiais expostos.

O QUE A FÍSICA SABE SOBRE VÓRTICES DE PLASMA?

Na física de plasmas (estudada em laboratórios de fusão nuclear, astrofísica e geofísica espacial), vórtices de plasma surgem naturalmente quando há gradientes de velocidade, campos magnéticos ou instabilidades eletrostáticas. Exemplos:

- Na ionosfera e atmosfera terrestre – Vórtices observados em nuvens ionizadas de frentes de tempestade têm natureza de plasma. A instabilidade eletrostática do plasma contribui para sua formação, intensificação e decaimento (IZHOVKINA, 2014). Campos elétricos atmosféricos, aerossóis ionizados e a força de Coriolis (devido à rotação da Terra) criam girotropia (movimento rotacional).
- No espaço – Vórtices no rastro de plasma de Vênus, na magnetosfera terrestre (jatos de plasma geram vórtices opostos que produzem correntes alinhadas ao campo magnético e auroras) ou no vento solar.
- Em laboratório – São gerados em reatores de fusão ou experimentos com plasmas magnéticos confinados. Podem ser “colunares” (alongados) ou esféricos, e exibem instabilidades que levam a turbulência ou dissipação de energia.

Em resumo, vórtices de plasma são reais, mensuráveis e estudados em contextos científicos *mainstream* — mas geralmente em escalas microscópicas, ionosféricas ou astrofísicas, não como fenômenos de superfície que "desenham" padrões no solo. Em um caso notável (1994), poeira magnética (óxidos de ferro de meteorito) foi encontrada fundida em um agroglifo, interpretada como evidência de plasma atmosférico interagindo com material meteórico — embora céticos tenham atribuído o fenômeno posteriormente a ferrugem de materiais usados em *hoaxes*.

CRÍTICAS, LIMITAÇÕES E O DEBATE ATUAL

Apesar dos dados intrigantes, a hipótese enfrenta forte ceticismo científico:

- Razão circular – Levengood assumia que as formações analisadas eram "genuínas" para provar o mecanismo (NICKELL, 1992). Algumas formações que ele considerou autênticas (ex.: Mandelbrot) foram depois confirmadas como *hoaxes* humanos.
- Falta de replicação independente: Nenhum estudo duplo-cego amplo confirmou os resultados. Críticos apontam viés do pesquisador e ausência de controles rigorosos.
- Complexidade dos padrões: Vórtices naturais explicam círculos simples ou espirais, mas não fractais, sequências matemáticas ou pictogramas elaborados que surgem da noite para o dia.

A ciência "status quo" vê os vórtices de plasma como fenômenos reais em outros contextos, mas não como criadores rotineiros de agroglifos geométricos. Alguns pesquisadores continuam investigando anomalias biológicas e relatos de luzes, mas sem consenso.

CASOS BRASILEIROS E RECORRÊNCIAS RECENTES

No Brasil, o fenômeno ganhou visibilidade em Prudentópolis (PR) entre 2015 e 2016, com círculos e anéis em lavouras de trigo. Imagens aéreas mostram precisão geométrica idêntica aos casos ingleses. Mais recentemente, Ipuaçu (SC) — autodenominada "Capital Nacional dos Agroglifos" desde 2008 — tem registrado formações complexas anualmente. Em 3 de novembro de 2025, surgiu um novo agroglifo em trigo com design geométrico intrincado (estrela de 14 pontas envolvendo triângulo equilátero), atraindo ufólogos e turistas. Há ainda o Projeto Esfera, iniciativa científica, capitaneada pelo Ufólogo paranaense, da cidade de Guarapuava, Carlos Alberto Machado, professor associado da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), também fundador do Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica (CIPEX). Suas contribuições para a Ufologia brasileira são apresentadas nos livros *Olhos de Dragão – Reflexões para uma nova realidade* (2000, Editora Chain, 364 páginas) e *Estranha Colheita: Mutilações Humanas do Insólito* (2018, Editora Estronho, cerca de 360 páginas), além de ter documentários premiados.

O Projeto Esfera conta com um site (https://projetoesfera.com.br/), no qual são apresentadas as diretrizes do grupo, que tem como objetivo principal a realização de análises de campo rápidas e rigorosas, a fim de coletar evidências sobre o fenômeno, capazes de provar se há fraude ou não. Esses casos brasileiros reforçam o padrão global: surgimento noturno, geometria complexa e ausência de pegadas ou evidências humanas.

ANÁLISES MULTIDISCIPLINARES NO AGROGLIFO DE PRUDENTÓPOLIS/PR (2016) – UMA DÉCADA DEPOIS

Eu estive lá. Uma única vez, no local onde, após o aparecimento do fenômeno, vários pesquisadores, professores universitários e a mídia especializada no tema se reuniram com o propósito de estudar o fenômeno, sem busca por likes e sem exibicionismo. Desenvolvi estudos de coleta de solo e plantas, e posteriormente analisei alguns resultados microbiológicos, tirados do solo, tendo a coleta ficado a cargo da equipe da antiga Revista UFO, capitaneada por José Ademar Gevaerd.

As análises envolveram morfologia vegetal, química do solo, microbiologia e anomalias eletromagnéticas, revelando padrões anômalos consistentes com alterações induzidas por energias transientes. Quanto à morfologia nodal, observou-se que a distância da dobra às raízes nodais foi significativamente menor nas plantas do interior do círculo (1,65 ± 0,39 cm), em comparação com o controle “43” (2,69 ± 1,49 cm), com diferença estatisticamente significativa ($p = 0,00000741$; t-calculado = 4,80; $\alpha = 0,05$). As dobras no caule dentro do agroglifo apresentaram-se mais precisas e rentes ao solo.

Adicionalmente, foram identificadas alterações nas propriedades químicas do solo até 130 metros de distância do centro, resultando em concentrações distintas de nutrientes e metais nas plantas afetadas. Respostas fototrópicas atípicas também foram registradas, atribuídas ao curto intervalo de tempo entre a formação do círculo e a coleta das amostras.

Na análise microbiológica, a Dra. Nadia F. G. Serrano (microbiologista e pesquisadora) e o engenheiro físico Dr. Fernando M. Araújo-Moreira (professor titular do Departamento de Física da UFSCar) realizaram o processamento de amostras vegetais (espigas externas EE, espigas centrais EC, plantas centrais PC e 5º nó) e de solo (solo externo SE e solo central SC), coletadas por Inajar Antônio Kurowski, membro então da equipe da antiga revista UFO. As amostras foram suspensas em solução fisiológica 0,9 %, plaqueadas em ágar TSA e incubadas a 28 °C e 37 °C por 24 h. Os resultados preliminares demonstraram padrões de crescimento microbiano diferenciados: crescimento de fungos filamentosos a 28 °C e microrganismos ainda não identificados a 37 °C na região do 5º nó. Notadamente, observou-se a ausência completa de crescimento microbiano na região da dobra do caule das plantas centrais (PC), tanto a 28 °C quanto a 37 °C — achado altamente anômalo, considerando a rica presença de seiva bruta e elaborada (fonte de sais minerais e açúcares simples) nessa estrutura. Análises quantitativas do solo revelaram ainda diferenças marcantes na área de crescimento microbiano entre amostras internas e externas ao círculo.

Complementando os estudos, Alcides Cores, técnico em eletrônica do Aeroporto Internacional Afonso Pena (Curitiba-PR), conduziu medições radiométricas de campo eletromagnético no interior da formação, utilizando o medidor ED85EX (Cornet Microsystems), com faixa de detecção de 1 MHz a 8 GHz e sensibilidade de –65 dBm a 0 dBm.

Apesar da ausência de fontes antropogênicas próximas (antena de telefonia mais próxima a 4,24 km), foram detectadas intensas flutuações de sinal no centro do círculo, com variações rápidas entre –27,1 dBm e –64 dBm, acompanhadas de histograma instável. A densidade de potência máxima registrada atingiu 141,8 mW/m² — valor consideravelmente superior ao fundo típico urbano (cerca de 40 mW/m²), mesmo em ambientes com múltiplas fontes de radiofrequência.

Esses achados reforçam a presença localizada de anomalias físico-químicas, microbiológicas e eletromagnéticas no interior do agroglifo, alinhando-se a evidências internacionais previamente descritas por Levengood (1994; 1999) e contribuindo para o debate científico sobre mecanismos não convencionais de formação dos círculos.

Hoje, após uma década, e revisando meus resultados das análises de solo e plantas, ainda a dúvida persiste, pois, após o evento de Prudentópolis em 2016, não foi possível reproduzir o trabalho e tampouco foi possível realizar a revisão por pares. Logo, ainda continuamos presos aos resultados de 2016, que são mantidos como evidências empíricas, sem lastro científico convencional.

CASOS BRITÂNICOS EM 2026
INÍCIO PRECOCE E SIMBOLISMO ANCESTRAL

A temporada de agroglifos de 2026 no Reino Unido iniciou-se de forma excepcionalmente precoce, ainda em abril, nos campos de canola, cultura que permite a visualização de formações antes da maturação do trigo e da cevada.

Até o início de maio de 2026, apenas duas formações foram oficialmente documentadas e amplamente reportadas pelos principais portais de monitoramento, como Temporary Temples e Crop Circle Connector.

A primeira formação da temporada surgiu em 4 de abril de 2026, em Bondip Hill, Ilchester, Somerset. Localizada ao norte da rodovia A303, sobre uma antiga estrada romana, trata-se de uma cruz celta (cruz simples inscrita em um círculo/anel) de aproximadamente 30 metros de extensão. O design simples, porém executado com precisão geométrica impecável, foi reportado exatamente na véspera e no domingo de Páscoa. O padrão apareceu em um campo de canola em plena floração, gerando imediata atenção pela simbologia cristã pagã e possível conexão com eventos astronômicos contemporâneos.

Bondip Hill, Ilchester, Somerset – 2026

Imagens aéreas e vídeos de solo revelam camadas suaves e redemoinhos característicos, sem evidências óbvias de entrada humana. Pesquisadores destacam o local histórico: Bondip Hill já havia recebido um agroglifo em 2020.

A segunda formação, considerada por muitos o marco mais significativo até o momento, materializou-se em 29 de abril de 2026, em Waden Hill, próximo a Avebury, Wiltshire. Com cerca de 25 metros de diâmetro e formato de haltere (*dumbbell*), o agroglifo surgiu em outro campo de canola com vista privilegiada para Silbury Hill — o maior monumento artificial da Europa pré-histórica. A localização é altamente simbólica: o complexo neolítico de Avebury é um dos *hotspots* históricos do fenômeno.

Vídeos aéreos capturados por equipes como Crop Circles From The Air mostram um layout limpo, com plantas achatadas em espirais suaves e camadas entrelaçadas. O agricultor removeu a formação poucos dias após sua descoberta, mas as fotografias, diagramas e registros preservam sua geometria e contexto arqueológico. Esses dois casos iniciais reforçam características clássicas do fenômeno britânico: surgimento noturno ou em questão de horas, precisão matemática, proximidade com sítios megalíticos e o reaparecimento precoce em canola. A temporada de 2026 promete intensificar-se entre junho e agosto em Wiltshire e Hampshire, mas o início antecipado já reacende o debate sobre mecanismos naturais (como vórtices de plasma ionizado), intervenções humanas sofisticadas ou forças ainda desconhecidas. Pesquisadores continuam monitorando a região, e novas formações mais complexas são aguardadas com expectativa.

O MISTÉRIO QUE PERMANECE

Apesar dos avanços — da carta de Capron à modelagem de plasma por Levengood —, o enigma persiste. Muitos agroglifos exibem matemática avançada (fractais, sequências de Fibonacci, proporções áureas) e efeitos biológicos que simulam energia direcionada, não vandalismo ou meteorologia comum. As anomalias celulares sugerem um mecanismo físico real, possivelmente relacionado a fenômenos atmosféricos elétricos ou energias desconhecidas. No entanto, *hoaxes* bem-feitos existem, e o debate entre "tudo humano" e "alguma coisa mais" continua acalorado.

E se parte desses fenômenos for produto de forças naturais ainda não compreendidas pela ciência mainstream? Ou, ousando mais, de inteligência não humana comunicando-se por símbolos universais?

A ciência avança questionando o inexplicável. Os agroglifos nos convidam a olhar para o céu — e para o chão — com olhos mais atentos.

E você, leitor? Acha que todos os agroglifos são falsificações elaboradas, ou há evidências suficientes para suspeitar de algo maior, que transcende nossa compreensão atual da física e da botânica? O mistério continua em aberto.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Douglas. *Análises multidisciplinares do agroglifo de Prudentópolis (PR)*: dados de campo, análises laboratoriais e registros técnicos. Relatório técnico não publicado, 2016.

ARAÚJO-MOREIRA, Fernando M.; SERRANO, Nadia F. G.; KUROWSKI, Inajar Antônio; ALBRECHT, Douglas. *Relatório preliminar de análises microbiológicas, eletromagnéticas e morfológicas do agroglifo de Prudentópolis (PR)*. Documento técnico não publicado, 2016.

CAPRON, J. Rand. *Storm effects*. Nature, Londres, v. 22, n. 561, p. 290-291, 29 jul. 1880.

CROP CIRCLE CONNECTOR. *International crop circle archive and reports*. Disponível em: https://www.cropcircleconnector.com/. Acesso em: 11 jun. 2026.

IZHOVKINA, N. I. Plasma vortices in the ionosphere and atmosphere. *Geomagnetism and Aeronomy*, New York, v. 54, n. 6, p. 802-812, 2014.

IZHOVKINA, N. I.; ARTEKHA, S. N.; EROKHIN, N. S.; MIKHAILOVSKAYA, L. A. Interaction of atmospheric plasma vortices. *Pure and Applied Geophysics*, Cham, v. 173, n. 8, p. 2945-2957, 2016.

LEVENGOOD, W. C. Anatomical anomalies in crop formation plants. *Physiologia Plantarum*, Copenhagen, v. 92, n. 3, p. 356-363, 1994.

LEVENGOOD, W. C.; TALBOTT, N. P. Dispersion of energies in worldwide crop formations. *Physiologia Plantarum*, Copenhagen, v. 105, n. 4, p. 615-624, 1999.

MACHADO, Carlos Alberto. *Estranha colheita: mutilações humanas do insólito*. São Paulo: Estronho, 2018.

MACHADO, Carlos Alberto. *Olhos de dragão: reflexões para uma nova realidade*. Curitiba: Chain, 2000.

NICKELL, Joe. Levengood's crop-circle plant research. *Skeptical Briefs*, Amherst, v. 6, n. 2, 1996.

NICKELL, Joe; FISCHER, John F. The crop-circle phenomenon: an investigative report. *Skeptical Inquirer*, Amherst, v. 16, n. 2, p. 136-149, 1992.

PROJECT ESFERA. *Projeto Esfera: pesquisa e investigação de agroglifos e fenômenos anômalos*. Disponível em: www.projetoesfera.com.br. Acesso em: 11 jun. 2026.

TEMPORARY TEMPLES. *Crop circle reports and documentation*. Disponível em: https://temporarytemples.co.uk/. Acesso em: 11 jun. 2026.

THE MOWING-DEVIL: or, strange news out of Hartford-shire. London: [*s.n.*], 1678.

APARIÇÕES MARIANAS UFOLÓGICAS

RUDINEI CAMPRA

RESUMO

O presente artigo analisa as chamadas aparições marianas sob uma perspectiva ufológica, propondo que tais manifestações possam representar interações promovidas por inteligências não humanas ao longo da história. Com base em casos reconhecidos pela Igreja Católica e em episódios amplamente divulgados em diferentes países, são examinados elementos recorrentes, como luzes intensas, mensagens de caráter moral, adaptação cultural das aparições, fenômenos luminosos, alegações de milagres e preservação incomum de corpos associados aos videntes. O estudo aborda eventos ocorridos em Guadalupe, La Salette, Lourdes, Fátima, Kibeho, Zeitoun, Assiut e outras localidades, discutindo possíveis convergências entre relatos religiosos e interpretações ufológicas contemporâneas. Também são analisadas as formas pelas quais instituições religiosas incorporaram esses fenômenos às suas narrativas doutrinárias e aos processos de construção da fé coletiva. O artigo argumenta que determinados aspectos considerados extraordinários permanecem insuficientemente explicados por abordagens exclusivamente religiosas ou céticas, incentivando a ampliação do debate interdisciplinar entre História, Sociologia da religião, Antropologia e Ufologia. Conclui-se que as aparições marianas constituem fenômenos complexos, cuja investigação demanda análises críticas que considerem simultaneamente dimensões culturais, religiosas, psicológicas e hipóteses relacionadas à presença de inteligências não humanas.

PALAVRAS-CHAVE

Aparições marianas. Ufologia. Fenômenos religiosos.
Inteligências não humanas. Guadalupe. Lourdes.

ABSTRACT

This article examines Marian apparitions from a ufological perspective, proposing that such manifestations may represent interactions promoted by non-human intelligences throughout history. Drawing upon cases recognized by the Catholic Church as well as widely reported events from different countries, the study analyzes recurring elements such as intense lights, moral messages, cultural adaptation of apparitions, luminous phenomena, alleged miracles, and unusual preservation of the bodies of visionaries. Events associated with Guadalupe, La Salette, Lourdes, Fatima, Kibeho, Zeitoun, Assiut, and other locations are discussed, highlighting possible convergences between religious narratives and contemporary ufological interpretations. The study also explores how religious institutions incorporated these phenomena into doctrinal narratives and collective faith-building processes. It argues that certain extraordinary aspects remain insufficiently explained by exclusively religious or skeptical approaches, encouraging broader interdisciplinary dialogue among History, Sociology of religion, Anthropology, and Ufology. The article concludes that Marian apparitions constitute complex phenomena whose investigation requires critical analyses encompassing cultural, religious, psychological, and non-human intelligence hypotheses.

KEYWORDS

Marian apparitions. Ufology. Religious phenomena.
Non-human intelligences. Guadalupe. Lourdes.

RESUMEN

Este artículo analiza las apariciones marianas desde una perspectiva ufológica, proponiendo que tales manifestaciones podrían representar interacciones promovidas por inteligencias no humanas a lo largo de la historia. A partir de casos reconocidos por la Iglesia Católica y de episodios ampliamente difundidos en diversos países, se examinan elementos recurrentes como luces intensas, mensajes de carácter moral, adaptación cultural de las apariciones, fenómenos luminosos, supuestos milagros y preservación inusual de los cuerpos de los videntes. Se estudian acontecimientos relacionados con Guadalupe, La Salette, Lourdes, Fátima, Kibeho, Zeitoun, Assiut y otras localidades, destacando posibles convergencias entre los relatos religiosos y las interpretaciones ufológicas contemporáneas. Asimismo, se analiza la manera en que las instituciones religiosas incorporaron estos fenómenos a sus narrativas doctrinales y a los procesos de construcción de la fe colectiva. El trabajo sostiene que ciertos aspectos extraordinarios permanecen insuficientemente explicados por enfoques exclusivamente religiosos o escépticos, fomentando un diálogo interdisciplinario entre Historia, Sociología de la religión, Antropología y Ufología. Se concluye que las apariciones marianas constituyen fenómenos complejos cuya investigación requiere análisis críticos que contemplen simultáneamente dimensiones culturales, religiosas, psicológicas e hipótesis relacionadas con inteligencias no humanas.

PALABRAS CLAVE

Apariciones marianas. Ufología. Fenómenos religiosos.
Inteligencias no humanas. Guadalupe. Lourdes.

SOBRE O AUTOR

RUDINEI CAMPRA é professor e tradutor de francês, mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Colaborou com a antiga Revista UFO, editada por A. J. Gevaerd, e com pesquisador Sérgio Russo. É cofundador do PATOVNI – Grupo Ufológico Paraná, no qual foi seu primeiro coordenador e atualmente exerce a diretoria cultural, promovendo ações de pesquisa e difusão do conhecimento ufológico. Pioneiro na arte ufológica brasileira, possui dezenas de pinturas dedicadas ao tema, nas quais combina técnica, sensibilidade e reflexão filosófica. Sua obra expressa o fascínio humano pelo Cosmos e o desejo de compreender o papel da humanidade diante do desconhecido, unindo ciência, espiritualidade e imaginação criativa.

APARIÇÕES MARIANAS

As chamadas “aparições marianas” são um conjunto de aparições, com características ufológicas, cuja narrativa e utilização até mesmo comercial é monopólio da Igreja Católica na maioria dos casos. As aparições se adaptam à cultura local e parecem sempre trazer uma mensagem de ordenamento comportamental, raramente se deixando filmar ou fotografar. Por vezes, os videntes possuem seus corpos mumificados ou preservados, os quais também são monopólio católico. Às vezes, as aparições deixam elementos visivelmente desenvolvidos, como uma tecnologia não humana. Tudo parece indicar um intento deliberado em promover “conversões” (mudanças comportamentais visando à submissão a regras) em grandes massas humanas. A ciência acadêmica oscila as explicações entre simples encenação ou histeria coletiva, mas não explica “milagres” como conservação de corpos, objetos inexplicáveis ou aparições filmadas e testemunhadas por milhares de pessoas. Ou todos devem se tornar católicos ou o “contato oficial” não vai ocorrer, visto já estar em curso uma espécie de engenharia social coletiva de ordenamento comportamental padronizado, com objetivos ainda desconhecidos.

POR QUE MARIA APARECERIA?

Segundo René Laurentin e Patrick Sbalchiero (2012), existiram até recentemente cerca de 2.400 “aparições marianas” em todo o mundo, mas o Vaticano apenas reconhece cerca de 16.

Entre as aparições reconhecidas pelo Vaticano, encontram-se: Virgem de Guadalupe, no México em 1531; Nossa Senhora de Siluva, na Lituânia em 1608; Virgem da Medalha Milagrosa, na França em 1830; Nossa Senhora de Sión, na Itália em 1842; Virgem de La Salette em 1846 e Lourdes em 1858, na França; Nossa Senhora de Gietzwald, na Polônia em 1877; Virgem de Fátima, em Portugal em 1917, e a Mãe do Mundo de Kibeho, em Ruanda em 1981. Existem também cerca de 28 aparições aprovadas pelos bispos de suas localidades específicas ao redor do mundo.

Sobre a figura de Maria, recentemente, em 2025, o papa Leão XIV veio a público dizer que não é "corredentora", ou seja, ela não é salvadora. Curiosamente, algumas aparições dizem justamente o contrário, como a chamada Nossa Senhora do Rosário de San Nicolás, que apareceu à vidente Quiroga de Motta na Argentina em 1983 afirmando ser a "nova Arca da Aliança", afirmação que deveria incomodar até mesmo o Judaísmo.

A referida vidente teria visto até mesmo Jesus 78 vezes, além de também ter estigmas em seu corpo (não é a única vidente de aparição em que estigmas aparecem). O bispo argentino Domingo Castagna levou o caso até o Vaticano e, em maio de 2016, o cardeal Dom Cardelli confirmou publicamente o caráter sobrenatural dos "acontecimentos marianos". No entanto, em 2017, o atual bispo da região do ocorrido pediu ao Vaticano para não divulgar a mensagem da aparição. Esse caso é apenas uma amostra de que o Vaticano não sabe exatamente o que fazer com essas aparições, mesmo tendo o monopólio absoluto sobre sua narrativa e difusão.

Mas por que Maria apareceria? Por que milhares de aparições em diversas partes do mundo para um segmento religioso, que então escolhe, em uma decisão burocrática, quais são autênticas? O número de católicos não se tornou dominante no mundo, então o objetivo teria falhado.

No entanto essas aparições têm elementos que coincidem com o entendimento da moderna Ufologia.

A moderna Ufologia, o senso comum cético do povo em geral, além da (mais cética ainda) comunidade científica acadêmica, acabam sempre não tratando o tema com a dimensão que merece.

Por séculos, quando um personagem histórico alegava ter tido uma visão, logo o caso era classificado como fantasia. No entanto as aparições continuaram e se intensificaram, milhares de "novas religiões japonesas", "novas religiões chinesas" e "novas religiões indianas surgiram" e boa parte desses segmentos alega que seus fundadores tiveram contato com alguma aparição. Se apenas uma parte desses eventos tiver ocorrido exatamente da forma alegada (sob a perspectiva ufológica), então estaremos de frente com um planejamento de longo prazo. Tudo orquestrado por uma inteligência não humana, algo bem semelhante ao que os pesquisadores governamentais acadêmicos vão fazer em um "santuário" ecológico.

O QUE A IGREJA CATÓLICA QUER QUE AS APARIÇÕES SEJAM?

Boa parte das aparições tem características que se repetem: acontecem perto ou em montanhas, sempre com luzes fortes na aparição, a figura feminina sempre é descrita com enorme beleza, falando a língua local e usando roupas adaptadas igualmente à cultura local, ou espelhando as imagens católicas europeias (que não correspondem às vestes da época de Jesus). As mensagens proferidas nas aparições são para toda a humanidade, por vezes em tom de ameaça. Os termos mudam, mas existe uma preocupação nas mensagens em que todas as pessoas passem parte do dia em oração (ou seria em concentração específica, na qual a repetição muda as ondas cerebrais?). Fica a dúvida de por que uma inteligência não humana desejaria isso.

A Igreja usa as aparições como forma de comprovação de sua própria doutrina, mas de modo superficial. Quando falam em um manto inexplicável como o de Guadalupe, ou nas fotos da aparição em Zeitoun, no Egito, é alegado que isso provaria que a doutrina católica é a correta, enquanto o restante da população finge que esses elementos não existem. Mas esses fenômenos precisam ser encarados de frente, e apenas a Ufologia tem uma explicação alternativa e mais cosmopolita para eles (embora não seja a mais fácil de aceitar, pois implica uma manipulação por parte de inteligências não humanas que é difícil de ser aceita pela orgulhosa sociedade humana, em sua maioria consumista, imediatista e reducionista).

O padre Francisco Amaral (2025) estudou mais de 40 aparições "marianas" ocorridas no Brasil. Alega que o "céu" do deus católico estaria a todo momento fazendo Maria trabalhar, mesmo com centenas de santos intercessores e uma multidão de anjos. Dentre as aparições que estudou, ele destacou 4. A primeira apresentada pelo autor foi a aparição da "Senhora das Lágrimas", ocorrida em Campinas em 1929, à vidente religiosa Amália Aguirre, que será considerada beata (estágio antes da santificação). A vidente Amália alegou que viu diversas vezes o próprio Jesus Cristo desde a infância, tendo recebido do "deus bondoso" estigmas que continuamente sangravam. A aparição teria dito a ela que "o Brasil me pertence".

Em Cimbres, Pernambuco, ocorreu a aparição chamada de "Mãe da Graça", em 1936. Essa aparição ocorreu a duas crianças que, quando cresceram, se tornaram religiosas. As aparições seriam reconhecidas oficialmente pela igreja local em 2021. Ao conversar com a aparição, receberam a afirmação de "Maria" de que a devoção deveria ser a Jesus e a ela (é apenas mais uma aparição que contraria a resolução do atual papa). O local da aparição já atraiu mais de 600 pessoas que alegam curas, além de fachos de luz terem aparecido nas fotos dos visitantes.

Essa aparição ameaçou a sociedade se não ocorresse uma conversão em massa. O texto pode ser visto em um vídeo no YouTube intitulado “O alerta de Maria para o Brasil”, com mais de 6 milhões de visualizações.

Na cidade mineira de Itaúna apareceu a figura da “Virgem Imaculada”, em 1955, dessa vez para três meninos. Os meninos espalharam que viram uma linda senhora envolta em uma forte luz no meio da mata, e logo toda a população foi lá conferir. Outras pessoas também disseram ter visto a imagem, sendo ali um dos locais de “aparição mariana” com maior número conhecido de “videntes” até hoje.

Outra aparição mineira foi em Congonhal, onde apareceu a “Rainha da Obediência”. Um jovem de 17 anos na época, muito religioso, teria a exclusividade de ver a aparição entre 1987 e 1988, sendo que na última aparição várias pessoas testemunharam sinais no Sol e nas estrelas. Como o leitor pode ver, é muito difícil não associar esses eventos à Ufologia. No entanto, o que salta aos olhos é que aparentemente inteligências não humanas QUEREM se passar por figuras religiosas. Isso parece reforçar uma visão provável dos alienígenas: “Nós criamos as religiões para que vocês tivessem regras”.

GUADALUPE: MANIPULAÇÃO E IMPOSIÇÃO DE REGRAS PELA FÉ

Imaginem um manto que deveria ter se dissolvido há séculos, pintado com um pigmento desconhecido. Esse manto teria sido entregue a um indígena mexicano por uma figura luminosa em 1531. O objeto envolveu flores que nasceram em uma época em que não deveriam brotar.

Imagine que, quando o indígena levou esse mesmo manto para uma autoridade religiosa, ela marcou as testemunhas de sua abertura, como num negativo, em um detalhe minúsculo do desenho estampado. Esse manto foi feito para espantar, para convencer à força! Esse manto retrataria intencionalmente a figura de Maria em um formato que induziria à devoção, à subordinação, ao cumprimento de regras. Por quê? Uma inteligência não humana calculou um efeito determinado, não teve efeito global, mas prendeu o católico às regras de sua igreja, enquanto os céticos fingem que o manto não existe, e o ufólogo apresenta outra alternativa. O manto de Guadalupe não deixa escolha: ou você se torna um cristão devoto, acreditando que possui a verdade, ou você é forçado a admitir que uma inteligência não humana quer apenas ganhar tempo com a humanidade. Quantas gerações devem ser iludidas? Estão esperando algo? Somos apenas um experimento?

Os compostos do corante do manto não pertencem à tabela periódica. A técnica empregada na pintura é desconhecida. Os fios de origem vegetal não deveriam ter durado sequer alguns anos. Em 1791, caiu acidentalmente ácido nítrico em parte do manto, mas isso não corroeu nem um fio. Em 1921, dinamites estouram perto do tecido, mas não o danificaram. O tecido é transparente aos raios infravermelhos. Os tons da pintura parecem ter sido concebidos para transparecer diferentes efeitos visuais conforme a luminosidade.

Após 1634, pintores desconhecidos fizeram acréscimos na pintura. A ação deles é perfeitamente identificável e está se desgastando, ao contrário da figura original (aliás, não deveriam ter respeitado um objeto de origem "divina"?). A imagem começou a ser fotografada em 1880 e está nitidamente idêntica até hoje. A figura representa uma adolescente de 15 anos, a idade que Maria deveria ter na antiga Judéia, na época da "gravidez" induzida.

Um autorretrato da judia Maria? As figuras humanas nos olhos da figura representam exatamente como eles se formariam em um autêntico globo ocular humano real.

LA SALETTE, HOLOGRAMA MANIPULADOR E OUTRAS APARIÇÕES MANIPULADORAS

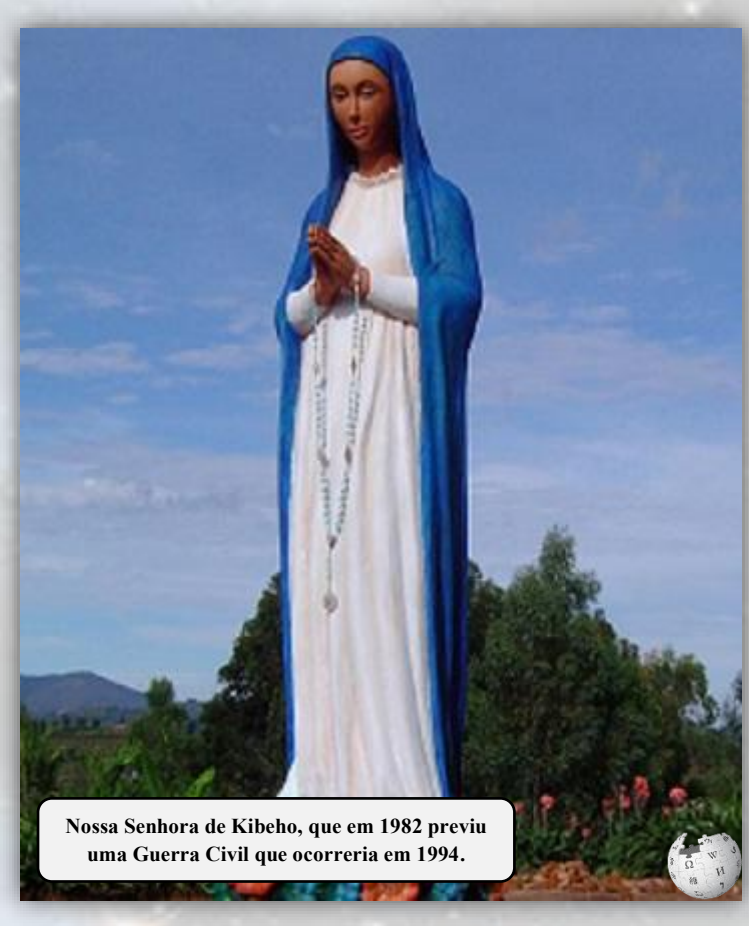
O manto prova que a ação de inteligências não humanas introduziu comportamentos na sociedade humana.

Segundo o padre Wander de Jesus Maia (2023), em 1846, na região francesa de La Salette, as crianças Maximin Giraud e Mélanie Calvat viram uma figura translúcida e intangível que trocava de língua ao falar com eles (holograma?). A aparição de La Salette foi até hoje a mais criticada por inimigos da Igreja Católica, mas também gerou um local de romarias e até uma ordem de padres, os "Missionários Saletinos" (ironicamente, uma ordem religiosa fundada por causa de um possível evento ufológico). Importante lembrar que já nos referimos a esse evento no artigo "França Ufológica" (COSMOVNI nº 10). Essa aparição foi diferente pelo fato de a figura holográfica aparecer chorando, além de ameaçar a humanidade caso não houvesse conversão católica em massa, ou seja, uma técnica de manipulação emocional bem clara.

Outras manipulações claras aparecem em diversas partes do mundo. Caso sejam reais, isso demonstraria que houve uma sequência de contatos ufológicos intensos demais para serem aceitos facilmente até por ufólogos experientes. Um incrível exemplo é a aparição conhecida como "Nossa Senhora da China" ou "Nossa Senhora de Dong-Lu". Em 1900, em plena Revolta dos Boxers, na China, uma aldeia com certo número de cristãos seria atacada, mas uma aparição "mariana" no céu deteve um exército. Atiraram contra a imagem, mas isso não surtiu efeito e por isso recuaram.

Nossa Senhora da China

Existem aparições se adaptavam à cultura local no vestuário, nas feições e até na linguagem, como na Ucrânia em 1914, na aparição de "Nossa Senhora de Hrushiv", que apareceu igual ao ícone das igrejas e previu paz para a Ucrânia, o que hoje não ocorre; "Nossa Senhora de La Vang", no Vietnã em 1798, que apareceu com traje vietnamita; e "Nossa Senhora Kibeho" em Ruanda, de 1981 a 1982, que previu uma guerra civil em 1994 que mataria cerca de 800 mil pessoas, o que infelizmente ocorreu. Observadores não humanos com tecnologia suficiente poderiam fazer projeções políticas. Como a Igreja Católica possui todo um aparato para se apropriar de locais de aparição, acaba angariando fieis em diversas partes do mundo.



Nossa Senhora de Kibeho, que em 1982 previu uma Guerra Civil que ocorreria em 1994.

CORPOS USADOS E PRESERVADOS: "NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS" (DA MEDALHA MILAGROSA), CORPO DE CATARINA LABOURÉ

Políticos e religiosos, por vezes, estão inseridos em um processo cultural no qual têm influência e visibilidade, mas, em certo sentido, essa exposição é irreversível e tudo na imagem deles passa a ser usado, não somente suas personalidades, mas até mesmo seus corpos. Foi o que aparentemente aconteceu com a jovem noviça francesa Catarina Labouré quando presenciou aparições marianas, em 1830.

Em pleno convento, um menino luminoso apareceu "do nada" e levou Catarina até o local onde veria uma das aparições marianas mais incríveis já relatadas.

Novamente com mensagens de conversão, acompanhadas de ameaças implícitas aos não fiéis, houve previsões, como a morte de um arcebispo, que se confirmaria em 1871. Em uma segunda aparição, o ser luminoso com formato feminino portava uma esfera na altura do ventre, pisando em outra esfera maior. Nos anéis, portava pedras que emitiam uma luz tão forte que ofuscava parte de seu próprio corpo. Emitiu uma luz forte no chão que desenhou uma figura (modelo 3D?) que deveria ser impressa em medalhas "milagrosas" e distribuídas por todas as partes do mundo sob influência católica, como até hoje é feito.

Catarina morreu em 1876 e até hoje se corpo não apresenta marcas de putrefação. Seria o mesmo corpo? Foi exposto a algum tipo de radiação? Nunca saberemos, o estado soberano do Vaticano é seu proprietário.

Na imagem da "Medalha milagrosa", não me surpreenderia se algum ufólogo matemático descobrisse padrões escondidos na figura.

CORPOS USADOS E PRESERVADOS: "NOSSA SENHORA DE LOURDES" CORPO DE BERNADETTE SOUBIROUS

As aparições em Lourdes chamam a atenção por causa de seu número: 18. A partir de 1858, Bernadette Soubirous passou a ver uma figura feminina que, no começo, não lhe dizia nada, apenas sorria. Na quinta vez, entrou em um êxtase e lhe foi confiado pela aparição um segredo que não podia contar a ninguém. Na sexta aparição, a aparição disse a ela que "não prometia tornar-me feliz neste mundo, mas no outro". A partir da sétima aparição, centenas de pessoas passaram a acompanhar suas visões, embora a maioria não visse nada. Nessa mesma aparição, ela obteve segredos que não poderia contar a ninguém.

Na nona aparição, a figura luminosa pediu a ela que bebesse água e comesse uma erva no local da aparição. Na décima terceira aparição, a figura luminosa pediu que fosse construído um local de adoração onde se mostrava à vidente. Na décima sétima aparição, durante um êxtase, Bernadette ficou exposta a uma chama, mas não se queimou, fato que surpreendeu um médico presente no local (seu corpo teria sofrido alterações?). Na última aparição, mesmo as autoridades tendo fechado o local com uma cerca, devido à multidão, a vidente conseguiu ver a figura luminosa. Algo como um planejamento de longo prazo? Uma preparação para o efeito que desejavam?

Quando Bernadette morreu em 1879, médicos verificaram uma ferida na perna do cadáver que deveria ter sido motivo de horríveis dores, mas a referida nunca o demonstrou ou reclamou. Os médicos também relataram, segundo Maia (2023), que a referida ferida teria cicatrizado com o corpo já sem vida. Hoje o corpo de Bernadette é o mais preservado entre todos os corpos incorruptíveis de posse do Vaticano.

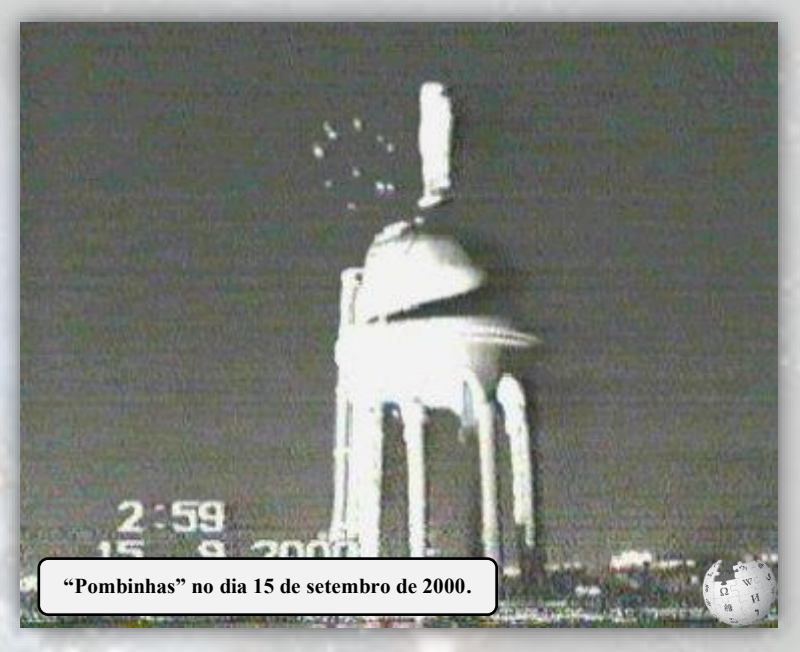
Corpo absurdamente conservado. Católicos podem dizer a palavra "milagre" com segurança, embora isso não explique nada e mascare a questionável posse do corpo pelo Vaticano. Céticos que alegam que as aparições são fraudes ou histeria coletiva ignoram esses corpos, mas o aficionado em Ufologia sabe que existe outra possibilidade, talvez a menos consoladora, mas a mais provável.

Importante ressaltar: esses dois corpos NÃO SÃO resultado de mumificação natural. Mesmo que fosse o caso, por que justamente com pessoas que viram uma criatura não humana esse fenômeno ocorreria (seja Maria, seja projeção de tecnologia alienígena)? Devemos ter em mente o seguinte: essas estruturas (se forem mesmo os corpos originais, ou sem alterações nas referidas mulheres) somente nos deixam com duas possibilidades: 1) Todos devem virar católicos; 2) Inteligências não humanas querem que as pessoas sigam regras (religião e política nunca se separaram). O seguimento dessas regras não implica necessariamente um planejamento ou empatia com a espécie humana, talvez apenas algum tipo de estudo de engenharia social, ou algo parecido com os "ambientalistas" que vemos discursar nas ONGs, buscando verbas para sobreviver.

ASSIUTE, WARRAQ E ZEITOUN

Somente algumas aparições são registradas em foto e vídeo. Algumas se assemelham aos clássicos OVNIS, outras intencionalmente aparecem com o formato de "Nossa Senhora" encontrado em igrejas. Em Assiute, no Egito, no ano 2000, começaram a surgir luzes no céu atribuídas a Maria que duraram até 2001. Desta vez, quem se apropriou dessa aparição foi a Igreja Ortodoxa Copta.

Minarete iluminado por aparição, em 8 de setembro de 2000.

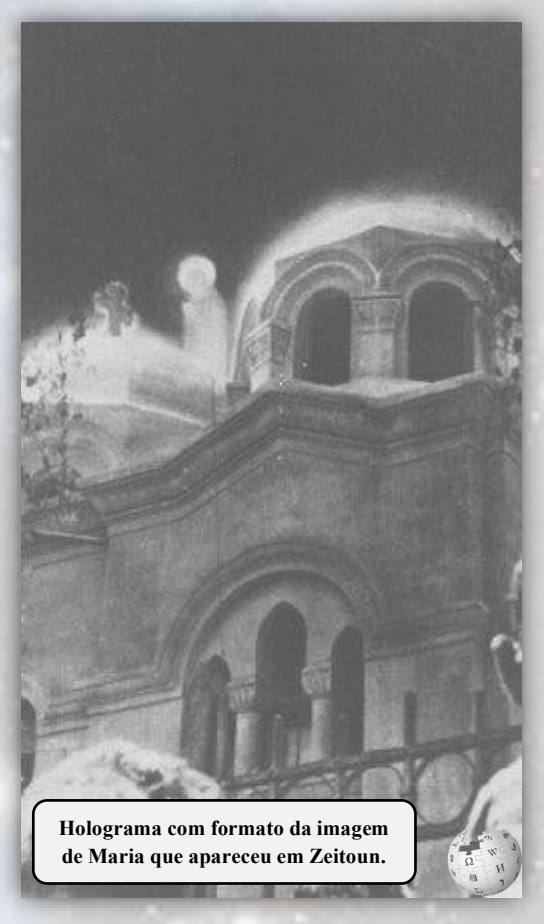


“Pombinhas” no dia 15 de setembro de 2000.

Ainda no Egito, na ilha de Warraq al-Hadar, uma aparição se deu em 2009. Novamente a Igreja Ortodoxa Copta se apropriou da narrativa, alegando que Maria teria aparecido. Cerca de 10.000 pessoas teriam visto o fenômeno, que foi noticiado na época por diversos jornais.

Outra incrível aparição “mariana” ocorreu também no Egito, Cairo, precisamente no bairro de El-Zeitoun. Uma inacreditável sequência de aparições foi filmada e fotografada entre 1968 e 1971.

Mais uma vez, a Igreja Ortodoxa Copta se apropriou do fenômeno e utilizou todas as fotos para “comprovar” suas doutrinas.



Holograma com formato da imagem de Maria que apareceu em Zeitoun.

“CRIAMOS AS RELIGIÕES PARA QUE VOCÊS TIVESSEM REGRAS”

Inteligências não humanas querem que parte da humanidade seja “religiosa”. O que parece realmente significar: uma visão de mundo restrita, obedecendo dogmas, governos, repetindo rituais reaproveitados de um passado distante. Não se trata de auxílio, mesmo que console pessoas em momentos de dificuldade. Não se trata de cuidado, pois vários absurdos são tolerados em nome de ganhar um “céu”. Inteligências não humanas nos querem “cristãos”, seja lá o que for que eles acreditem que isso importe. Isso me assusta... um pouco!

REFERÊNCIAS

AMARAL, Francisco. *Aparições marianas no Brasil*. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2025.

BENÍTEZ, J. J. *O mistério da Virgem de Guadalupe*. São Paulo: Planeta, 2012.

LAURENTIN, René; SBALCHIERO, Patrick. *Dictionnaire des apparitions de la Vierge Marie*. Paris: Fayard, 2012.

MAIA, Wander de Jesus. *Aparições marianas*: apelos maternos e avisos proféticos da Mãe de Deus. Campinas: Ecclesiae, 2023.

McELWEE, Joshua. *Jesus, e não a Virgem Maria, salvou o mundo, diz o Vaticano*. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/jesus-e-nao-a-virgem-maria-salvou-o-mundo-diz-o-vaticano/. Acesso em: 11 jun. 2026.

WIKIPÉDIA. *Bernadette Soubirous*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernadette_Soubirous. Acesso em: 11 jun. 2026.

WIKIPÉDIA. *Catarina Labouré*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_Labour%C3%A9. Acesso em: 11 jun. 2026.

WIKIPÉDIA. *Nossa Senhora da China*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_China. Acesso em: 11 jun. 2026.

WIKIPÉDIA. *Nossa Senhora de Assiute*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Assiute. Acesso em: 11 jun. 2026.

WIKIPÉDIA. *Nossa Senhora de Guadalupe (México)*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Guadalupe_(M%C3%A9xico). Acesso em: 11 jun. 2026.

WIKIPÉDIA. *Nossa Senhora de Zeitoun*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Zeitoun. Acesso em: 11 jun. 2026.

WIKIPÉDIA. *Nossa Senhora do Rosário de San Nicolás*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Ros%C3%A1rio_de_San_Nicol%C3%A1s. Acesso em: 11 jun. 2026.

REVISTA COSMOVNI │ISSN 2675-8466│ NÚMERO 12 │2026/1

EPISTEMOLOGIA DO MISTÉRIO: FENOMENOLOGIA E UFOLOGIA SOBRE O CASO DE APARIÇÃO DE UM OBJETO VOADOR NÃO IDENTIFICADO NO SUL DO BRASIL

GRAZIELA ROCHA RAYMUNDO

RESUMO

Este artigo propõe uma análise interdisciplinar da aparição de um objeto voador não identificado no centro urbano de Ponta Grossa (PR), Brasil, articulando referenciais oriundos da Ufologia, da epistemologia da ciência, da fenomenologia da percepção e da sociologia do imaginário. Partindo do pressuposto de que os fenômenos aéreos não identificados não podem ser adequadamente compreendidos por meio de abordagens simplificadoras, sejam elas de natureza sensacionalista, sejam de ceticismo reducionista, o estudo examina o fenômeno como evento situado na intersecção entre observação empírica, produção de sentido, experiência subjetiva e indeterminação classificatória. Inicialmente, apresenta-se um panorama histórico da Ufologia, desde seus antecedentes remotos até sua consolidação moderna como campo de investigação. Em seguida, discute-se o estatuto epistemológico dos fenômenos aéreos não identificados, enfatizando os limites do paradigma explicativo convencional diante de ocorrências limítrofes. Posteriormente, desenvolve-se uma leitura contextual e analítica da aparição observada nesse local, compreendendo-a como episódio relevante não apenas do ponto de vista observacional, mas também cultural, perceptivo e ontológico. Por fim, argumenta-se que o estudo rigoroso de eventos anômalos contribui para ampliar os horizontes da investigação científica e para problematizar as formas pelas quais a consciência humana lida com o desconhecido. Conclui-se que o fenômeno ufológico, independentemente de sua explicação final, possui elevado valor heurístico ao tensionar categorias estabilizadas de realidade, percepção e conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Ufologia. Fenômenos Aéreos Não Identificados. Epistemologia. Percepção. Ponta Grossa. Mistério. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article proposes an interdisciplinary analysis of the appearance of an unidentified object in the urban center of Ponta Grossa, Paraná, Brazil, articulating theoretical frameworks from ufology, epistemology of science, phenomenology of perception, and sociology of the imaginary. Starting from the assumption that unidentified aerial phenomena cannot be adequately understood through simplistic approaches, whether sensationalist or reductionist-skeptical, the study examines the phenomenon as an event situated at the intersection of empirical observation, meaning production, subjective experience, and classificatory indeterminacy. Initially, a historical overview of ufology is presented, from its remote antecedents to its modern consolidation as a field of inquiry. Next, the epistemological status of unidentified aerial phenomena is discussed, emphasizing the limits of conventional explanatory paradigms when confronted with liminal occurrences. Subsequently, a contextual and analytical reading of the appearance observed in this location, understanding it as a relevant episode not only from an observational perspective, but also from a cultural, perceptual, and ontological standpoint. Finally, it is argued that the rigorous study of anomalous events contributes to broadening the horizons of scientific inquiry and to problematizing the ways in which human consciousness deals with the unknown. It is concluded that the ufological phenomenon, regardless of its final explanation, holds significant heuristic value by challenging stabilized categories of reality, perception, and knowledge.

KEYWORDS

Ufology. Unidentified Aerial Phenomena. Epistemology.
Perception. Mystery. Ponta Grossa. Interdisciplinary Study.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis interdisciplinario de la aparición de un objeto volador no identificado en el centro urbano de Ponta Grossa, Paraná, Brasil, articulando marcos teóricos provenientes de la ufología, la epistemología de la ciencia, la fenomenología de la percepción y la sociología del imaginario. Partiendo del supuesto de que los fenómenos aéreos no identificados no pueden ser comprendidos adecuadamente mediante enfoques simplificadores, ya sean de carácter sensacionalista o de escepticismo reduccionista, el estudio examina el fenómeno como un acontecimiento situado en la intersección entre la observación empírica, la producción de significado, la experiencia subjetiva y la indeterminación clasificatoria. Inicialmente, se presenta un panorama histórico de la ufología, desde sus antecedentes remotos hasta su consolidación moderna como campo de investigación. A continuación, se analiza el estatuto epistemológico de los fenómenos aéreos no identificados, enfatizando los límites del paradigma explicativo convencional frente a sucesos limítrofes. Posteriormente, se desarrolla una lectura contextual y analítica de la aparición observada en este lugar, entendiéndola como un episodio relevante no solo desde el punto de vista observacional, sino también cultural, perceptivo y ontológico. Finalmente, se sostiene que el estudio riguroso de eventos anómalos contribuye a ampliar los horizontes de la investigación científica y a problematizar las formas en que la conciencia humana enfrenta lo desconocido. Se concluye que el fenómeno ufológico, independientemente de su explicación final, posee un elevado valor heurístico al poner en tensión categorías estabilizadas de realidad, percepción y conocimiento.

PALABRAS CLAVE

Ufología. Fenómenos Aéreos No Identificados. Epistemología. Percepción. Ponta Grossa. Misterio. Interdisciplinariedad.

SOBRE A AUTORA

GRAZIELA ROCHA RAYMUNDO é Bacharel em Economia e pesquisadora ufológica do Grupo ABEEXO – Academia Brasileira de Assuntos Exológicos, atuando na intersecção entre ciência, consciência e fenômenos cósmicos. Sua trajetória acadêmica e terapêutica alia rigor investigativo a estudos e experiências avançadas nas realidades multidimensionais, contribuindo também para o avanço dos estudos ufológicos no Brasil.

Mestre e Professora em Terapias Multidimensionais, especializou-se nos métodos de Downloads Quânticos e Reconexão Consciencial do Ser em processos em sinergia com a Paragenética, na qual há a predominância da Epigenética no nível do DNA. Seu foco está na expansão da consciência humana e no despertar de dons e talentos latentes. Seu trabalho em missão propõe uma abordagem na identidade entre o ser humano, o Cosmos e sua origem, investigando a relação entre a inteligência do universo e a evolução consciencial.

Reconhecida por sua capacidade de traduzir conceitos complexos em experiências transformadoras como canal, Grazi conduz atendimentos terapêuticos voltados ao alinhamento com a missão terrena e ao acesso a níveis superiores de percepção. Sua atuação inspira indivíduos a transcender limitações, despertando potencialidades e promovendo uma conexão profunda com a essência cósmica da existência por meio de altas tecnologias disponibilizadas pela criação.

Seu convite é claro: expandir a consciência é também compreender o universo e viver plenamente o propósito de estar nele!

INTRODUÇÃO

O céu, para a humanidade, jamais foi apenas uma extensão atmosférica ou um campo físico submetido à observação astronômica. Muito antes de ser quantificado, mapeado e descrito por instrumentos técnicos, ele já se constituía como superfície simbólica de interrogação, transcendência e inquietação. Ao longo dos séculos, o firmamento foi interpretado como texto, como sinal e como espelho: nele, civilizações projetaram seus deuses, seus medos, suas expectativas e suas mais profundas indagações acerca da origem, da ordem e do destino. Nesse sentido, a observação do céu sempre foi mais do que um ato óptico. Trata-se, também, de um gesto ontológico. Olhar para o alto é confrontar o excedente do mundo; é medir a extensão do desconhecido diante da finitude do saber humano.

Em tal horizonte, os chamados objetos voadores não identificados – ou, em formulação mais tecnicamente contemporânea, os fenômenos aéreos não identificados – inserem-se como uma das expressões mais inquietantes dessa relação histórica entre percepção, mistério e conhecimento. Durante grande parte do século XX, tais ocorrências foram frequentemente relegadas à marginalidade discursiva, associadas ao folclore moderno, ao entretenimento especulativo ou à credulidade popular. Contudo, a persistência de relatos, a recorrência de observações em diferentes contextos geográficos, a existência de registros instrumentais e o interesse intermitente de setores institucionais e militares contribuíram para deslocar o tema de um lugar exclusivamente periférico para uma zona epistemologicamente mais complexa.

A questão deixa, assim, de ser apenas “em que acreditar?” e passa a ser, com mais rigor: o que significa investigar seriamente um fenômeno que resiste à classificação imediata? A presente pesquisa toma como ponto de partida a aparição de um objeto não identificado no centro urbano de Ponta Grossa (PR), Brasil, entendendo-a não como curiosidade isolada, mas como acontecimento capaz de mobilizar questões mais amplas relativas à percepção, à historicidade da Ufologia e aos próprios limites do pensamento científico diante do anômalo. O episódio, quando inserido em uma moldura analítica mais ampla, revela-se fértil não apenas por sua dimensão observacional, mas por sua capacidade de interromper a gramática ordinária da realidade.

A escolha do espaço urbano como foco não é casual. Em uma cidade, sobretudo em sua região central, a vida cotidiana se organiza segundo lógicas de previsibilidade, repetição, funcionalidade e codificação. O ambiente urbano moderno é um território de controle perceptivo, de iluminação artificial, de circulação regulada e de reconhecimento contínuo de formas e objetos. Quando, nesse cenário, surge algo que não se deixa apreender de imediato pelas categorias ordinárias do visível, instaura-se uma fratura no regime da normalidade. O insólito, então, não aparece no vazio do remoto, mas no coração do conhecido. Essa ruptura é significativa. Ela desloca o fenômeno do mero exotismo para o campo da experiência crítica. A aparição de um objeto não identificado entre edifícios, sob o céu noturno de uma cidade, reconfigura simultaneamente o espaço, a atenção e a consciência. O evento passa a existir não apenas como dado externo, mas como perturbação perceptiva e problema interpretativo.

A questão deixa de ser apenas “o que foi visto?” e passa a incluir formulações mais profundas: como se vê? Em que condições se reconhece algo como real? Que filtros cognitivos e culturais condicionam a leitura do desconhecido? Conforme Hynek (1972) sustenta, determinados relatos de objetos voadores não identificados não devem ser descartados por preconceito cultural ou institucional, mas submetidos a análise empírica rigorosa sempre que apresentem consistência observacional e insuficiência explicativa no âmbito das hipóteses ordinárias. Dessa forma, este artigo parte de uma hipótese central: fenômenos aéreos não identificados não devem ser examinados exclusivamente sob a ótica de sua eventual materialidade física, mas também enquanto eventos limítrofes que tensionam estruturas cognitivas, simbólicas e epistemológicas da experiência humana.

Em outras palavras, o valor investigativo do fenômeno não reside apenas na possibilidade de determinar sua natureza, mas também em compreender o que sua irrupção revela sobre os modos pelos quais o ser humano constrói sentido diante daquilo que escapa ao imediatamente classificável. A partir dessa premissa, o texto organiza-se em cinco eixos fundamentais: a historicidade da Ufologia e a persistência do fenômeno ao longo do tempo; a problematização epistemológica do conceito de “não identificado”; a discussão fenomenológica da percepção e do mistério; a contextualização e análise do caso de Ponta Grossa (PR), Brasil; e as considerações finais acerca do valor científico, cultural e humano de tais ocorrências. Mais do que oferecer respostas precipitadas, o presente estudo propõe uma atitude intelectualmente mais exigente: a de sustentar o enigma sem abdicar do rigor.

A HISTORICIDADE DA UFOLOGIA E A PERSISTÊNCIA DO FENÔMENO AO LONGO DOTEMPO

- **Antecedentes remotos e continuidade fenomenológica**

A história da Ufologia não se inicia, propriamente, com a modernidade técnica. Embora o termo "OVNI" e a estrutura conceitual contemporânea do fenômeno sejam recentes, a experiência humana com manifestações aéreas incomuns atravessa períodos históricos muito anteriores à era aeroespacial. Registros de objetos luminosos, formas celestes incomuns, "rodas de fogo", "escudos flamejantes" e outras ocorrências atmosféricas de difícil classificação encontram-se dispersos em crônicas, textos religiosos, manuscritos históricos e tradições orais de diferentes civilizações.

Não se trata, evidentemente, de interpretar retroativamente todo relato antigo como evidência direta de fenômenos ufológicos no sentido moderno do termo. Tal procedimento seria historicamente anacrônico e metodologicamente frágil. Contudo, é possível reconhecer uma continuidade fenomenológica: a recorrência, em diferentes culturas e épocas, de experiências humanas marcadas pelo encontro com o celeste não imediatamente inteligível. Essa permanência sugere que o fenômeno não é mero subproduto do imaginário tecnológico contemporâneo, ainda que este tenha reformulado sua linguagem e sua representação. Em termos históricos, o mistério celeste antecede a terminologia que hoje utilizamos para nomeá-lo.

- **A consolidação moderna da Ufologia**

A Ufologia moderna adquire maior visibilidade a partir de 1947, quando Kenneth Arnold relatou ter observado objetos voando de maneira incomum sobre a região do Monte Rainier, nos Estados Unidos. O caso, amplamente difundido, contribuiu para a sedimentação da expressão “flying saucers” no imaginário público. Pouco tempo depois, o episódio de Roswell intensificaria ainda mais a associação entre ocorrências aéreas não identificadas e a hipótese de inteligências não humanas ou tecnologias desconhecidas. Ao longo da Guerra Fria, a observação de objetos aéreos não identificados assumiu relevância estratégica. Em um contexto de tensão geopolítica e corrida tecnológica, qualquer ocorrência aérea anômala poderia ser interpretada como potencial ameaça militar, experimento secreto ou vulnerabilidade de defesa.

Assim, o fenômeno passou a ser objeto de atenção não apenas da cultura popular, mas também de setores militares, de inteligência e de monitoramento aéreo.

A Ufologia, portanto, não se desenvolve unicamente a partir da crença ou da imaginação coletiva. Ela emerge também da intersecção entre observação, incerteza, tecnologia e segurança.

- **A especificidade do cenário brasileiro**

No contexto latino-americano, o Brasil destaca-se como um dos países com maior diversidade e volume de relatos relacionados a fenômenos aéreos não identificados. Sua extensão territorial, variedade geográfica, densidade populacional e complexidade cultural fazem do país um espaço singular para a observação e o estudo de tais ocorrências. Casos emblemáticos, relatos múltiplos em diferentes estados, episódios de ampla repercussão e documentação produzida em contextos civis e institucionais consolidaram o Brasil como referência importante no campo ufológico.

Mais do que uma curiosidade periférica, o fenômeno passou a integrar o imaginário nacional como questão persistente, atravessando mídia, cultura popular, testemunhos e investigações independentes. Nesse cenário, o Paraná, e especificamente a cidade de Ponta Grossa, oferece um recorte particularmente interessante para análise, sobretudo quando a manifestação ocorre em área urbana central, onde a incidência do insólito adquire densidade perceptiva e sociocultural específica.

A PROBLEMATIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE "NÃO IDENTIFICADO"

- **"Não identificado" como categoria de suspensão classificatória**

Um dos problemas conceituais mais recorrentes no debate sobre fenômenos ufológicos consiste na confusão entre o termo "não identificado" e as explicações definitivas previamente assumidas. Em muitos contextos, a expressão é equivocadamente convertida, de modo automático, em sinônimo de "extraterrestre". Em outros, opera-se o movimento oposto: considera-se que tudo aquilo que não foi prontamente identificado deve ser reduzido a erro, ilusão ou má interpretação.

Nenhuma dessas posições é epistemologicamente satisfatória. A categoria "não identificado" não constitui, em si, uma explicação; ela designa uma suspensão provisória da classificação. Algo foi percebido, relatado, observado ou registrado, mas não pôde ser adequadamente enquadrado nas categorias explicativas disponíveis naquele momento. Essa suspensão é, precisamente, o que torna o fenômeno relevante para a investigação. O "não identificado" é o espaço onde a explicação ainda não chegou, e não a prova antecipada de uma hipótese extraordinária ou de algum equívoco. Neste sentido, Popper (2000) permite compreender que o estatuto científico de um fenômeno não depende de sua explicação imediata, mas da possibilidade de que ele seja investigado por meio de conjecturas passíveis de crítica, teste e eventual refutação no interior de uma metodologia racional.

- **Ciência e anomalia**

A história da ciência demonstra que o conhecimento não se desenvolve apenas pela acumulação linear de dados compatíveis com paradigmas vigentes, mas também pelo confronto com anomalias. Fenômenos inicialmente considerados incômodos frequentemente desempenharam papel decisivo na reconfiguração de modelos explicativos. Isso não significa, evidentemente, que toda anomalia deva ser celebrada como prenúncio de ruptura paradigmática. Significa apenas que o comportamento científico rigoroso não pode ser confundido com a recusa automática do estranho. A ciência, em sua vocação mais autêntica, não se define pela negação preventiva do incomum, mas pela capacidade de examiná-lo sem submissão a conclusões ideológicas prévias. No caso dos fenômenos aéreos não identificados, essa exigência é ainda mais significativa, pois o objeto de estudo encontra-se em zona de atrito entre percepção, instrumentação, narrativa, ambiente e expectativa cultural.

- **A ludibriação como obstáculo epistemológico**

Outro elemento central no tratamento do tema é o fenômeno da ludibriação epistêmica. Trata-se do processo pelo qual determinados objetos de investigação são excluídos do debate legítimo não por insuficiência metodológica demonstrada, mas por associação simbólica ao absurdo, ao embaraçoso ou ao socialmente desqualificado. Esse mecanismo é intelectualmente anulador do conhecimento. Ao se ludibriar previamente um cenário, fato ou questão, bloqueia-se a formulação de perguntas sérias antes mesmo de sua elaboração. Cria-se, então, um círculo vicioso: o tema é considerado irrelevante porque não foi suficientemente estudado, e não é estudado porque foi previamente declarado irrelevante. Romper com essa lógica não implica adesão acrítica ao extraordinário, mas recuperação da integridade do gesto científico.

A DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA DA PERCEPÇÃO E DO MISTÉRIO

- **Ver é interpretar**

Toda percepção humana é mediada. O sujeito não observa o mundo como um dispositivo neutro de captação objetiva, mas por meio de estruturas cognitivas, repertórios culturais, memórias, afetos e expectativas. Ver não é apenas registrar; é interpretar. Quando um objeto se apresenta no céu de forma não imediatamente reconhecível, a percepção entra em estado de intensificação. O observador procura identificar forma, trajetória, velocidade, luminosidade, comportamento e origem. Se tais características não se ajustam às categorias familiares aeronave, satélite, drone, balão, reflexo, fenômeno meteorológico, instala-se uma perturbação cognitiva. Nesse momento, o observador permanece entre duas insuficiências: a do que viu e a do que consegue nomear. É precisamente nesse intervalo que o fenômeno adquire densidade experiencial.

- **O mistério como categoria cognitiva legítima**

Em muitos contextos, o mistério é tratado como sinônimo de obscurantismo ou irracionalidade. Tal leitura é insuficiente. O mistério pode ser compreendido, de maneira mais rigorosa, como uma categoria cognitiva provisória, designando a presença de algo cuja inteligibilidade ainda não foi plenamente alcançada.

Em uma cultura marcada pela aceleração interpretativa e pela necessidade compulsiva de explicação imediata, a irrupção do não classificável produz desconforto.

Entretanto, esse desconforto não é intelectualmente estéril; ao contrário, ele pode operar como força heurística. O mistério obriga o pensamento a desacelerar, a revisar automatismos e a admitir limites. Nesse sentido, a experiência do objeto não identificado não representa apenas um déficit explicativo, mas uma oportunidade de refinamento epistemológico.

- **O fenômeno como espelho interior**

Há ainda uma dimensão subjetiva incontornável. O desconhecido não atua apenas sobre o espaço exterior; ele reorganiza a interioridade do observador. Fascínio, medo, silêncio, resistência, encantamento ou desejo de negação são respostas que integram a experiência do fenômeno. A aparição do não imediatamente explicável frequentemente desestabiliza o sujeito porque confronta uma expectativa fundamental da modernidade: a de que o real deve ser inteiramente domesticável por categorias disponíveis. Quando essa expectativa falha, emerge não apenas um problema de identificação, mas um exercício de autoconhecimento. Desse modo, o fenômeno ufológico não é apenas um problema "sobre o céu"; ele é também um problema "sobre a consciência".

A CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE DO CASO DE PONTA GROSSA (PR) – BRASIL E SUA RELEVÂNCIA ANALÍTICA

- **O espaço urbano como estrutura de reconhecimento**

O espaço urbano moderno organiza-se a partir de um regime intensivo de reconhecimento. Prédios, vias, sinais luminosos, equipamentos, fluxos de deslocamento e sistemas técnicos compõem um ambiente cuja inteligibilidade cotidiana depende da familiaridade perceptiva. A cidade é, por excelência, o território da classificação funcional. É precisamente por isso que a aparição de um objeto não identificado em sua região central produz impacto singular.

O insólito, nesse caso, não emerge em uma paisagem remota ou em um cenário naturalmente predisposto ao imaginário do desconhecido; ele irrompe em um espaço saturado por códigos de previsibilidade. A região central de Ponta Grossa (PR) – Brasil, com sua verticalização, iluminação artificial, circulação noturna e visibilidade arquitetônica, constitui um ambiente particularmente expressivo para a análise de um fenômeno dessa natureza. Entre fachadas iluminadas, corredores de edifícios, recortes de céu urbano e contrastes entre sombra e luz, a manifestação de um objeto aéreo não imediatamente reconhecível adquire forte densidade visual e simbólica.

- **Descrição do cenário da ocorrência**

No caso em análise, a aparição do objeto próximo aos prédios no centro urbano sugere uma configuração perceptiva especialmente poderosa. Diferentemente de observações em campo aberto, onde o horizonte é amplo e as referências espaciais mais diluídas, a presença de edifícios oferece ao observador marcos comparativos de escala, posição e deslocamento.

Essa condição aumenta tanto o potencial analítico quanto o impacto subjetivo da experiência. Um objeto percebido entre estruturas urbanas verticais, sobretudo em período noturno, tende a ser apreendido como presença concreta, localizada e intrusiva, não apenas como luz distante no céu. A presença simultânea de um drone de pequeno porte e de um disco voador próximo aos prédios, conforme a configuração visual proposta, intensifica ainda mais a complexidade interpretativa do episódio.

O drone, enquanto artefato tecnológico reconhecível da contemporaneidade, funciona como elemento de contraste. Sua presença reforça a distinção entre o conhecido e o anômalo, entre o tecnicamente assimilável e o estranhamente excedente. Nesse arranjo, o objeto não identificado deixa de ser mera abstração celeste e se converte em corpo enigmático inserido no tecido urbano.

- **Relato do observador quanto ao avistamento e aparição**

Em perspectiva fenomenológica, Merleau-Ponty (1999) demonstra que a percepção não constitui mero registro passivo do real, mas experiência situada e encarnada, na qual corpo, espaço, tempo e consciência participam conjuntamente da constituição do fenômeno observado. Compreende-se que toda observação é inseparável da condição perceptiva do sujeito, de modo que o fenômeno visto não se apresenta apenas como objeto externo, mas como acontecimento vivido no interior de uma relação entre presença, mundo e consciência. Como parte fundamental do produto deste artigo científico, vamos estudar e observar a descrição a seguir:

A. ***Graziela Rocha Raymundo – Pesquisadora ufológica****: Oi, boa tarde, tudo bem? Relate para mim naquela noite, horário, como foi, o que você viu quando teve esta experiência?*

B. ***Teodoro. J.C – Observador do avistamento****: Era uma terça-feira à noite do dia 04 de novembro de 2025, eu estava na sala, olhei para fora pela janela, eu estava no sofá, eu sempre costumo olhar para fora assim para ver como estava a noite, e aí eu enxerguei uma luz muito forte, e me chamou a atenção. Então eu peguei o celular, meu celular é um Iphone Pro Max 16. Cheguei na sacada e comecei a filmar e dando zoom, conforme eu dava zoom eu via que ele ia mudando de cor e ia se formando alguns formatinhos dentro daquela bola lá. E aí como me chamou muito a atenção filmei por alguns minutos e tirei foto, o horário era em torno das 22:04 hs. Então, a olho nu, era como se fosse uma estrela muito brilhante, mas a luz dela estava mais forte, e me chamou muita atenção porque estava muito diferente e ela estava muito baixa para ser uma estrela. Baixa para ser uma estrela e alta para ser um drone, porque ela estava parada, então eu comecei a dar um zoom, e no Iphone Pro Max tenho um zoom de 25 vezes, foi o que usei, o máximo. Quanto mais zoom eu dava, mais eu via que, apesar de parada, ela ia alterando as cores e formava desenhos dentro daquela esfera ali. E junto naquela mesma direção, como se tivesse costeando aquele objeto ali, tinha um drone, só que o drone era mais baixo e se mexia e tinha uma luzinha verde e vermelha junto assim, e o drone indo bem para aquela direção ali, sabe?*

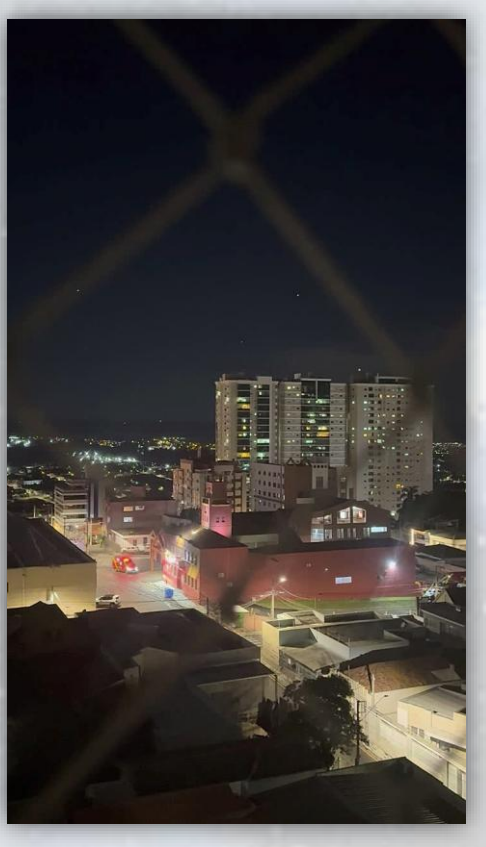
C. ***Graziela Rocha Raymundo – Pesquisadora ufológica:*** *Em relação a onde você estava da sacada da sua casa, qual a distância que você acha que estava da localização deste objeto que você avistou e deste drone que estava costeando em volta deste objeto?*

D. ***Teodoro. J.C - Observador do avistamento:*** *Menos de 1 km.*

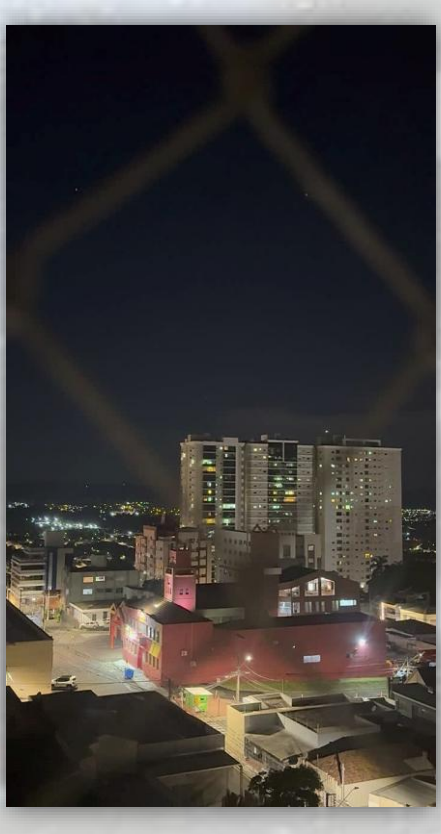
Porque ele estava acima deste prédio que é próximo, são algumas quadras de onde eu moro, então em uma linha reta assim, uns 800 metros, menos de 1km com certeza, e este drone estava próximo ali desta luz, só que a luz estava parada, e o drone eu consegui ver, tanto que tirei uma foto que dá para diferenciar o drone, o drone estava sobrevoando, estava parado e a luz estava parada. As minhas gravações e fotos começaram as 22:04 hs e depois disso eu voltei para o que estava fazendo, e quando foi 22:44 hs eu voltei para a janela para ver, ela estava com o mesmo formato, mas estava mais acima, mas ainda assim com o mesmo formato, mais alto, e aí ele foi um pouco mais para a esquerda, e aí depois disso eu fechei as coisas e fui dormir.

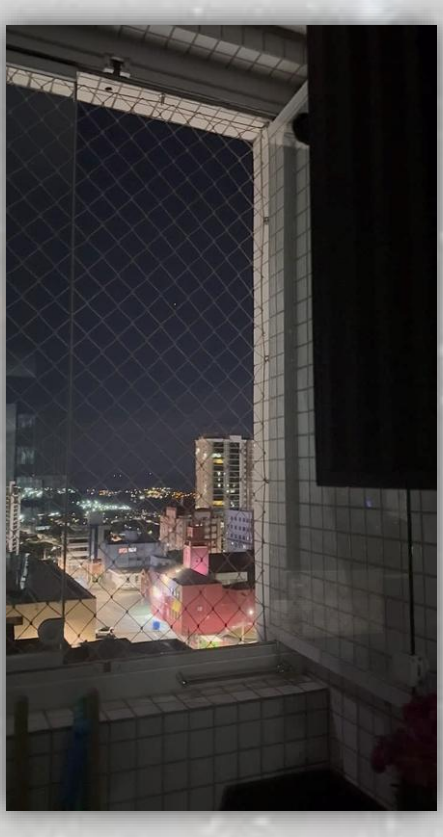
Vallée (1965) argumenta que a análise séria do fenômeno ufológico não deve concentrar-se apenas na hipótese do objeto em si como entidade física isolada, mas sobretudo na estrutura recorrente dos relatos observacionais. Nessa perspectiva, aspectos como luminosidade, brilho, forma aparente, deslocamento, resposta ao ambiente e consistência descritiva entre testemunhas passam a constituir o verdadeiro material empírico da investigação.

- **Imagens extraídas com base no vídeo do avistamento pelo observador**



Imagens extraídas dos vídeos reproduzidas por meio de um Iphone Pro Max 16 de propriedade do observador Teodoro J. C.





- **Imagens noturna e diurna do avistamento pelo observador**

Imagens extraídas dos vídeos reproduzidas por meio de um Iphone Pro Max 16 de propriedade do Observador Teodoro J. C.

COMO SÃO AS LUZES DE AVIÕES E DE DRONES

- **Introdução técnica**

A identificação noturna de objetos no espaço aéreo depende, em grande parte, da assinatura luminosa observável. Em aeronaves convencionais e em aeronaves remotamente pilotadas (drones), as luzes externas não existem apenas para iluminar, mas para cumprir funções operacionais específicas, como indicar orientação espacial, sinalizar presença e movimento, reduzir o risco de colisão e apoiar procedimentos de decolagem, pouso e operação em solo. Na literatura aeronáutica e regulatória, essas luzes são normalmente classificadas como luzes de navegação ou posição, luzes anticolisão e luzes de pouso, táxi e operação.

LUZES DE NAVEGAÇÃO (POSITION LIGHTS / NAVIGATION LIGHTS)

- **Identificação da orientação da aeronave**

As luzes de navegação são as mais importantes para a identificação da orientação da aeronave. Elas seguem um padrão internacionalmente reconhecido, composto de uma luz vermelha no lado esquerdo (bombordo/port side), uma luz verde no lado direito (estibordo/starboard side) e uma luz branca na parte traseira, localizada na cauda ou setor posterior. Esse arranjo permite a um observador em solo ou em outra aeronave inferir a direção relativa do avião, identificando se ele está vindo de frente, afastando-se ou cruzando lateralmente.

A própria regulamentação brasileira descreve que essas luzes têm o objetivo de indicar a trajetória relativa da aeronave aos observadores. Na interpretação prática, quando o observador vê simultaneamente as luzes vermelha e verde, a aeronave pode estar aproximando-se frontalmente. Quando apenas uma das cores é visível, a aeronave pode estar realizando um cruzamento lateral. Quando predomina a luz branca, a aeronave pode estar se afastando. Assim, muitas luzes consideradas misteriosas durante observações noturnas correspondem, na prática, a padrões normais de navegação aérea interpretados fora de contexto.

LUZES ANTICOLISÃO (ANTI-COLLISION LIGHTS)

- **Função Operacional**

As luzes anticolisão têm a função de aumentar a conspicuidade da aeronave, tornando-a mais visível tanto no ar quanto em solo. Elas geralmente se apresentam sob a forma de um farol rotativo ou *beacon* vermelho e de *strobes* brancos de alta intensidade, normalmente localizados nas pontas das asas e/ou na cauda.

Segundo a orientação aeronáutica da FAA (Administração Federal de Aviação dos Estados Unidos), aeronaves equipadas com sistema anticolisão devem operá-lo em praticamente todas as operações, durante o dia e a noite, exceto quando o comandante considerar que sua utilização representa risco à segurança operacional, como em situações de reflexo intenso em nuvens ou desconforto operacional. A FAA também descreve que esses sistemas podem utilizar luzes vermelhas ou brancas, incluindo *beacons* e *strobes*.

- **Aparência observacional**

Na observação visual, as luzes anticolisão costumam ser as mais chamativas. O *beacon* vermelho tende a parecer um piscar rítmico, enquanto os *strobes* brancos costumam ser percebidos como clarões intensos e intermitentes. Esses flashes podem gerar a falsa impressão de que um objeto está mudando de forma, desaparecendo e reaparecendo, permanecendo parado enquanto pisca ou apresentando algum tipo de sinalização inteligente ou incomum. Na prática, tais percepções podem resultar apenas da combinação entre intermitência luminosa, distância, condições atmosféricas e perspectiva observacional.

LUZES DE POUSO E TÁXI (LANDING - TAXI LIGHTS)

- **Características técnicas**

As luzes de pouso e táxi são normalmente brancas, muito intensas e direcionadas para frente por meio de um feixe concentrado. Sua principal função consiste em iluminar a pista durante pousos e decolagens, além de aumentar a visibilidade da aeronave durante fases críticas do voo.

- **Efeitos perceptivos**

Visualmente, essas luzes podem produzir um dos efeitos mais frequentemente confundidos com objetos não identificados.

Quando um avião se aproxima diretamente do observador, as luzes de pouso podem parecer uma única fonte luminosa extremamente intensa, criando a impressão de que o objeto está parado no céu ou aparentando ser maior e mais próximo do que realmente é. Esse constitui um dos erros perceptivos mais comuns em relatos noturnos de objetos aéreos. A imprensa técnica e especialistas em identificação visual noturna observam que, à distância, um ponto luminoso isolado fornece pouca informação confiável sobre tamanho, altitude ou distância real do objeto observado.

COMO SÃO AS LUZES DOS DRONES

- **Distinção fundamental entre drones e aeronaves tripuladas**

É importante estabelecer uma distinção acadêmica fundamental. Nem todo drone exibe um padrão luminoso tão padronizado quanto uma aeronave tripulada.

- **Função operacional, e não apenas aeronáutica**

Nos drones, as luzes podem exercer dupla função. A primeira é uma função aeronáutica relacionada à segurança, destinada a tornar o drone visível, auxiliar na orientação espacial, reduzir riscos de colisão e apoiar operações de voo noturno. A segunda corresponde a uma função eletrônica de status do sistema, permitindo indicar nível de bateria, pareamento com o controle, modo de voo, status de GPS, falhas, retorno automático ou outras condições operacionais.

Essa diferença é central para a compreensão dos sistemas luminosos. Enquanto, nos aviões, a iluminação tem predominantemente caráter externo, operacional e regulamentar, nos drones ela frequentemente atua também como sistema de telemetria visual do equipamento.

- **Luzes de drones para orientação**

Em programas europeus de treinamento para UAS, a EASA destaca a importância do reconhecimento de luzes de navegação, posição e anticolisão, observando inclusive o padrão clássico da aviação, composto de vermelho à esquerda, verde à direita e branco na traseira. Esse arranjo auxilia na percepção da orientação espacial do drone.

COGNIÇÃO
A mente estrutura o desconhecido. Modelos, padrões e conceitos dão forma ao que não compreendemos.
MEMÓRIA
O passado molda a percepção do presente. Cada experiência deixa rastros.
EXPERIÊNCIA
A percepção é um encontro entre o ser e o mundo.
INTERPRETAÇÃO
Entre o estímulo e o significado, a mente interpreta.
FENOMENOLOGIA
Não vemos o mundo como ele é, mas como nos é dado.
O fenômeno não é apenas o que aparece, mas o que se revela na relação entre o observador e o mundo.

Entretanto, em drones comerciais de pequeno porte, a disposição dessas luzes pode variar significativamente de acordo com o fabricante, a classe do equipamento, o software embarcado e eventuais acessórios adicionais de iluminação. Em consequência, os drones apresentam menor padronização visual quando comparados às aeronaves convencionais.

- **Luzes anticolisão em drones**

A regulamentação operacional dos drones, especialmente em voos noturnos, costuma exigir ou enfatizar a presença de luzes anticolisão visíveis a grandes distâncias. Nos Estados Unidos, por exemplo, a FAA exige, em determinadas operações noturnas de pequenos UAS, uma luz anticolisão visível a pelo menos três milhas estatutárias, permitindo sua desativação apenas quando representar risco à operação.

Para o observador, essas luzes podem se apresentar como um ponto único pulsante, uma luz branca ou vermelha extremamente intensa, um brilho aparentemente suspenso no ar ou uma luz que muda rapidamente de posição. Isso ocorre porque drones, especialmente multirrotores, podem permanecer estacionários no ar, girar sobre o próprio eixo, inverter rapidamente sua direção e realizar subidas ou descidas quase verticais. Esse comportamento constitui um dos principais elementos que diferenciam visualmente um drone de uma aeronave convencional.

DIFERENÇAS VISUAIS FUNDAMENTAIS ENTRE LUZES DE AVIÃO E DE DRONE

- **Avião**

As luzes de avião tendem a sugerir uma trajetória contínua e suave, caracterizada por um padrão de deslocamento mais estável e por uma maior separação espacial entre os pontos luminosos observados. Em condições normais, é frequente a presença da luz vermelha localizada na asa esquerda, da luz verde na asa direita, da luz branca na região traseira, dos *strobes* brancos de alta intensidade, do *beacon* vermelho anticolisão e, em determinadas fases do voo, das luzes de pouso extremamente intensas. Em conjunto, esses elementos produzem um padrão visual relativamente previsível e compatível com a operação de aeronaves convencionais.

- **Drone**

As luzes de drone tendem a apresentar um agrupamento mais compacto de pontos luminosos e uma capacidade significativamente maior de realizar movimentos que não são comuns em aeronaves tripuladas. Entre essas capacidades estão parar completamente no ar, pairar por longos períodos, girar sobre o próprio eixo e mudar de direção de forma abrupta. Além disso, os drones podem apresentar luzes não padronizadas, LEDs muito intensos e próximos entre si e, dependendo do modelo ou do estado operacional do sistema, cores que não correspondem aos padrões aeronáuticos tradicionais. Essas características contribuem para sua aparência visual peculiar durante observações noturnas.

- **Conclusão analítica**

A análise das luzes externas de aeronaves tripuladas e de drones demonstra que a identificação visual noturna depende menos da intensidade luminosa isolada e mais da combinação entre cor, posição, intermitência, geometria relativa e padrão de movimento. Aeronaves convencionais seguem, em geral, um arranjo mais padronizado de luzes de navegação e anticolisão, ao passo que drones apresentam maior variabilidade operacional e eletrônica. Em contextos de observação noturna, especialmente por testemunhas leigas, essas características podem ser facilmente mal interpretadas, contribuindo para relatos de objetos aéreos aparentemente anômalos. Assim, a interpretação rigorosa de avistamentos luminosos requer uma abordagem técnica, comparativa e contextualizada.

COMO AS LUZES DE OBJETOS NÃO IDENTIFICADOS SE MANIFESTAM OBSERVACIONALMENTE

- **Manifestação pontual**

A manifestação pontual constitui a forma mais comum encontrada em relatos e registros audiovisuais. Nesses casos, o fenômeno é percebido como um ponto luminoso sem contorno definido, podendo apresentar uma única cor ou variar entre branco, amarelo, vermelho, azul e laranja. Frequentemente, o brilho parece autônomo, embora não seja possível discernir qualquer forma estrutural associada à fonte luminosa. Dependendo das circunstâncias observacionais, o objeto pode parecer estático, pairando no céu, deslocando-se lentamente ou executando mudanças bruscas de direção.

- **Interpretação científica**

Quando um objeto aparece apenas como um ponto luminoso, a quantidade de informação morfológica disponível é extremamente limitada. Nessas condições, o observador geralmente consegue perceber apenas a intensidade luminosa, a cor aparente, a frequência de piscamento e a trajetória angular observada. Trata-se exatamente do tipo de situação em que planetas brilhantes, satélites artificiais, aeronaves em aproximação, drones e fenômenos atmosféricos podem ser facilmente confundidos com objetos não identificados. A própria NASA destaca que Vênus, Júpiter, Sirius, satélites, meteoros e diversos artefatos ópticos estão entre as fontes mais frequentes de confusão em observações de luzes no céu.

- **Manifestação intermitente ou pulsante**

Muitos relatos descrevem luzes que piscam ritmicamente, alternam entre brilho intenso e apagamento ou aparentam acender e apagar repentinamente. Diversos mecanismos podem produzir esse efeito observacional, incluindo luzes de navegação e anticolisão de aeronaves, *strobes* utilizados em drones, rotação ou mudança de ângulo do objeto observado, efeitos atmosféricos relacionados à névoa, camadas térmicas, turbulência e umidade, além de fenômenos associados a sensores digitais, como saturação, *rolling shutter* e compressão de vídeo em câmeras e telefones celulares.

Do ponto de vista técnico, aeronaves civis operam normalmente com luzes de posição ou navegação, luzes anticolisão vermelhas ou brancas de caráter intermitente e luzes de pouso de alta intensidade.

A FAA descreve que os sistemas anticolisão podem utilizar *beacons* rotativos e s*trobes*, frequentemente em vermelho ou branco, apresentando intensidade luminosa superior à das demais luzes da aeronave. Os drones também podem exibir iluminação visível, especialmente durante operações noturnas ou crepusculares, incluindo sistemas anticolisão, o que contribui para relatos de luzes aparentemente erráticas em baixa altitude.

- **Manifestação por mudança de cor**

Outro padrão frequentemente relatado consiste na aparente mudança de cor da luz observada. As combinações mais citadas incluem transições entre branco e azul, branco e vermelho, amarelo e laranja, vermelho e verde alternados e tons azulados intensos.

Fisicamente, a cor percebida pode depender do tipo de fonte emissora, como LEDs, descargas elétricas, plasma ou fontes incandescentes, bem como do ângulo de observação, da dispersão atmosférica, da extinção atmosférica, especialmente próxima ao horizonte, e da superexposição dos sensores de imagem. Consequentemente, nem toda mudança de cor indica alteração real na emissão luminosa do objeto. Muitas vezes, o efeito resulta de cintilação atmosférica, aberração cromática da lente, algoritmos automáticos de processamento presentes em telefones celulares ou processos de compressão digital.

Na astronomia observacional, estrelas e planetas brilhantes localizados próximos ao horizonte frequentemente aparentam oscilar entre tons vermelhos, azuis e brancos, comportamento que pode ser interpretado por observadores leigos como um fenômeno anômalo.

- **Padrões luminosos mais frequentemente relatados em fenômenos aéreos não identificados**

Para fins científicos, os relatos podem ser organizados em diferentes tipologias observacionais.

- **Luz contínua**

A luz contínua caracteriza-se por brilho constante e ausência de piscamento evidente, sendo frequentemente percebida como uma esfera ou orbe luminoso. Entre as hipóteses recorrentes associadas a esse padrão, encontram-se planetas brilhantes, aeronaves observadas frontalmente a grande distância, satélites, drones em voo estabilizado e objetos iluminados externamente.

- **Luz estroboscópica**

A luz estroboscópica apresenta flashes periódicos, regulares ou quase regulares, frequentemente interpretados como manifestações de natureza tecnológica. Entre as hipóteses recorrentes estão os *strobes* de aeronaves, os *strobes* de drones, os *beacons* rotativos e as reflexões especulares intermitentes.

- **Luz difusa ou nebulosa**

A luz difusa ou nebulosa caracteriza-se pela presença de halo ao redor da fonte luminosa, bordas imprecisas e sensação subjetiva de energia ou aura. Nesses casos, as hipóteses recorrentes incluem umidade atmosférica, neblina, aerossóis, desfoque de foco, *blooming* do sensor e superexposição em ambientes noturnos.

- **Luz com trajetória irregular**

A luz com trajetória irregular é frequentemente descrita por meio de movimentos em zigue-zague, saltos visuais e acelerações aparentemente súbitas. Diversos fatores podem contribuir para essa percepção, incluindo erros perceptivos humanos, movimentos involuntários da mão do observador, uso de zoom digital, ausência de referências de profundidade e o efeito autocinético, no qual um pequeno ponto luminoso observado contra um fundo escuro parece mover-se mesmo permanecendo estacionário.

- **Aeronaves tripuladas e seu padrão esperado**

As aeronaves tripuladas seguem um padrão luminoso relativamente padronizado, composto de luz vermelha na ponta da asa esquerda, luz verde na ponta da asa direita, luz branca na região traseira ou cauda, *strobes* brancos, *beacon* vermelho anticolisão e, em determinadas circunstâncias, luzes de pouso de alta intensidade.

Em aproximação frontal, essas luzes podem parecer um único ponto branco aparentemente imóvel durante vários segundos, aumentando abruptamente de brilho à medida que a aeronave se aproxima. A literatura operacional da FAA descreve o uso integrado de *position lights*, anti-*collision lights* e *landing lights*, incluindo a recomendação do uso de luzes de pouso abaixo de 10.000 pés para aumentar a conspicuidade visual da aeronave.

- **Drones e seu padrão esperado**

Os drones costumam apresentar LEDs visíveis em múltiplas cores, *strobes* intensos para operações noturnas e grande capacidade de realizar movimentos como parada súbita, subida vertical, deslocamento lateral e pairamento estável.

A principal razão pela qual drones frequentemente geram confusão observacional é sua capacidade de reproduzir características tradicionalmente associadas a relatos de objetos voadores não identificados.

Eles podem pairar por longos períodos, mudar de direção rapidamente, operar em baixa altitude e emitir luz intensa sem que seu ruído seja facilmente percebido a grandes distâncias. A FAA observa que operações noturnas exigem iluminação apropriada para conspicuidade, aumentando a probabilidade de relatos de luzes consideradas estranhas por observadores não familiarizados com tais operações.

COMO AS LUZES DE FENÔMENOS AÉREOS NÃO IDENTIFICADOS OU ANÔMALOS VÊM SENDO DESCRITAS

As luzes associadas a fenômenos aéreos não identificados costumam ser relatadas como fontes luminosas pontuais, mas também podem ser descritas de diversas outras formas. Frequentemente aparecem como pontos brilhantes isolados no céu, sem contorno nítido, sem estrutura visível e, em alguns casos, semelhantes a uma estrela extremamente brilhante, porém apresentando comportamento considerado incomum.

As luzes anômalas são frequentemente descritas como fontes pontuais de alta conspicuidade visual, observadas contra o fundo escuro do céu, geralmente sem resolução morfológica suficiente para permitir inferência estrutural do objeto. Quando algo aparece apenas como um ponto luminoso, a testemunha raramente consegue observar fuselagem, asas, hélices ou qualquer indicação confiável de volume real, razão pela qual esse tipo de manifestação produz forte impacto perceptivo.

- **Luzes contínuas, fixas ou aparentemente estacionárias**

Outro padrão clássico consiste em luzes que permanecem aparentemente paradas no céu, mantêm brilho estável e parecem pairar durante vários minutos. Essas luzes costumam ser descritas como brancas, amareladas ou alaranjadas, extremamente brilhantes e aparentemente imóveis, sendo interpretadas por algumas testemunhas como se estivessem observando determinada área.

Diversos relatos descrevem luzes de emissão aparentemente contínua, com baixa variabilidade temporal e movimento angular reduzido, frequentemente interpretadas por observadores como objetos em estado de sustentação estacionária.

- **Luzes intermitentes, pulsantes ou piscantes**

Outro conjunto de relatos envolve luzes que piscam, pulsam, apagam e acendem ou desaparecem e reaparecem, sendo muitas vezes interpretadas como formas de sinalização.

Esse comportamento costuma ser percebido como pulsação regular, flash intermitente, estroboscopia ou ritmo irregular. As luzes anômalas são frequentemente descritas como apresentando modulação temporal de brilho, variando entre emissão contínua, pulsação rítmica, intermitência periódica e flutuação irregular de intensidade.

- **Luzes com mudança de cor**

Também são frequentes descrições envolvendo alterações cromáticas aparentes. As testemunhas relatam luz branca tornando-se azul, luz vermelha alternando com verde, brilho alaranjado transformando-se em amarelo ou ainda luzes descritas como furta-cor ou iridescentes.

Em muitos relatos, as luzes anômalas são descritas como cromaticamente variáveis, apresentando transições aparentes entre tons de branco, vermelho, verde, azul, amarelo ou laranja ao longo do tempo observacional.

- **Luzes, aura ou bordas difusas**

Outra forma recorrente de descrição envolve luzes percebidas como uma bola de luz, um orbe, uma esfera brilhante, uma luz cercada por aura ou uma fonte luminosa envolta por uma espécie de névoa. Nessas situações, o observador frequentemente relata dificuldade em identificar contornos definidos, descrevendo uma aparência difusa ou expandida em torno da fonte principal de emissão luminosa.

As luzes anômalas são por vezes descritas como emissões difusas ou sem contorno geométrico definido, cercadas por halo luminoso ou expansão radial aparente. Em termos observacionais, esse aspecto pode resultar de fatores relacionados à propagação da luz na atmosfera, à presença de umidade, partículas suspensas no ar, neblina, aerossóis ou ainda a limitações ópticas dos equipamentos de registro.

Em determinadas circunstâncias, a própria superexposição da imagem pode produzir uma aparência de halo ou expansão luminosa que não corresponde necessariamente às dimensões reais da fonte observada.

- **Luzes com movimento errático ou manobras abruptas**

Entre os relatos mais impactantes estão aqueles que descrevem mudanças bruscas de direção, deslocamentos aparentemente instantâneos, subidas verticais rápidas, movimentos em zigue-zague e acelerações consideradas extraordinárias pelas testemunhas. Frequentemente, os observadores relatam que o objeto mudou de direção repentinamente, subiu em linha reta, desapareceu instantaneamente ou acelerou de forma incompatível com aeronaves convencionais.

As luzes anômalas são frequentemente descritas como apresentando deslocamento angular não linear, com variações aparentes de velocidade, mudanças muito rápidas de direção e episódios de aceleração visualmente abrupta. Contudo, esse tipo de descrição não pode ser automaticamente interpretado como evidência de uma manobra física real. Diversos fatores perceptivos e instrumentais podem contribuir para essa impressão, incluindo movimento involuntário da câmera, ausência de referências espaciais confiáveis, efeito autocinético, erros de avaliação de profundidade, rastreamento visual instável e mudanças de perspectiva durante a observação.

DESCRIÇÃO TÉCNICA DAS LUZES

Para fins de análise observacional, as características luminosas podem ser descritas segundo diferentes parâmetros técnicos.

- **Quanto à intensidade**

A intensidade aparente da luz pode manifestar-se como fraca, moderada, intensa ou saturante. Essa classificação auxilia na comparação entre diferentes relatos e na avaliação das condições de observação.

- **Quanto à cor aparente**

A cor observada pode apresentar-se como branca, branco-azulada, vermelha, verde, amarela, alaranjada ou multicolorida.

A caracterização cromática constitui um dos elementos mais frequentemente registrados por testemunhas e investigadores.

- **Quanto à temporalidade**

A emissão luminosa pode manifestar-se de forma contínua, pulsante, intermitente, estroboscópica ou irregular. A temporalidade do brilho representa um dos aspectos mais relevantes para a diferenciação entre diversas fontes luminosas naturais, artificiais e anômalas.

- **Quanto à geometria aparente**

A geometria observada pode ser descrita como pontual, circular, esférica, alongada ou difusa. Em muitos casos, entretanto, a distância e as condições atmosféricas limitam significativamente a capacidade de avaliação da forma real do objeto.

- **Quanto à cinemática observada**

A dinâmica aparente do fenômeno pode ser classificada como estacionária, movimento linear, movimento angular lento, oscilação, trajetória errática ou aceleração aparente. Essas categorias auxiliam na padronização dos registros observacionais e na comparação entre diferentes casos.

- **Quanto às condições de observação**

A análise técnica deve considerar informações complementares relacionadas ao contexto observacional, incluindo horário, altitude angular, direção cardeal, cobertura de nuvens, visibilidade atmosférica, umidade, vento, poluição luminosa e proximidade de aeroportos ou rotas aéreas. Esses elementos são fundamentais para a interpretação adequada dos relatos e para a avaliação de possíveis explicações convencionais.

CONSIDERAÇÕES OBSERVACIONAIS SOBRE LUZES ANÔMALAS

Na literatura observacional de Fenômenos Aéreos Não Identificados ou Fenômenos Aéreos Anômalos, as luzes são frequentemente descritas como fontes de brilho elevado, apresentando geometria aparente reduzida, variabilidade fotométrica e, em alguns casos, mudanças rápidas de intensidade e posição angular. Em numerosos relatos e análises instrumentais, essas manifestações luminosas aparecem como fontes de alta conspicuidade visual, geralmente pontuais ou difusas, capazes de apresentar emissão contínua, pulsante ou intermitente, variação cromática aparente, halo luminoso, movimento angular irregular e alterações de intensidade ao longo do tempo.

No campo observacional, as luzes anômalas têm sido descritas predominantemente como emissões pontuais ou de contorno difuso, caracterizadas por intensidade variável, cromaticidade instável, intermitência temporal e cinemática aparente não linear.

Essas características constituem alguns dos principais elementos utilizados na comparação entre relatos provenientes de diferentes épocas, regiões geográficas e contextos culturais.

Conforme Jacques Vallée (1965), o estudo dos objetos voadores não identificados deve ser conduzido prioritariamente com base na análise sistemática dos relatos de observação. Nessa perspectiva, características como luminosidade, brilho, forma aparente, deslocamento e persistência visual tornam-se elementos centrais para a avaliação comparativa do fenômeno, sobretudo quando se repetem com relativa consistência em diferentes testemunhos. Dessa forma, a observação rigorosa das manifestações luminosas permanece como uma das principais ferramentas para a investigação científica e fenomenológica dos relatos associados a fenômenos aéreos não identificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta investigação, o que permanece não é apenas a memória de uma luz observada no céu de Ponta Grossa (PR) – Brasil, mas a persistência inquietante de um fenômeno que, mesmo submetido ao crivo comparativo da análise técnica, não se deixa dissolver com facilidade nas explicações ordinárias. Essa constatação, longe de representar fragilidade metodológica, constitui precisamente o ponto mais significativo deste estudo: quando um evento resiste de maneira consistente às hipóteses mais prováveis, sua permanência como anomalia deixa de ser mero apelo narrativo e passa a adquirir valor analítico.

Ao longo deste artigo, buscou-se examinar o caso com o máximo de sobriedade descritiva e responsabilidade interpretativa, evitando tanto a precipitação conclusiva quanto o ceticismo simplificador que, muitas vezes, neutraliza prematuramente aquilo que ainda não foi devidamente compreendido. A comparação sistemática entre padrões luminosos típicos de aeronaves tripuladas, drones e demais referências visuais aéreas conhecidas demonstrou que, embora algumas características superficiais possam sugerir aproximações parciais, o conjunto fenomenológico observado preserva elementos de difícil acomodação dentro dos modelos explicativos convencionais.

E é justamente nesse excedente de incongruência, nesse resíduo persistente de não encaixe, que a singularidade do caso se torna mais evidente. A força deste episódio não reside apenas no fato de ter sido visualmente marcante, mas na qualidade de sua resistência interpretativa. Em outras palavras, não se trata de um caso que impressiona apenas porque parece estranho, mas porque continua tecnicamente relevante mesmo após o esforço de normalização analítica. A análise de fenômenos aéreos anômalos requer abordagem interdisciplinar, capaz de articular investigação empírica, epistemologia da ciência, fenomenologia da percepção e interpretação simbólica.

Nesse sentido, Hynek (1972) sustenta que determinados relatos de objetos voadores não identificados merecem consideração analítica séria quando escapam às explicações convencionais mais imediatas. Em chave epistemológica, Popper (2000) permite compreender que a ausência de explicação conclusiva não invalida a investigação científica de um fenômeno, desde que ele possa ser submetido à formulação de hipóteses criticáveis e testáveis.

Já Merleau-Ponty (1999) oferece base teórica para compreender a observação como experiência perceptiva situada, na qual corpo e consciência participam da constituição do fenômeno visto.

Estas fundamentações são fundamentais. Muitos eventos luminosos noturnos perdem sua aparência de excepcionalidade quando confrontados com padrões conhecidos de tráfego aéreo, artefatos tecnológicos ou distorções perceptivas. No caso aqui analisado, entretanto, a comparação não eliminou a anomalia, ao contrário, contribuiu para delineá-la com maior nitidez. É nesse ponto que o caso de Ponta Grossa ultrapassa a condição de mera curiosidade observacional e passa a ocupar um lugar mais sólido no campo da investigação ufológica séria. O que emerge da presente análise não é uma afirmação arbitrária do extraordinário, mas a constatação de que o fenômeno observado reúne, com grau expressivo de coerência interna, atributos compatíveis com a categoria de objeto aéreo anômalo não identificado.

Tal formulação, quando sustentada com rigor, tem densidade científica própria: ela reconhece que houve um evento real, visualmente estruturado, tecnicamente comparável e, ainda assim, insuficientemente explicado pelas referências ordinárias disponíveis. Esse reconhecimento é particularmente importante porque restitui à Ufologia um de seus fundamentos mais legítimos: a disposição de investigar com seriedade aquilo que não pode ser descartado apenas por parecer desconfortável ao paradigma explicativo vigente.

O desconhecido, quando tratado com método, deixa de ser um território de especulação vazia e passa a constituir um campo legítimo de observação crítica. E talvez seja justamente essa a maior virtude de casos como o presente: eles não apenas desafiam respostas prontas, mas exigem da investigação um grau maior de honestidade intelectual. No plano epistemológico, isso significa admitir que a ausência de identificação conclusiva não é sinônimo de fraqueza probatória, mas pode representar, em determinadas circunstâncias, o próprio dado mais relevante do caso.

Quando um objeto luminoso é observado, descrito, comparado e confrontado com parâmetros técnicos conhecidos sem que, ainda assim, se obtenha correspondência explicativa plenamente satisfatória, o que resta não é vazio interpretativo, é densidade anômala. E essa densidade, no contexto deste estudo, não se apresenta como efeito de imaginação, exagero ou leitura acrítica, mas como produto residual de uma análise que tentou, precisamente, esgotar as hipóteses mais plausíveis antes de reconhecer seus limites.

Sob essa perspectiva, o avistamento registrado em Ponta Grossa (PR) – Brasil não deve ser reduzido a uma narrativa urbana de fascínio passageiro, nem diluído em categorias explicativas apenas confortáveis por serem familiares.

O que se delineia, com considerável força argumentativa, é a presença de um fenômeno que preserva, mesmo após investigação comparativa, um núcleo robusto de indeterminação qualificada, e é exatamente esse núcleo que autoriza sua permanência no campo dos objetos aéreos anômalos não identificados com significativa legitimidade interpretativa.

Em termos mais amplos, o caso aqui analisado convida a uma reflexão que ultrapassa o evento em si. Ele nos recorda que o céu noturno, embora amplamente cartografado pela técnica, ainda permanece como espaço simbólico e observacional no qual a experiência humana do desconhecido continua a se manifestar. Entre a objetividade instrumental e a surpresa do olhar, há uma zona de interseção onde certos fenômenos persistem, não como fantasia, mas como problema real de conhecimento. É precisamente nessa fronteira, delicada, fascinante e intelectualmente fértil, que este caso se inscreve.

Assim, a conclusão que se impõe ao final desta investigação não é de encerramento absoluto, mas de reconhecimento sólido: dentro dos limites analíticos adotados, o objeto avistado em Ponta Grossa (PR) – Brasil apresenta elevado grau de compatibilidade com a categoria de fenômeno aéreo anômalo não identificado, sustentando-se com notável consistência frente às hipóteses convencionais examinadas. Em um campo frequentemente marcado por ruído, exagero ou desqualificação apressada, esse tipo de resultado possui valor singular. Ele não oferece uma resposta definitiva ao mistério, e talvez resida aí sua força maior.

Porque, em certos casos, aquilo que resiste ao desaparecimento explicativo não é apenas uma dúvida remanescente: é o sinal de que algo, de fato, merece continuar sendo visto. Desse modo, o fenômeno analisado não deve ser reduzido apressadamente nem à ilusão perceptiva nem à afirmação categórica de origem extraordinária.

Antes, impõe-se um tratamento metodologicamente prudente e teoricamente consistente, no qual a anomalia é compreendida simultaneamente como dado empírico, problema epistemológico, acontecimento perceptivo e signo cultural. É precisamente nessa convergência que reside sua relevância científica. Se há algo que os fenômenos aéreos não identificados continuam a nos ensinar, é que o desconhecido não desapareceu com o avanço da técnica, nem foi dissolvido pelo brilho da racionalidade contemporânea.

Ele permanece. Silencioso, inquietante, mas persistentemente presente, pairando não apenas sobre cidades, montanhas ou céus noturnos, mas sobre as próprias fronteiras do pensamento humano. Cada ocorrência avistada não representa apenas um desafio classificatório; representa, em sua dimensão mais profunda, um chamado. Um chamado à humildade intelectual, à coragem investigativa e à preservação daquela rara disposição humana de ainda se deixar interpelar pelo mistério sem reduzi-lo à superstição nem neutralizá-lo pelo ceticismo.

Talvez seja precisamente por isso que a Ufologia, em sua expressão mais séria, continue a mobilizar gerações inteiras: porque ela toca, ao mesmo tempo, a razão e o espanto, a ciência e a imaginação, o método e a evidência. E talvez o que mais comova, ao final, não seja a hipótese de que algo possa existir para além de nós, mas a constatação de que, diante do inexplicado, ainda somos capazes de olhar para o céu e reconhecer, com lucidez e reverência, que a realidade continua maior do que nossas certezas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC). *Regulamento Brasileiro da Aviação Civil – RBAC nº 91*: regras gerais de operação para aeronaves civis. Brasília, DF: ANAC, 2026. Disponível em: https://www.anac.gov.br. Acesso em: 6 abr. 2026.

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC); COMANDO DA AERONÁUTICA. *ICA 100-12*: regras do ar. Brasília, DF: DECEA, 2024. Disponível em: https://www.decea.mil.br. Acesso em: 6 abr. 2026.

ASSOCIATED PRESS. *Is that a drone or a plane?* Experts help explain the differences. New York: Associated Press, 2024. Disponível em: https://apnews.com. Acesso em: 6 abr. 2026.

FEDERAL AVIATION ADMINISTRATION (FAA). *Aeronautical Information Manual (AIM)*: Use of Aircraft Lights. Washington, DC: FAA, 2026. Disponível em: https://www.faa.gov. Acesso em: 6 abr. 2026.

FEDERAL AVIATION ADMINISTRATION (FAA). *For beyond visual line of sight (BVLOS) operations, are anti-collision lights required?* Washington, DC: FAA, 2026. Disponível em: https://www.faa.gov. Acesso em: 6 abr. 2026.

HYNEK, J. Allen. *The UFO experience*: a scientific inquiry. New York: Ballantine Books, 1972.

HYNEK, J. Allen. *The Hynek UFO report*. New York: Dell Publishing, 1977.

KEAN, Leslie. *UFOs*: generais, pilotos e autoridades vão a público. Curitiba: Biblioteca UFO, 2011.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2000.

UNITED STATES. *Code of Federal Regulations*. Title 14, § 91.209 – Aircraft Lights. Washington, DC: U.S. Government Publishing Office, 2026. Disponível em: https://www.ecfr.gov. Acesso em: 6 abr. 2026.

VALLÉE, Jacques. *Anatomy of a phenomenon*: unidentified objects in space – a scientific appraisal. Chicago: Henry Regnery Company, 1965.

VALLÉE, Jacques. *Passport to Magonia*: from folklore to flying saucers. Chicago: Henry Regnery, 1969.

VALLÉE, Jacques. *Dimensions*: a casebook of alien contact. New York: Ballantine Books, 1988.

VALLÉE, Jacques. *Confrontations*: a scientist's search for alien contact. New York: Ballantine Books, 1990.

VALLÉE, Jacques. *Revelations*: alien contact and human deception. New York: Ballantine Books, 1991.

A UFOLOGIA: UM CAMINHO PARA O DESPERTAR

CARLOS ODONE DA COSTA NUNES

RESUMO

Para que o processo de despertar se estabeleça e a humanidade torne-se capacitada a um contato aberto com Inteligências Cósmicas, numa relação adequada às condições de convivência pacífica e harmônica, há necessidade de olharmos com mais atenção para nós mesmos e para tudo que nos envolve neste e além de nosso Planeta. O autor escreve sobre a abertura ufológica e suas concepções a respeito do Cosmos e da relação intrínseca que as inteligências que o habitam mantêm entre si, principalmente aquelas que nos visitam e outras que estão entre nós. Dessa forma, precisamos pensar na política interna que vamos adotar para, realmente, sermos reconhecidos como preparados e poder conviver com outras inteligências cósmicas. São elencados seis pontos considerados pelo autor fundamentais para o DESPERTAR da humanidade. Um tratamento estudioso e pesquisador de forma avançada e mais aprofundada deve ser empregado nesses pontos para que a fenomenologia ufológica possa responder a muitas questões que, possivelmente, nos levarão ao despertar para outras realidades interdimensionais.

PALAVRAS-CHAVE

Abertura ufológica. Desacobertamento. Exopolítica. Contatos. Ufoarqueologia. Despertar da Consciência. Origens. Preparação.

ABSTRACT

For the awakening process to be established and for humanity to become capable of open contact with Cosmic Intelligences, within conditions conducive to peaceful and harmonious coexistence, it is necessary to look more closely at ourselves and at everything that surrounds us, both on and beyond our planet. The author discusses UFO disclosure and presents his conceptions regarding the Cosmos and the intrinsic relationship among the intelligences that inhabit it, especially those that visit us and others that are already among us. In this context, we must reflect on the internal policies and attitudes we will adopt in order to be genuinely recognized as prepared and able to coexist with other cosmic intelligences. Six points considered fundamental by the author for humanity's AWAKENING are presented. These points require more advanced, in-depth, and scholarly investigation so that UFO phenomenology may be able to answer many questions that could potentially lead us toward an awakening to other interdimensional realities.

KEYWORDS

UFO Disclosure. Disclosure Process. Exopolitics. Contacts.
UFO Archaeology. Consciousness Awakening. Origins. Preparation.

RESUMEN

Para que el proceso de despertar se establezca y la humanidad llegue a estar capacitada para un contacto abierto con Inteligencias Cósmicas, dentro de condiciones adecuadas para una convivencia pacífica y armoniosa, es necesario observar con mayor atención a nosotros mismos y a todo lo que nos rodea, tanto en nuestro planeta como más allá de él. El autor escribe sobre la apertura ufológica y expone sus concepciones acerca del Cosmos y de la relación intrínseca existente entre las inteligencias que lo habitan, especialmente aquellas que nos visitan y otras que ya se encuentran entre nosotros. En este sentido, debemos reflexionar sobre las políticas internas y las actitudes que adoptaremos para ser realmente reconocidos como preparados y capaces de convivir con otras inteligencias cósmicas. Se presentan seis puntos considerados por el autor como fundamentales para el DESPERTAR de la humanidad. Estos aspectos requieren un tratamiento más profundo, avanzado y de carácter investigativo para que la fenomenología ufológica pueda responder numerosas cuestiones que posiblemente nos conduzcan a un despertar hacia otras realidades interdimensionales.

PALABRAS CLAVE

Apertura Ufológica. Desclasificación. Exopolítica. Contactos. Ufoarqueología. Despertar de la Conciencia. Orígenes. Preparación.

SOBRE O AUTOR

CARLOS ODONE DA COSTA NUNES é mestre em Educação, em Ciências e Matemática, engenheiro químico e químico pela PUCRS, além de professor de Química aposentado do Colégio Militar de Porto Alegre. É pesquisador na área de Ufologia há mais de vinte e oito anos. Dedica-se ao estudo e à pesquisa ufológica holística, aprofundando seus conhecimentos por meio de bibliografia especializada na área científica-espiritualista. Participa, como conferencista, de Congressos e Encontros Ufológicos e Holísticos, em nível Regional e Nacional. É membro fundador e um dos coordenadores do Grupo ALDEBARAN de Investigações e Debates Ufológicos (GAIDU). É membro-fundador do Movimento Gaúcho de Ufologia (MGU), fazendo parte da Coordenação Geral. Foi membro do Centro Brasileiro de Pesquisa de Discos Voadores (CBPDV) e Consultor Especial da Revista UFO de 2013 a 2025. É secretário da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU). É trabalhador voluntário do Projeto Câmaras Arcturianas e do Centro Espiritualista AMOR e LUZ.

INTRODUÇÃO

Os ufólogos, em sua grande maioria, ainda não perceberam a importância do que estudam e pesquisam para o seu próprio despertar. A Ufologia, tratada de forma holística e com mente aberta, produz uma expansão consciencial capaz de provocar mudanças profundas na vida de quem a pratica. O potencial dessa disciplina para abrir caminhos inimagináveis na mente humana é surpreendente.

A Ufologia, muitas vezes vista apenas como um campo de relatos curiosos ou teorias improváveis, revela-se, para quem a observa com atenção, como um território de encontro entre ciência, filosofia e espiritualidade.

Na realidade, essa paraciência deixou de ser, simplesmente, o estudo de objetos voadores não identificados. Ela vai muito além disso. Aliás, o que realmente passa a interessar é o que está por trás dos UFOs, levando-nos a investigar também os limites da percepção humana, os mistérios da consciência e o nosso lugar no cosmos.

Como podemos ver, a pesquisa e o estudo dos OVNIs se estendem a uma conexão com outras áreas do conhecimento. Isso exige uma abertura para um grande entrelaçamento cognitivo, um verdadeiro quebra-cabeça em que as peças terão que ser buscadas em fontes diversas.

Josef Allen Hynek, astrônomo, professor e ufólogo americanos, considerado pela comunidade ufológica como o pai da Ufologia, afirma:

> “Quando a tão esperada solução para o problema dos UFOs vier, acredito que será não apenas o próximo pequeno passo na marcha da Ciência, mas um poderoso e totalmente inesperado salto quântico.”

A própria Ufologia pode ajudar nesse processo, reunindo informações que estimulem uma abertura holística e o despertar da humanidade terrestre para a consciência de que somos parte da vida inteligente espalhada por todo COSMOS, que chamamos de Consciência Cósmica.

A ABERTURA HOLÍSTICA

A abertura é fundamental. Isso não significa aceitar tudo, mas estar com a mente aberta para ouvir e filtrar.

Estamos aprendendo constantemente, sendo que, para isso, é preciso que estejamos receptivos às concepções, às ideias, às conjecturas e aos pressupostos do que chega até nós.

O diálogo e o compartilhamento de ideias devem estar presentes em encontros e reuniões que envolvam interessados e estudiosos no assunto, visando ao crescimento coletivo.

Quando se fala em abertura, estamos nos referindo a uma ABERTURA HOLÍSTICA, ou seja, com um espírito universalista, respeitando todas as correntes ufológicas, sejam elas científica, filosófica, espiritualista, exotérica ou mística, desde que tratem a Fenomenologia dos UFOs de maneira séria e responsável.

O DESPERTAR

Está na hora, portanto, de despertarmos para a abertura de nossa consciência, para a expansão consciencial de nosso SER.

Na realidade, esse processo de DESPERTAR se dá em etapas, conforme evoluímos e temos o entendimento de que a VIDA INTELIGENTE não é exclusiva de nosso planeta, e, sim, pulsa em todos os rincões de nosso Universo, tendo certamente uma relação direta conosco.

Conforme J. Allen Hynek**:**

> “Se houver somente uma civilização um pouco atrás de nós (uns dez mil anos), ela não terá tecnologia avançada. Mas se estiver somente um pouco à frente de nós, que estamos explorando o Sistema Solar, seus representantes deverão estar entre nós.”

Na verdade, “somos todos irmãos cósmicos”, porém nos falta uma compreensão maior dessa afirmação, o que nos torna competitivos e agressivos entre nós e com o próprio Planeta que nos acolheu.

O despertar exige que nos conheçamos, para melhor refletirmos sobre o nosso comportamento nada recomendável, que nos distancia de uma convivência harmônica com outras civilizações cósmicas, mais avançadas tecnológica e espiritualmente.

Por tudo isso, precisamos DESPERTAR, despertar para o belo, para a cooperação, para a responsabilidade de evoluir como espécie, para a harmonia terrestre, para a vastidão do universo, para a humildade diante do desconhecido, para a consciência como força criadora, para a interconexão entre todas as formas de vida, para a fraternidade universal, para um melhor entendimento do papel fundamental da Ufologia no contexto atual.

CONCEPÇÃO UFOLÓGICA

A UFOLOGIA, como já foi dito e não é demais repetir, é uma disciplina que busca desvendar o que está por trás dos OVNIs, uma das principais áreas investigativas que oportuniza o desenvolvimento de nosso despertar.

Ao longo do tempo, a Ufologia se expandiu e se tornou uma disciplina holística, aberta e ampla, considerando-se o grande leque de temas que dizem respeito direta ou indiretamente ao seu estudo.

Trata-se, na atualidade, de uma área de pesquisa que envolve conhecimentos científicos, filosóficos e espiritualistas, como guias de estudos interdependentes e complementares.

É natural para nós ufólogos entender que a Vida Inteligente está espalhada por essa imensidão cósmica. Segundo Carl Sagan:

> "Se não existe vida fora da Terra, então o Universo é um grande desperdício de espaço."

Considerando-se o nosso Universo mais próximo, ou seja, apenas a nossa galáxia, a Via Láctea, quantas das civilizações mais avançadas nela nos visitam desde os primórdios da Terra? Atentando ainda, para a multidimensionalidade presente na Via Láctea, temos um número ainda mais expressivo de civilizações chegando até nós.

Precisamos, portanto, pensar a Ufologia como uma disciplina também universalista, que entende o COSMOS como a UNIDADE, repleto de vida pulsante em pleno processo evolutivo, onde SOMOS TODOS UM, buscando conhecer e contatar a enorme diversidade de linhagens alienígenas interdimensionais, nossos irmãos cósmicos, bem como suas variadas intenções e relações com a humanidade terrestre, levando-se, ainda, em consideração que boa parte delas, as confederadas, respeita e segue as LEIS CÓSMICAS DA VIDA.

Penso ser oportuno, nesse momento, que reflitamos sobre o nosso interesse incessante em buscar uma maior compreensão dos mistérios que envolvem do Fenômeno UFO. Jacques Vallée, pesquisador ufológico, astrofísico e matemático franco-americano, afirma:

> "Quando eu me aproximei da Ufologia, nos anos 60, pensei que a hipótese extraterrestre era a melhor que existia, e disse isso em meus primeiros dois livros. Mas fui forçado a mudar de opinião porque os dados que coletei contradizem esta hipótese. Se nós queremos persistir na concepção extraterrestre, devemos estar conscientes destas contradições."

Isso é extremamente significativo pois diz respeito diretamente a nossa relação com o que está por trás desse fenômeno.

Essa busca de informações reúne alguns tópicos interrelacionados, que serão abordados a seguir, além de uma conexão intrínseca com o caminho que precisamos trilhar, visando ao nosso despertar.

ÁREAS DE ESTUDOS ÚTEIS AO DESPERTAR

Os ufólogos, diante da diversificada gama de temas e assuntos pertinentes aos enigmas dos UFOs, têm a liberdade de se dedicar à área de estudo que mais os fascina, porém, conforme minhas escolhas, elenquei seis PONTOS, a seguir, que considero, hoje, de fundamental importância para o DESPERTAR da humanidade, a serem tratados de forma avançada e mais aprofundada a respeito da fenomenologia ufológica.

Hoje, além do estudo da Casuística Ufológica, da Pesquisa de campo (Pesquisa indireta) e da Vigília noturna (Pesquisa direta), a Ufologia tem áreas de buscas e descobertas desafiadoras que propiciam um grande avanço para uma maior compreensão do que está por trás do Fenômeno UFO.

A UFOARQUEOLOGIA

Este é o primeiro ponto a ser explorado. A Ufoarqueologia se dedica a investigar possíveis vestígios materiais, arquitetônicos e culturais que possam indicar contatos entre civilizações antigas e outras inteligências cósmicas.

Além de propor novas interpretações para enigmas históricos que permanecem sem explicação convincente, ela parte do princípio de que muitos monumentos, artefatos e relatos antigos podem conter pistas sobre interações com tecnologias avançadas.

Conforme o ufólogo professor Ph.D. da Universidade da Califórnia e futurologista James Joachim Hurtak:

> "As respostas estão bem mais perto do que pensamos, e dentro de nosso ambiente planetário encontramos muitas peças desse quebra-cabeças."

Um dos pontos mais fascinantes da Ufoarqueologia é sua capacidade de identificar padrões semelhantes em civilizações de diversas culturas ao redor do mundo que jamais tiveram contato entre si. Sugere que representações de seres celestes, máquinas voadoras e "deuses" que descem dos céus não são meras coincidências simbólicas, mas um indicativo de registros de experiências reais.

A grande contribuição da Ufoarqueologia está na divulgação, por parte dos pesquisadores, de seus achados, levando o público em geral ao despertar da consciência, reconsiderando limites estabelecidos, questionando paradigmas e refletindo sobre a possibilidade de que a história humana seja mais complexa do que imaginamos e que talvez tenha que ser recontada.

Portanto, a Ufoarqueologia cumpre um papel essencial: manter viva a curiosidade humana. Ela sinaliza para o fato de que o conhecimento avança quando ousamos explorar o desconhecido e quando permitimos que novas ideias desafiem o que consideramos estabelecido.

OS CONTATOS

Este segundo ponto é um indicativo de que a aproximação está sendo sinalizada. Segundo o Astrofísico Ethan Siegel:

> "O contato extraterrestre seria o ápice da esperança, da oportunidade de sermos humildes diante de tudo que a natureza tornou possível".

Os contatos por todo o Planeta são muitos. Os AVISTAMENTOS registrados por filmagens e fotos de UFOs, filtradas e comprovadas por especialistas em análise criteriosa de sua veracidade, aumentam progressivamente.

O processo de ABDUÇÃO, o rapto de humanos por aliens, constituiu um processo agressivo que foi mais evidenciado, mas com o passar do tempo começou a dar lugar ao contato amistoso, físico e extrafísico, que hoje passa a ter indicativos maiores, deixando as vítimas de outrora, de agora em diante, serem chamadas não mais de abduzidos, mas simplesmente CONTATADOS.

Os contatos têm ocorrido, também, por meio das chamadas VISITAS DE DORMITÓRIOS, em que, nessa situação, os alienígenas fazem seus procedimentos com as vítimas em suas próprias moradias.

Temos ainda a CANALIZAÇÃO, como uma mensagem recebida por aqueles que se dizem receptivos a esse tipo de contato, embora com o descrédito da grande maioria dos ufólogos. Além disso, por meio dos AGROGLIFOS, temos uma incidência significativa nos sinais de comunicação por símbolos, parecendo-nos uma mensagem manifestada por uma linguagem universal que necessita ser desvendada e compreendida.

Fechando esse primeiro ponto, há um contato que não é abordado na Ufologia, mas que complementa o slogan da série *Arquivo X*, ou seja, "A verdade está lá fora", porém ela pode ser descoberta em uma outra dimensão em nosso interior. Trata-se da busca do silêncio interior, da verdade a ser encontrada em nossa essência, do CONTATO COM O EXTRATERRESTRE DENTRO DE NÓS, ou seja, nossa consciência.

É relevante observar aqui que o corpo físico é apenas um veículo ocupado pela consciência, porém necessário para que ela possa dar continuidade ao seu processo evolutivo. A consciência possui uma longa história de vida em nosso Universo, mesmo antes de vir para o Planeta Terra. Portanto, sua natureza é extraterrestre.

Conforme os CONTATOS se tornarem mais frequentes, abrangendo uma boa parte da humanidade, crescerá o desejo da busca de nossa relação com aqueles que nos visitam. Isso irá provocar um interesse maior por NOSSAS ORIGENS.

A NOSSA ORIGEM

Esse terceiro ponto nos remete a uma série de questionamentos e reflexões a respeito do nosso currículo cósmico. Entre várias questões, estão listadas a seguir aquelas que considero das mais importantes. Qual a nossa última origem antes de vir para a Terra? Quem foram os cocriadores do corpo físico adaptado à biosfera terrestre? Que Inteligências cocriaram a estrutura corpórea, capaz de receber uma consciência, possibilitando o seu desenvolvimento, ou seja, a continuidade de seu processo evolutivo? Os Anunnaki, aqueles que vieram do céu, podem responder a essas questões?

Que outras linhagens interviram na evolução do corpo físico, alterando o seu DNA até chegar à condição de *Homo sapiens sapiens*? Estamos sendo monitorados por qual ou quais inteligências que provocaram transformações mais profundas em nossa fisiologia, principalmente em questões neurológicas (cérebro e mente)? Está sendo criada uma linhagem híbrida capaz de se tornar a nova humanidade terrestre? Que inteligências são essas que se manifestam sutilmente para algumas pessoas que se dizem abduzidas ou contatadas? Pedro de Campos, em seu livro, *Arquivo Extraterreno – Espíritos, Aliens e UFOs*, afirma:

> "O espírito humano faz sua evolução na TERRA, os Aliens, sejam eles extra ou ultraterrestres, a fazem em outros orbes ou em outras dimensões do Cosmos, enquanto o Fenômeno UFO é tido como expressão técnica de inteligências que chegam à Terra em visita ou para estudo dos seres humanos."

Aqui estamos diante apenas de uma ponta de um gigantesco iceberg. O autor propõe uma relação entre outras inteligências espalhadas pelo Cosmos e parte da multidimensionalidade na qual estamos envolvidos.

Portanto, há necessidade de conhecermos a nós mesmos e de expandirmos nossa consciência, despertando para o nosso processo evolutivo consciencial constante de vida após vida. A evolução da consciência, para a maioria dos seres humanos que estão aqui nesse planeta de 3D, provavelmente, vem ocorrendo de um orbe para outro, com densidades e realidades diferentes, entre estados corporais densos e sutis. Esse longo processo parece ser muito longo, talvez infindável. É provável, ainda, que Inteligências ainda mais avançadas sejam cocriadoras das consciências espalhadas pelo nosso universo, talvez seres extracelestiais.

Para reforçar, nossa consciência não é terrestre. Ela ocupa um corpo físico terrestre. A situação dela, hoje, é terrestre, mas ela é extraterrestre. Estamos terrestres, mas nossa jornada evolutiva é muito antiga, com incursões por outros orbes desta e de outras dimensões. Somos “seres situacionais”, conforme é dito pelo Dr. Ernesto Bono, psiquiatra gaúcho e ufólogo da antiga geração.

A ideia que tenho hoje é de que somos partículas conscienciais divinas, que, de etapas em etapas, se juntarão e se unificarão, retornando à origem primordial, a nossa casa, junto da Fonte Criadora, o que vai ao encontro da Unidade, ou seja, SOMOS TODOS UM.

Para contribuir no entendimento da nossa situação atual terrestre e a relação que temos com outras inteligências cósmicas, abrindo os horizontes de NOSSAS ORIGENS, é importante darmos continuidade à investigação do que nos foi acobertado e trilharmos o caminho, em uma ação conjunta pelo DESACOBERTAMENTO.

O DESACOBERTAMENTO

Esse quarto ponto é um processo que exige uma pesquisa investigativa dos fatos que nos foram negados. O desacobertamento está em franco andamento. Em 2012, quando a Lei de Acesso à Informação entrou em vigor, o poder público enfrentou uma grande corrida por informações sobre os OVNIs.

A partir de 2024, a Comissão Brasileira de Ufólogos – CBU – intensificou a luta pela abertura de arquivos com a reativação da campanha "UFOs: liberdade de informação já", que havia sido criada em 2004. Nesse período, o Pentágono já admitia que pesquisa o que eles chamam de Fenômeno Aéreo Não Identificado (UAP). Luis Elizondo, ex-diretor do programa de OVNIs do Pentágono – AATIP, comenta:

> "Se você pudesse estar no meu lugar e ver o que eu vi, não haveria a menor sombra de dúvida de que essas coisas são reais e não são feitas por humanos."

Recentemente o governo Donald Trump, de certa forma, deu um ultimato às instituições de investigação e pesquisa, como o Pentágono, para que abram a "caixa preta" e disponibilizem um relatório detalhado, sem classificação sigilosa, sobre UFOs, bem como todos os estudos e pesquisas que vinham sendo feitos desde os meados do século passado e ocultados da humanidade. São situações muito fortes que, somadas, podem provocar um desacobertamento em cascata.

É importante que se diga que existem diferentes grupos dentro da comunidade de inteligência dos EUA em relação à divulgação de informações ligadas aos alienígenas. Alguns podem querer impedir uma divulgação como essa, enquanto outros podem estar olhando para o outro lado e, sutilmente, dando apoio à divulgação, permitindo que isso aconteça, por meio vazamentos que estão chegando até nós. Precisamos ficar atentos.

Quando os ufólogos estiverem unidos, sem estrelismo, deixando de lado a busca de notoriedade, e imbuídos de um espírito de cooperação coletiva, o seu trabalho pela causa ufológica, com todo o seu poder de mobilização, terá a divulgação dos fatos e evidências ufológicas ampliada com maior visibilidade. Dessa forma, a comunidade ufológica irá alertar e atrair a imprensa, como sua aliada, para a realidade que temos o direito de saber, ou seja, a de tudo que está se passando e o que se passou e que nos foi ocultado durante todos esses anos.

Conforme os arquivos forem abertos e as testemunhas se manifestarem, maior será a possibilidade de a humanidade terrestre despertar para a existência de outras realidades e de inteligências mais avançadas estarem acompanhando nosso desenvolvimento desde os primórdios de nosso Planeta.

Considero o DESACOBERTAMENTO de grande valia para a tomada de consciência da humanidade no que diz respeito à necessidade de nossa PREPARAÇÃO para o contato com outras civilizações cósmicas, o que se tornará iminente a partir dos novos paradigmas que ditarão mudanças profundas em nosso comportamento.

A PREPARAÇÃO

O quinto ponto é o processo de maior importância para que o contato possa acontecer, seja ele individual, grupal ou de forma oficial para toda a humanidade terrestre. Logo podemos nos perguntar: qual a intenção desses seres para conosco? Por que até agora não se manifestaram de forma global? Para responder, podemos levantar outro questionamento: estamos preparados para uma convivência pacífica com essas Inteligências? Se entre nós esse comportamento é comprometedor, o que podemos esperar de uma aproximação mais evidente de outras formas de vida com a humanidade terrestre?

Podemos afirmar que, ao refletir sobre essas questões, colocando em prática ações compatíveis com seres realmente humanos, daremos passos importantes visando à nossa preparação efetiva para o contato. Conforme Carl Sagan:

> "A preparação para o contato com outra inteligência exige mais do que tecnologia; exige maturidade cultural, humildade científica e a disposição de reconhecer que não somos o centro do universo."

Mais precisamente, para que isso possa ocorrer, urge a necessidade de mudanças de comportamento condizentes com as Leis Cósmicas. As leis superiores de nosso Universo exigem uma expansão da consciência do povo da Terra, visando a uma convivência harmônica com as Inteligências tecnológica e espiritualmente mais avançadas da Comunidade Maior, que, ao longo do tempo, vêm nos acompanhando.

Quando isso vier a acontecer, teremos um número ainda maior de pessoas com uma concepção espiritualista universalista, responsáveis consigo mesmas e com a Espiritualidade Superior por estarem com o espírito e coração abertos, livres de dogmas, julgamentos e preconceitos, ainda mais preparadas para ajudar, de forma irreversível, no processo de despertar de consciências, visando a PREPARAÇÃO PARA O CONTATO.

Cabe aqui acrescentar que será fundamental que se tenha um comportamento cosmoético, adotando-se uma EXOPOLÍTICA, em consonância com um tratamento diplomático e civilizado sobre questões extremamente relevantes para a humanidade, que venham ao encontro das leis fundamentadas no AMOR INCONDICIONAL e no RESPEITO e ASSISTÊNCIA MÚTUA entre as Inteligências Confederadas de nosso universo.

EXOPOLÍTICA

Como sexto e último ponto, temos a Exopolítica, que se consolidou como uma das áreas mais estratégicas e indispensáveis dentro dos estudos ufológicos contemporâneos. Trata-se de um campo de estudos que amplia o horizonte ao analisar as implicações sociais, governamentais, diplomáticas e religiosas diante da possível presença de outras inteligências cósmicas interagindo com a Terra.

É relevante dizer que a Exopolítica parte do pressuposto de que, se civilizações extraterrestres existem e mantêm algum nível de contato direto ou indireto com a humanidade, isso inevitavelmente impacta estruturas de poder, políticas de sigilo, decisões militares e até a construção de narrativas oficiais distorcidas e confusas. Assim, ela se torna uma ponte entre a Ufologia e a Geopolítica, investigando como governos, instituições e forças armadas lidam com informações sigilosas sobre o Fenômeno UFO. Por conseguinte, a Exopolítica também desempenha um papel crucial ao questionar políticas de sigilo e incentivar a transparência. Ela defende que o conhecimento sobre outras inteligências do Cosmos não deve ser monopólio de elites governamentais ou militares, mas um direito da humanidade. Dessa forma, ela vem ao encontro de uma das atividades mais importantes dos ufólogos, a luta em prol do desacobertamento, o que, por uma consequência natural, contribuirá decisivamente para o despertar, inclusive da parcela mais cética da humanidade terrestre.

Conforme os estudiosos da Exopolítica, urge a necessidade de nos prepararmos para um futuro inevitável, considerando, principalmente, as seguintes questões fundamentais: Como a humanidade deveria responder a um contato aberto?

Quais protocolos éticos e diplomáticos seriam necessários? Essas reflexões expandem nossas concepções políticas para fora do Planeta, deixando de ser uma mera fantasia e se tornando um planejamento estratégico, o que nos remete a uma preparação obrigatória. Para Michael E. Salla, doutor em Governo, pesquisador e fundador da Exopolitics Institute,

> "Preparar-se para a Exopolítica significa reconhecer que a presença extraterrestre, se confirmada, exigirá novas estruturas diplomáticas, novos modelos de governança e uma revisão profunda do papel da humanidade no cenário cósmico."

Nesse sentido, a Exopolítica promove a ideia de cidadania cósmica, na qual cada indivíduo tem o direito de compreender seu lugar em nosso universo. Ao propor que a humanidade considere sua inserção em um contexto interplanetário ou até interdimensional, a Exopolítica desafia velhos paradigmas e convida a sociedade a amadurecer, atentando a novos paradigmas. Ela nos obriga a repensar conceitos como soberania, fronteiras, identidade e até o próprio significado de civilização.

Mais do que uma área de estudo, a Exopolítica é um chamado para a evolução coletiva, reforçando a necessidade de um despertar da humanidade. Ela nos lembra que, se não estivermos preparados para compreender nosso papel no Cosmos, talvez não estejamos prontos para voltarmos a participar dele.

Portanto, se desejamos nos reintegrar ao convívio de civilizações mais avançadas, precisamos respeitar as leis maiores, sejam elas galácticas ou universais, regedoras do comportamento de seres mais evoluídos.

CONCLUSÃO

Há tanta coisa a superar. E é preciso coragem para olhar a vida com profundidade, para ser diferente dos outros, para questionar, para compreender a importância de se perdoar e agradecer.

Nossa missão como seres em pleno processo evolutivo é despertar para outras realidades, buscar o conhecimento e realizar descobertas a respeito dos segredos e mistérios do Universo, preparando-nos para uma convivência harmônica com outras civilizações, algumas nos visitando e outras já interagindo conosco, sem nos darmos conta. Precisamos, portanto, nos preparar também para as revelações que vão chegar e que podem mudar nossas concepções de justiça e verdade.

Torna-se necessário que despertemos para o significado essencial da vida aqui na Terra e demais esferas espalhadas pelo Cosmos.

Conhecimento, Autorreflexão, Respeito e Amor incondicionais são prioridades a serem compartilhadas entre todos os seres da vastidão cósmica.

É fundamental que estejamos fortes, coesos e preparados para uma convivência harmônica com Inteligências Cósmicas Avançadas, inseridas em outras realidades, passando a fazer parte de uma Comunidade Maior, galáctica ou, quem sabe, Intergaláctica.

Nós não imaginamos como somos respeitados por “eles”, pela jornada que fazemos! Nós somos parte “deles”, e “eles” estão aqui para nos ajudar em nossa ascensão. Portanto, resgatemos, em nós, a liberdade para o despertar. Devemos estar vigilantes, com mente aberta, e viver a vida com ética e harmonia. Precisamos sempre lembrar de fazer a nossa parte. Temos um trabalho muito importante a executar.

Para finalizar, peço a todos que leram esse artigo que deem sua contribuição com a máxima consciência para o “DESPERTAR”, sendo multiplicadores das mudanças que todos nós almejamos à nossa humanidade. Vamos despertar e seguir em frente, minha gente!

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Pedro de. *Arquivo extraterreno*: espíritos, aliens e UFOs. São Paulo: Lúmen Editorial, 2012.

CAMPOS, Pedro de. *UFO*: fenômeno de contato. São Paulo: Lúmen Editorial, 2005.

ELIZONDO, Luis. *Imminent*: inside the Pentagon's hunt for UFOs. New York: William Morrow, 2024.

HURTAK, J. J. *O livro do conhecimento*: as chaves de Enoque. Curitiba: Academia para Ciência Futura, 2000.

HYNEK, J. Allen. *The Hynek UFO report*. New York: Dell Publishing, 1977.

HYNEK, J. Allen. *The UFO experience*: a scientific inquiry. New York: Ballantine Books, 1972.

KEAN, Leslie. *UFOs*: generais, pilotos e autoridades vão a público. Curitiba: Biblioteca UFO, 2011.

MONNET, Pierre. *Comunicações extraterrestres*: relatos inéditos de contatos alienígenas. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.

PINOTTI, Roberto. *Somos todos ETs*. Campo Grande: Biblioteca UFO, 2016.

POPE, Nick. *Céus abertos, mentes fechadas*. São Paulo: Madras, 2007.

REVISTA UFO. *Entrevista com Jacques Vallée*. Revista UFO, Curitiba, n. 139, 2008. p. 17-24.

SAGAN, Carl. *Contact*. New York: Simon & Schuster, 1985.

SAGAN, Carl. *Cosmos*. New York: Random House, 1980.

SALLA, Michael E. *Exopolitics*: political implications of the extraterrestrial presence. Tempe: Dandelion Books, 2004.

SALLA, Michael E. *Exposing U.S. government policies on extraterrestrial life*: the challenge of Exopolitics. Tempe: Dandelion Books, 2012.

VALLEE, Jacques. *Confrontations*: a scientist's search for alien contact. New York: Ballantine Books, 1990.

VALLEE, Jacques. *Dimensions*: a casebook of alien contact. New York: Ballantine Books, 1988.

VALLEE, Jacques. *Passport to Magonia*: from folklore to flying saucers. Chicago: Henry Regnery, 1969.

VALLEE, Jacques. *Revelations*: alien contact and human deception. New York: Ballantine Books, 1991.

REVISTA COSMOVNI │ISSN 2675-8466│ NÚMERO 12 │2026/1

QUANDO O CÉU QUEIMOU EM ARAÇARIGUAMA: OS 80 ANOS DA MORTE DE JOÃO PRESTES FILHO

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA

RESUMO

Este artigo propõe uma análise do chamado Caso Prestes, ocorrido em 4 de março de 1946, no então pequeno município de Araçariguama, interior do estado de São Paulo, episódio que resultou na morte do lavrador João Prestes Filho após a alegada incidência de uma fonte luminosa de origem não identificada que lhe provocou queimaduras fatais de características incomuns. Situado no imediato contexto do pós-Segunda Guerra Mundial — período ainda marcado pelo impacto simbólico e material das destruições de Hiroshima e Nagasaki —, o caso apresenta elementos médicos, testemunhais e circunstanciais que suscitaram interpretações divergentes ao longo das décadas, variando entre explicações de natureza físico-tecnológica, leituras folclóricas regionais e hipóteses associadas a fenômenos aéreos anômalos, anteriores inclusive à observação de Kenneth Arnold, marco consagrado da moderna ufologia. A partir de revisão documental, análise historiográfica e reavaliação de entrevistas e registros coletados, inclusive aqueles sistematizados nas investigações conduzidas na década de 1990 em colaboração com Pablo Villarrubia Mauso, o estudo busca reconstituir o evento em sua materialidade histórica, examinando a formação narrativa do fenômeno, seus enquadramentos científicos e culturais e sua permanência como enigma interdisciplinar na interface entre história, medicina legal, antropologia do imaginário e estudos sobre relatos de fenômenos aéreos não identificados. O objetivo central é compreender de que modo um acontecimento localizado e aparentemente singular se converteu em referência duradoura no repertório ufológico brasileiro, revelando tensões entre memória, evidência empírica e construção social do extraordinário.

PALAVRAS-CHAVE

Araçariguama. João Prestes Filho. Eventos anômalos, Fenômenos Aéreos Não Identificados (FANI). Casos clássicos. Queimaduras. Medicina Legal. Folclore. Armas secretas. Micro-ondas.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the so-called Prestes Case, which occurred on March 4, 1946, in the then small municipality of Araçariguama, in the interior of the state of São Paulo, Brazil. The episode resulted in the death of the farm worker João Prestes Filho following the alleged incidence of a luminous source of unidentified origin that caused fatal burns with unusual characteristics. Situated within the immediate context of the post-World War II period — a time still marked by the symbolic and material impact of the destruction of Hiroshima and Nagasaki —, the case presents medical, testimonial, and circumstantial elements that have given rise to divergent interpretations over the decades, ranging from physical-technological explanations and regional folkloric readings to hypotheses associated with anomalous aerial phenomena, predating even the observation made by Kenneth Arnold, a landmark event in modern ufology. Based on documentary review, historiographical analysis, and the reassessment of interviews and collected records, including those systematized during investigations conducted in the 1990s in collaboration with Pablo Villarrubia Mauso, this study seeks to reconstruct the event in its historical materiality. It examines the narrative formation of the phenomenon, its scientific and cultural framings, and its persistence as an interdisciplinary enigma at the intersection of history, forensic medicine, anthropology of the imaginary, and studies concerning reports of unidentified aerial phenomena. The central objective is to understand how a localized and apparently singular event became a lasting reference within Brazilian ufological literature, revealing tensions between memory, empirical evidence, and the social construction of the extraordinary.

KEYWORDS

Araçariguama; João Prestes Filho. Anomalous events. Unidentified Aerial Phenomena (UAP). Classical cases. Burns. Forensic Medicine. Folklore. Secret weapons. Microwaves.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis del denominado Caso Prestes, ocurrido el 4 de marzo de 1946 en el entonces pequeño municipio de Araçariguama, en el interior del estado de São Paulo, Brasil. El episodio resultó en la muerte del agricultor João Prestes Filho tras la presunta incidencia de una fuente luminosa de origen no identificado que le provocó quemaduras mortales de características inusuales. Situado en el contexto inmediato de la posguerra de la Segunda Guerra Mundial — un período aún marcado por el impacto simbólico y material de las destrucciones de Hiroshima y Nagasaki—, el caso presenta elementos médicos, testimoniales y circunstanciales que han suscitado interpretaciones divergentes a lo largo de las décadas, variando entre explicaciones de naturaleza físico-tecnológica, lecturas folclóricas regionales e hipótesis asociadas a fenómenos aéreos anómalos, incluso anteriores a la observación de Kenneth Arnold, considerada un hito fundacional de la ufología moderna. A partir de una revisión documental, un análisis historiográfico y una reevaluación de entrevistas y registros recopilados, incluidos aquellos sistematizados durante las investigaciones realizadas en la década de 1990 en colaboración con Pablo Villarrubia Mauso, este estudio busca reconstruir el acontecimiento en su materialidad histórica. Asimismo, examina la formación narrativa del fenómeno, sus marcos científicos y culturales, y su permanencia como un enigma interdisciplinario en la intersección entre la historia, la medicina forense, la antropología del imaginario y los estudios sobre informes de fenómenos aéreos no identificados. El objetivo central es comprender de qué manera un acontecimiento localizado y aparentemente singular se convirtió en una referencia duradera dentro del repertorio ufológico brasileño, revelando tensiones entre la memoria, la evidencia empírica y la construcción social de lo extraordinario.

PALABRAS CLAVE

Araçariguama. João Prestes Filho. Eventos anómalos. Fenómenos Aéreos No Identificados (FANI). Casos clássicos. Quemaduras. Medicina Forense. Folclore. Armas secretas; Microondas.

SOBRE O AUTOR

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira dissertação de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI. Escritor com cinco livros publicados e vários ainda inéditos, tem vasta experiência na área jornalística, tendo colaborado com inúmeros veículos no Brasil e no exterior e publicado centenas de artigos em jornais e revistas.

Mídias e contato:

Canal no YouTube: https://www.youtube.com/ClaudioSuenaga

Patreon: https://www.patreon.com/suenaga

Blog: https://claudiosuenaga.com.br/

Site: https://claudiosuenaga.yolasite.com/

Facebook (perfil): https://www.facebook.com/ctsuenaga/

Facebook (página): https://www.facebook.com/clasuenaga/

Instagram: https://www.instagram.com/claudiosuenaga/

X: https://x.com/suenaga_claudio

LinkedIn: https://www.linkedin.com/in/claudiosuenaga

Medium: https://medium.com/@helpsuenaga

Representação artística criada por Inteligência Artificial do instante em que João Prestes é atingido por uma misteriosa luz celestial, revelando um momento de intensa dramaticidade e mistério.

INTRODUÇÃO

Era um daqueles dias em que o mundo parecia ainda lamber as feridas abertas pela maior carnificina da história humana. A Segunda Guerra Mundial havia terminado há pouco mais de um ano, deixando cicatrizes profundas: cidades em ruínas, milhões de mortos e, no final, o clarão apocalíptico de duas bombas atômicas que revelaram à humanidade o quão frágil era sua própria existência. Hiroshima e Nagasaki ainda fumegavam na memória coletiva quando, em um canto esquecido do interior paulista, algo igualmente infernal — mas infinitamente mais enigmático — irrompeu na vida de um homem comum.

4 de março de 1946. Segunda-feira de Carnaval.

Araçariguama, um vilarejo minúsculo a cerca de 70 km de São Paulo, ainda era pouco mais que um punhado de casas simples espalhadas entre matas e rios. Ali vivia João Prestes Filho, 44 anos, lavrador e pescador, homem de mãos calejadas e vida modesta, casado, pai de família. Enquanto a esposa e os filhos aproveitavam as festas distantes, ele optou pela tranquilidade: passou o dia pescando no rio Tietê, longe do barulho e da folia.

Ao anoitecer, retornou para casa. A residência estava vazia, silenciosa, talvez até trancada por engano — algumas versões sussurram que ele precisou forçar a entrada. Cansado, suado da jornada, aproximou-se de uma janela para arejar o ambiente ou simplesmente para olhar o céu escuro que cobria o interior paulista. Foi nesse instante banal que o horror começou.

Uma luz intensa, ofuscante, invadiu o cômodo como uma tocha viva ou um raio concentrado de fogo amarelo. Não veio de lugar nenhum identificável — não havia lanternas, não havia incêndio, não havia explicação terrena imediata. A claridade o envolveu, penetrou, queimou. João caiu ao chão gritando, o corpo subitamente em chamas internas. A sensação era de estar sendo cozido vivo, derretido por dentro, enquanto a pele se separava da carne e a carne se desprendia dos ossos.

Em pânico absoluto, ele se enrolou em uma manta — gesto instintivo e inútil — e, cambaleando, arrastou-se por mais de dois quilômetros até a casa da irmã. Chegou lá irreconhecível: o corpo coberto de queimaduras grotescas de terceiro grau, em áreas precisas e inexplicáveis, sem vestígios de querosene, fuligem ou qualquer agente combustível convencional. O delegado local, João Malaquias, foi chamado às pressas. Médicos foram acionados.

Transportado ao hospital de Santana de Parnaíba, João ainda estava consciente o suficiente para relatar o ocorrido com voz entrecortada pelo sofrimento: uma luz misteriosa o havia atacado, vinda do nada, como se o céu tivesse cuspido fogo seletivo.

Menos de nove horas depois, ele estava morto.

O quadro clínico chocou os profissionais: queimaduras que lembravam — de forma perturbadora — as vítimas das explosões atômicas no Japão. A carne derretida, os tecidos liquefeitos, a agonia prolongada sem fonte visível de ignição. Nenhum vestígio de arma, de acidente doméstico, de crime humano. A autópsia e os relatos convergiam para um enigma: algo o havia irradiado com precisão sádica, como se testasse os limites da dor humana.

Mais de um ano antes de Kenneth Arnold avistar os "discos voadores" nos céus de Washington e inaugurar a chamada Era Moderna da Ufologia, Araçariguama já registrava um dos episódios mais brutais e inquietantes já documentados. Um caso clássico de aparente hostilidade extraterrestre — imprevisível, cruel, quase sádico em sua rudeza. Não houve comunicação, não houve abdução dramática, apenas um raio de luz anônima que escolheu uma vítima solitária e a condenou a um fim dantesco.

Décadas se passaram. O caso continua debatido, investigado, contestado. Alguns falam em Boitatá, a serpente de fogo do folclore indígena que guarda tesouros na mata. Outros apontam para radiação micro-ondas de origem tecnológica — talvez terrestre, talvez não. Mas a pergunta que paira, densa e incômoda, permanece: o que — ou quem — mirou naquele homem simples, em uma noite de Carnaval de 1946, e decidiu queimá-lo vivo de dentro para fora?

Em um mundo que mal saía do trauma da guerra atômica, Araçariguama nos lembra que o terror pode descer do céu sem aviso, sem som, sem misericórdia. E que, às vezes, o desconhecido não vem em paz.

Concepção de Jader U. Pereira para o momento em que a luz atinge João Prestes Filho, colorizada e aprimorada por Inteligência Artificial.

UM RECANTO ESQUECIDO NO TEMPO

Naquela época, Araçariguama não era mais que uma vila esquecida, um distrito humilde da cidade de São Roque, aninhado a cerca de 70 quilômetros da agitada capital paulista. O ano era 1946, e o mundo ainda tentava se recompor dos escombros da guerra mais devastadora da história — mas ali, no interior profundo de São Paulo, o tempo parecia ter parado décadas antes.

Não havia luz elétrica serpenteando pelas ruas de terra batida. À noite, as casas mergulhavam na escuridão densa, quebrada apenas pelo brilho fraco de lampiões a querosene ou pela chama trêmula de velas. Telefone? Nem sinal. Rede sanitária? Um luxo distante. A comunicação se resumia a vozes que ecoavam de quintal em quintal, a cartas entregues à mão ou a um único rádio — precioso artefato coletivo — ao redor do qual os moradores se aglomeravam como em torno de uma fogueira sagrada. Era ali, no som chiado e mágico daquele aparelho solitário, que ouviam os resultados do Campeonato Paulista de Futebol, os jogos do Corinthians, do Palmeiras ou do São Paulo, narrados com paixão distante, como se viessem de outro planeta.

No campo, o trabalho era braçal e ancestral: nada de arados mecânicos ou tratores ruidosos. Apenas a enxada e o enxadão cortando a terra vermelha, o suor escorrendo sob o sol inclemente, o corpo curvado sobre o milho, o feijão, o arroz e a batata que sustentavam as famílias.

Igreja de Araçariguama. Foto de Cláudio Suenaga.

O comércio era incipiente, quase artesanal: uma vendinha onde se encontravam mercadorias vindas de fora — roupas de tecido barato, latas de sardinha, mortadela gordurosa, sal grosso, querosene para os lampiões — misturadas aos produtos locais, colhidos ali mesmo. Tudo era escasso, tudo era precioso.

As pessoas se conheciam pelo nome, pelo apelido, pela história familiar. Um vizinho sabia quando o outro estava doente, quando a colheita falhara, quando nascia uma criança. Qualquer evento — a compra de uma garrafa de leite fresco, a chegada de uma carta selada com carimbo da capital, a passagem de um forasteiro — virava assunto de dias, comentado nas portas das casas, nas trilhas que ligavam os sítios, nas missas de domingo. Imagine, então, o impacto de algo como o que aconteceu com João Prestes Filho. Em um lugar onde o extraordinário era raro e o banal virava evento, o ataque a João Prestes não foi esquecido. Tornou-se parte da identidade da vila — um sussurro sombrio que se passa de geração em geração, misturando-se ao folclore do Boitatá, à desconfiança do céu noturno, ao medo primordial de que algo lá de cima observe, escolha e puna sem piedade.

Enquanto o mundo celebrava o fim da guerra e sonhava com progresso, Araçariguama aprendeu, da forma mais cruel, que o desconhecido pode invadir a escuridão mais simples e transformar uma vida pacata em pesadelo eterno. E que, às vezes, o silêncio da noite esconde olhos que não piscam.

ECOS DE HIROSHIMA EM ARAÇARIGUAMA

Na segunda-feira de Carnaval, 4 de março de 1946 — mais de um ano antes do início da chamada Era Moderna dos Discos Voadores —, o lavrador João Prestes Filho (nascido em 19 de dezembro de 1902), então com 44 anos, saiu para pescar às margens do Rio Tietê acompanhado de Salvador dos Santos, ambos moradores do bairro Cotiano, na antiga Vila de Araçariguama.

O único retrato conhecido de João Prestes Filho, fornecido a Pablo Villarrubia Mauso por sua irmã Maria.

Pablo Villarrubia Mauso junto com Maria, a irmã de João Prestes Filho, segurando a única foto existente dele, junto com a esposa Sylvina.

Mauso retornou sozinho a Araçariguama anos depois que lá estivemos para ouvir outros familiares de João Prestes Filho. A irmã, Maria, recordou o momento em que o lavrador chegou à sua casa, já em estado desesperador, após ter sido atingido por uma luz misteriosa vinda do céu. Segundo ela, João não apresentava sinais de fogo comum: suas roupas estavam intactas, mas o corpo mostrava queimaduras profundas e inexplicáveis. Outros parentes confirmaram o relato, descrevendo o sofrimento de João e a perplexidade da comunidade diante de um fenômeno sem precedentes. O testemunho oral preservado por Maria e pelos familiares reforçou a estranheza do caso: não havia incêndio, não havia chama visível, apenas a lembrança de uma luz intensa que teria provocado a tragédia. A entrevista revelou não apenas detalhes do episódio, mas também o impacto emocional que se estendeu por décadas.

Para os familiares, a morte de João Prestes Filho permanece como uma ferida aberta e um mistério que marcou a história de Araçariguama.

Ao anoitecer daquela segunda-feira de Carnaval, por volta das 19 horas, uma chuva fina e persistente começou a cair sobre Araçariguama. A pescaria foi interrompida e João Prestes Filho decidiu regressar para casa. Antes de sair, havia combinado com a esposa, Sylvina Nunes Prestes — com quem se casara em 1922, aos 19 anos — que ela trancasse a porta ao sair para os festejos, deixando apenas a janela encostada para que ele pudesse entrar.

A pescaria ao entardecer recriada por Inteligência Artificial, com João Prestes em um momento tranquilo, pescando em um rio calmo próximo a Araçariguama, com o céu começando a escurecer.

Foi justamente ao empurrar essa janela que o inesperado aconteceu: uma luz intensíssima, descrita por testemunhas como uma espécie de bola de fogo vinda do alto, atingiu João em cheio no rosto.

O impacto foi imediato e devastador, marcando o início de um dos episódios mais misteriosos da história de Araçariguama.

O impacto da luz misteriosa recriado por Inteligência Artificial, no momento em que João é atingido por uma luz intensa vinda do céu ao tentar entrar pela janela.

O clarão ofuscante queimou toda a parte exposta do corpo de João. Vestia apenas uma camisa de mangas curtas, desabotoada até a metade, calças arregaçadas, estava sem chapéu e com os pés descalços. Só não perdeu a visão porque, instintivamente, protegeu os olhos com as mãos.

A fuga desesperada recriada por Inteligência Artificial, quando João corre em pânico pela estrada rural, ferido e em busca de ajuda, ainda sob o efeito da luz.

Atordoado e em desespero, saiu correndo em direção à casa da irmã Maria, a cerca de dois quilômetros dali, gritando por socorro: “Me acuda, me acuda...”.

O socorro comunitário recriado por Inteligência Artificial.

O clamor atraiu vizinhos e conhecidos. Entre os que acudiram, estavam sua irmã, os comerciantes Jonas de Souza e Guilherme da Silva, o corretor de imóveis João Gennari, além de Araci Gomide — arrecadador de impostos da Prefeitura de São Roque e tesoureiro de Araçariguama, que também atuava como boticário nas horas vagas e havia servido o Exército junto com Prestes. O delegado João Malaquias também se somou ao grupo, testemunhando a cena que rapidamente se tornaria um dos episódios mais enigmáticos da história da cidade.

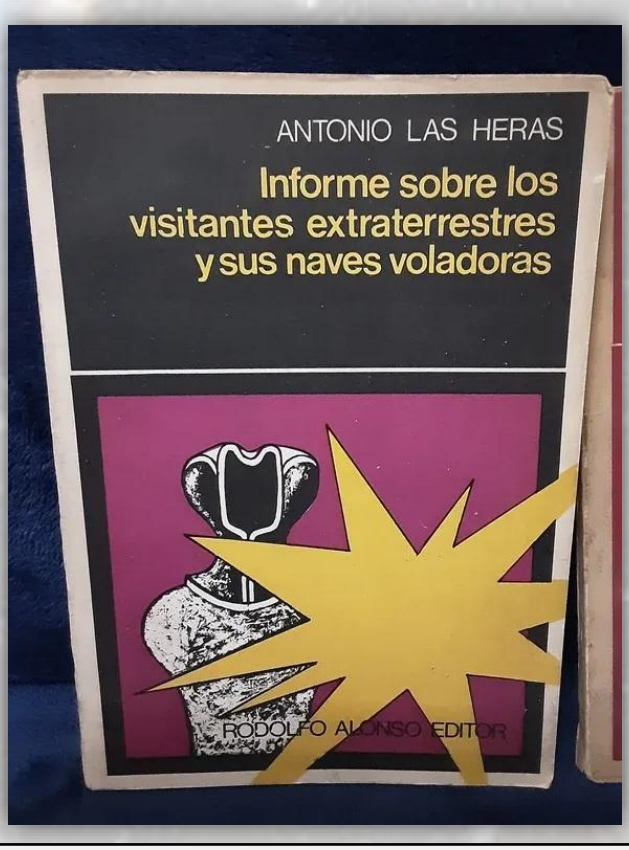
O socorro comunitário recriado por Inteligência Artificial.

Em meu canal no YouTube, há uma entrevista conduzida pela equipe da Apex com Araci Gomide, que socorreu João Prestes, queimado por uma luz mortal em Araçariguama: https://youtu.be/asVA2TiK0_o

João Prestes Filho não apresentava ferimentos visíveis nem demonstrava sentir dor imediata, mas seus olhos arregalados revelavam um pavor indescritível. A pele e a carne de seu corpo estavam enrugadas, como se tivessem sido submetidas a água fervente. Em instantes, o quadro se agravou: pedaços de carne começaram a desprender-se dos tecidos e dos ossos, diante do olhar atônito dos que o cercavam.

A agonia de João Prestes recriada por Inteligência Artificial.

A cena foi descrita anos depois pelo ufólogo argentino Antonio Las Heras como “o horror mais espantoso que poderia ter surgido na mente dos presentes”, em seu livro *Informe sobre los visitantes extraterrestres y sus naves voladoras*. O relato reforça a dimensão trágica e inexplicável do episódio, que se tornou um dos casos mais enigmáticos da história da Ufologia latino-americana. O jornalista e ufólogo Adilson Machado escreveu a propósito que, “aturdidos, os amigos e parentes viam as carnes de João se soltando, rolando sobre o lençol e o assoalho. Primeiro caíram as carnes dos braços, seguidas pelas do peito, das mãos e das partes inferiores do corpo. Os ossos e os nervos iam ficando descobertos. O inspetor Gomide viu o nariz e as orelhas de João se desprenderem e rolarem até o chão. Por incrível que pareça, a vítima continuava lúcida, acompanhando tudo. Já com a boca deformada, ainda tentava falar, mas não conseguia articular as palavras. Para comunicar-se, João agora movia a cabeça, e com extrema dificuldade.”

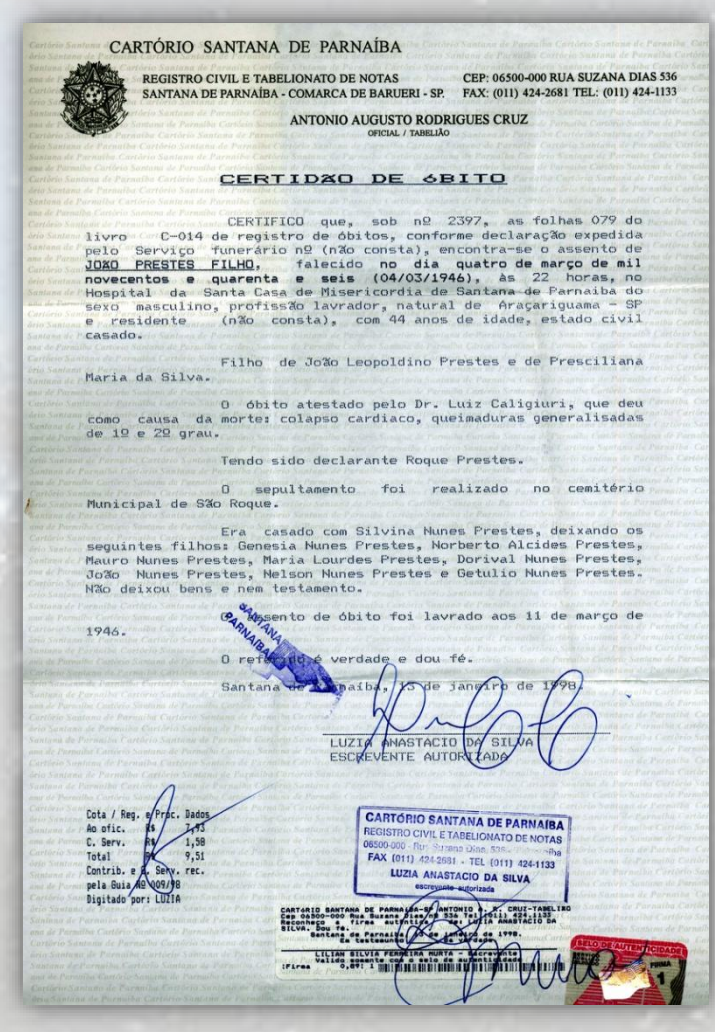


Capa do livro de Antonio Las Heras, *Informe sobre los visitantes extraterrestres y sus naves voladoras*.

Colocado às pressas em um caminhão, João Prestes Filho foi levado para a Santa Casa de Misericórdia, no município vizinho de Santana de Parnaíba, a 19 quilômetros de Araçariguama. O médico Luiz Caligiuri, ao examinar o paciente cujo corpo descarnava ao menor movimento, não hesitou em desenganá-lo. O diagnóstico se confirmou poucas horas depois: às 22 horas, apenas três horas após o incidente, João morreu.

Durante todo o tempo em que permaneceu consciente, repetia que não sentia dores, apesar das queimaduras profundas que deixavam expostos os ossos do maxilar. A certidão de óbito, emitida pelo Cartório de Santana de Parnaíba, registrou como *causa mortis* **"colapso cardíaco e queimaduras generalizadas de 1º e 2º grau".**

A certidão de óbito de João Prestes Filho emitida pelo Cartório de Santana de Parnaíba.



CARTÓRIO SANTANA DE PARNAÍBA

REGISTRO CIVIL E TABELIONATO DE NOTAS
SANTANA DE PARNAÍBA - COMARCA DE BARUERI - SP.

CEP: 06500-000 RUA SUZANA DIAS 536
FAX: (011) 424-2681 TEL.: (011) 424-1133

ANTONIO AUGUSTO RODRIGUES CRUZ
OFICIAL / TABELIÃO

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, sob nº 2397, as folhas 079 do livro C-014 de registro de óbitos, conforme declaração expedida pelo Serviço funerário nº (não consta), encontra-se o assento de JOÃO PRESTES FILHO, falecido no dia quatro de março de mil novecentos e quarenta e seis (04/03/1946), às 22 horas, no Hospital da Santa Casa de Misericordia de Santana de Parnaiba do sexo masculino, profissão lavrador, natural de Araçariguama - SP e residente (não consta), com 44 anos de idade, estado civil casado.

Filho de João Leopoldino Prestes e de Presciliana Maria da Silva.

O óbito atestado pelo Dr. Luiz Caligiuri, que deu como causa da morte: colapso cardiaco, queimaduras generalisadas de 1º e 2º grau.

Tendo sido declarante Roque Prestes.

O sepultamento foi realizado no cemitério Municipal de São Roque.

Era casado com Silvina Nunes Prestes, deixando os seguintes filhos: Genesia Nunes Prestes, Norberto Alcides Prestes, Mauro Nunes Prestes, Maria Lourdes Prestes, Dorival Nunes Prestes, João Nunes Prestes, Nelson Nunes Prestes e Getulio Nunes Prestes. Não deixou bens e nem testamento.

O assento de óbito foi lavrado aos 11 de março de 1946.

O referido é verdade e dou fé.

Santana de Parnaíba, 15 de janeiro de 1998.

LUZIA ANASTACIO DA SILVA
ESCREVENTE AUTORIZADA

Cota / Reg. e Prac. Dados
Ao ofic. R$ 1,93
C. Serv. R$ 1,58
Total R$ 9,51
Contrib. e A. Serv. rec. pela Guia nº 009/98
Digitado por: LUZIA

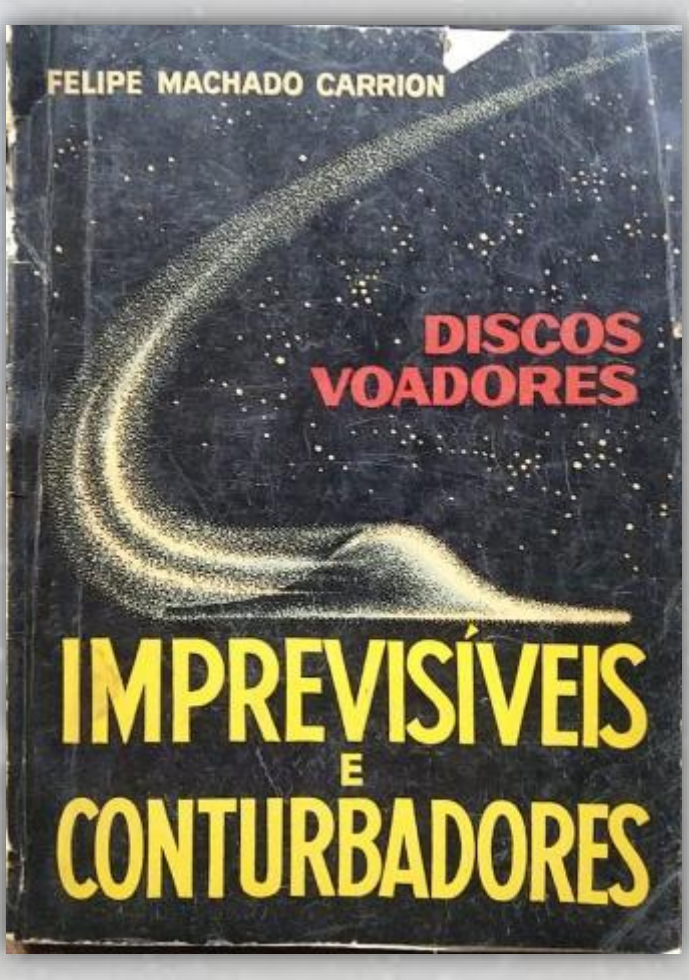
CARTÓRIO SANTANA DE PARNAIBA
REGISTRO CIVIL E TABELIONATO DE NOTAS
06500-000 - Fax: Suzana Dias, 536 - Santana
FAX (011) 424-2681 - TEL (011) 424-1133
LUZIA ANASTACIO DA SILVA
escrevente autorizada

LILIAN SILVIA PEREIRA MURTA - Secretária
Valida somente com o selo de autenticidade

SELO DE AUTENTICIDADE

AS PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES 25 ANOS DEPOIS

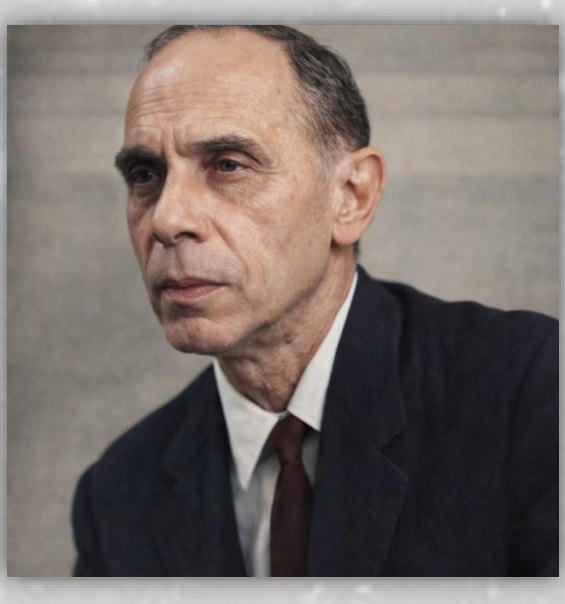
Em setembro de 1971, o professor Felipe Machado Carrion — catedrático de Geografia e docente de Cosmologia no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, além de presidente do Grupo Gaúcho de Investigações sobre Objetos Aéreos Não Identificados (GGIOANI) e autor do livro *Discos voadores: imprevisíveis e conturbadores* — esteve em São Paulo para participar do IV Colóquio Brasileiro sobre OVNIs e do XX Simpósio Nacional sobre as Civilizações Extraterrestres. O evento, presidido de honra pelo general Alfredo Moacyr Uchôa e conduzido executivamente pelo professor Flávio Augusto Pereira, reuniu alguns dos principais nomes da pesquisa ufológica da época.



Capa do livro *Discos voadores: imprevisíveis e conturbadores*.

Foi ali que Carrion tomou conhecimento do Caso Prestes, graças ao relato do cirurgião-dentista Irineu José da Silveira, considerado um dos primeiros — senão o primeiro — a investigar o episódio. Meses depois, Silveira enviou a Carrion um relatório completo sobre o caso, documento que se tornaria a base para o artigo publicado pelo pesquisador gaúcho na revista francesa *Phénomènes Spatiaux*. O texto, posteriormente traduzido para o boletim espanhol *Stendek*, ajudou a projetar internacionalmente a história de João Prestes Filho, transformando o mistério de Araçariguama em referência obrigatória nos estudos ufológicos da América Latina.

Em dezembro de 1972, o médico Walter Karl Bühler buscou informações mais precisas sobre o Caso Prestes com Irineu Silveira e Tito Lívio Gagliardi. Naquele ano, a equipe sanroquense formada por Silveira, Gagliardi, Raul Calfat, Jonas de Souza, Guilherme da Silva Pontes e João Genari tentava reunir novos elementos que confirmassem o relato de Araci Gomide. Bühler, conhecido por ser o principal difusor no Brasil da filosofia de "fraternidade cósmica" defendida pelo contatado George Adamski, mantinha posição contrária à maioria dos relatos de agressão ou morte atribuídos a ocupantes de OVNIs. Por essa razão, concluiu que João Prestes Filho teria morrido em decorrência de um acidente banal, provocado por "fogo de lampião".



O médico e ufólogo alemão Walter Karl Bühler, pioneiro da Ufologia no Brasil e defensor da filosofia cósmica de Adamski, em foto restaurada e colorizada por Inteligência Artificial.

A hipótese, no entanto, jamais foi aceita. Médicos e pesquisadores lembravam que mortes por queimaduras convencionais costumam ocorrer em casos de lesões de terceiro grau cobrindo cerca de 50% do corpo, ou por choque hipovolêmico. Nessas circunstâncias, a vítima morre imediatamente ou sobrevive alguns dias, até que os rins sejam comprometidos. O quadro de João, descrito como descarnamento súbito e profundo, não se encaixava em tais padrões.

No ano seguinte, em 15 de setembro de 1973, o caso voltou a ganhar força. O médico e ufólogo Max Berezovsky, presidente da Associação de Pesquisas Exológicas (Apex), deslocou-se até São Roque acompanhado dos ufólogos Guilherme Willi Wirz, João Evangelista Ferraz, E. Krishna Anaken, William Lee Júnior e outros pesquisadores ligados à Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres (ABECE). Foram recebidos por Irineu Silveira, Jonas de Souza, Dirceu Arruda, Paulo Silveira Santos, Tito Lívio Gagliardi, Guilherme da Silva Pontes e João Genari. A reunião, realizada na sede do Rotary, traçou os planos preliminares de uma investigação mais ampla, consolidando o Caso Prestes como objeto de estudo sistemático dentro da Ufologia brasileira.

Max Berezovsky e Cláudio Suenaga na sede da Associação de Pesquisas Exológicas (Apex) no bairro da Lapa em São Paulo no dia 25 de janeiro de 1997. Foto de Pablo Villarrubia Mauso.

No ano seguinte, em 28 de setembro, os pesquisadores Wirz, Ivone Brandão, Luiz Jesus Braga Cavalcanti de Araújo e Fernando Grossmann retornaram a Araçariguama para entrevistar Araci Gomide, que vivia em um sítio às margens do Rio Tietê. Amigo próximo da vítima e com experiência em enfermagem adquirida nas Forças Armadas, Gomide havia sido chamado para socorrer João Prestes Filho, já instalado na casa de um parente, Sebastião, cerca de duas horas após o incidente.

Cláudio Suenaga e Fernando Grossmann defronte ao Planetário Professor Aristóteles Orsini, no Parque do Ibirapuera em São Paulo.

Ao ver o estado físico do amigo, Gomide trancou-se com ele no quarto e buscou compreender o que havia acontecido. Perguntou quem o teria queimado com água fervente. João, lúcido, respondeu que “não havia sido ninguém”, que “não havia sido queimado” e que não sabia ao certo o que ocorrera.

O quadro, porém, era aterrador: Prestes parecia literalmente cozinhar por dentro, como se tivesse sido escaldado, com a carne desprendendo-se dos ossos. Nada, entretanto, estava chamuscado por fogo — nem cabelos, nem pelos, nem roupas.

Gomide aproximou-se e constatou que não havia cheiro de queimadura, tampouco de combustíveis como querosene ou álcool. João também não apresentava sinais de embriaguez: estava lúcido e repetia que não sentia dor. Para Grossmann e Araújo, a conclusão foi inequívoca: a vítima não havia sido queimada por chama oriunda de combustíveis convencionais — querosene, gasolina, lenha ou carbureto — nem por líquidos quentes como água fervente ou sopas entornadas. O caso permanecia inexplicável, reforçando o mistério que já cercava a tragédia de Araçariguama.

Em abril de 1980, durante uma viagem ao Brasil, o astrofísico francês Jacques Vallée deu prioridade máxima aos casos em que o contato com o fenômeno resultara em tragédias humanas. Já havia pesquisado de perto o enigma dos “homens das máscaras de chumbo”, no Morro do Vintém, em Niterói, e alarmou-se ao constatar que a lista de vítimas era maior do que sugeria a literatura ufológica. O primeiro nome que encontrou foi justamente o de João Prestes Filho.

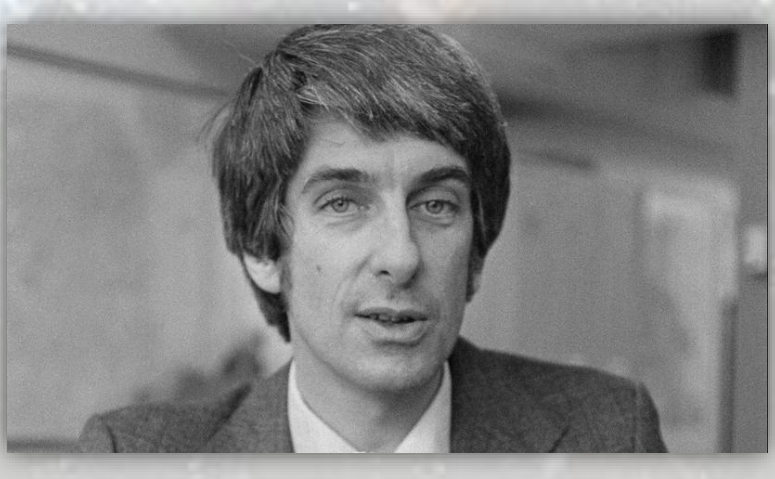


Foto de Jacques Vallée nos anos 80, encontrada em 8NewsNow.

Segundo a versão registrada por Vallée, João e o amigo Salvador dos Santos voltavam de uma pescaria quando se despediram no povoado. Cada um seguiu seu caminho. Cerca de uma hora depois, às 20 horas, João apareceu na casa da irmã, relatando que um facho de luz o atingira ao se aproximar da porta da frente de sua residência. Ficara tonto, sem conseguir enxergar, mas não perdera a consciência. Conseguiu erguer-se e chegar até a casa da irmã.

Naquela mesma noite, seu estado piorou rapidamente. A carne desprendia-se do corpo como se tivesse sido escaldada em água fervente. João não sentia dor, mas estava aterrorizado. Em pouco tempo, já não conseguia falar. Os vizinhos improvisaram uma carroça para levá-lo ao hospital, mas ele morreu no caminho, cerca de seis horas após ser atingido pelo facho luminoso. Até o último momento manteve a consciência. Quando o corpo foi trazido de volta, a aparência era de um cadáver em decomposição, reforçando o caráter inexplicável do caso. Ponderou Vallée:

"Prestes poderia ter sido atingido por um raio? De acordo com um pesquisador brasileiro, Felipe Machado Carrion – o primeiro a escrever sobre o caso, em dezembro de 1971, depois de entrevistar Salvador dos Santos, que ainda vivia –, o tempo estava claro e não apresentava condições para tempestades com raios. Não conseguimos localizar o povoado nem as testemunhas e, como o caso aconteceu há mais de 40 anos, dificilmente alguém poderia confirmá-lo."

A REABERTURA DO CASO, 50 ANOS DEPOIS

Na segunda metade da década de 1990, após um longo período sem novidades, o Caso Prestes voltou à pauta.

O resgate ocorreu graças ao trabalho conjunto que realizei com o jornalista e pesquisador Pablo Villarrubia Mauso. Produzimos extensas matérias em que retraçamos o histórico do episódio, apresentamos documentos e inferimos novas conclusões.

As reportagens narraram nossas viagens à região, transcreveram entrevistas com antigos moradores que testemunharam a agonia de João Prestes Filho e registraram a recorrência de fenômenos luminosos que, há décadas, cruzam o céu noturno de Araçariguama. Esses relatos descrevem luzes que evoluem de forma caprichosa, provocando pavor e inquietação, mas também enriquecendo a tradição folclórica local.

O trabalho marcou uma nova fase na investigação, recolocando o Caso Prestes no centro das discussões ufológicas brasileiras e mostrando que, mesmo meio século depois, o mistério continuava vivo na memória da comunidade.

Com o propósito de resgatar um dos maiores clássicos da Ufologia mundial, dirigimo-nos a Araçariguama. Antes, porém, fizemos uma parada em São Roque, onde nos hospedamos no modesto Hotel Minas Gerais — um dos mais baratos da cidade, ainda que marcado pelo desconforto. A precariedade da hospedagem acabou se revelando providencial.

Na manhã seguinte, ao lado do banheiro malcheiroso, deparei-me com uma pilha de jornais antigos. Entre eles, um exemplar de *O Democrata*, datado de 12 de abril de 1997. Na seção de falecimentos, página 10, uma nota triste chamou a atenção. Apesar do pesar, a notícia fornecia pistas valiosas que nos conduziriam diretamente às testemunhas do Caso Prestes:

“Faleceu no dia 6 de abril passado, em sua residência nesta cidade, o estimado sr. Roque Prestes, membro de tradicional família desta comunidade, como também Soldado Constitucionalista da Revolução de 1932”.

"O saudoso extinto contava 91 anos de idade, viúvo de Inilde Veronezzi Prestes, deixa os filhos: João Sérgio, casado com Eunice Monteiro Prestes, Therezinha, casada com Antonio Castro, Maria Aparecida, desquitada, Luiz Prestes, casado com Nilza Prestes; José Carlos, casado com a profa. Cleunice Maria A. Prestes, Roque Prestes Filho casado com a sra. Leda de Lima Prestes, Benedito Santana, casado com a sra. Helena Lazzarini Prestes e professora Ana Maria Prestes, casada com o sr. Sérgio Tozzi. Era irmão de Lazaro João Prestes (falecido); *João Prestes* (falecido) e dona Benedita Maria Prestes, viúva e Laudelina Prestes (falecida). Deixa netos, bisnetos e tataranetos, sobrinhos e parentes. Seu corpo foi velado no Velório Municipal e sepultado no dia seguinte (7) às 10 horas, no Cemitério da Paz. Às exmas. famílias enlutadas nossos pêsames."

Tratava-se, sem dúvida, do irmão do "homem queimado pela estranha luz", falecido apenas um mês antes. Lamentamos ter chegado tarde demais e perdido a oportunidade de consultar tão valiosa fonte histórica. Sem desanimar, voltamos nossa atenção aos nomes mencionados na nota e conseguimos localizar o telefone de Luiz, filho de Roque. Foi ele quem nos indicou outro personagem fundamental: Vergílio Francisco Alves, irmão de leite de Roque e primo de João Prestes Filho, que se revelaria uma testemunha tão importante quanto o falecido.

SR. ROQUE PRESTES

Faleceu no dia 06 p.passado, em sua residência nesta cidade, o estimado sr. Roque Prestes, membro de tradicional família desta comunidade, como também Soldado Constitucionalista da Revolução de 1932. O saudoso extinto contava 91 anos de idade, viúvo de Inilde Veronezzi Prestes, deixa os filhos: João Sérgio, casado com Eunice Monteiro Prestes, Therezinha, casada com Antonio Castro, Maria Aparecida, desquitada, Luiz Prestes, casado com Nilza Prestes; José Carlos, casado com Profa. Cleunice Maria A. Prestes, Roque Prestes Filho casado com sra. Leda de Lima Prestes, Benedito Santana, casado com sra. Helena Lazzarini Prestes e profa. Ana Maria Prestesm, casada com sr. Sérgio Tozzi. Era irmão de Lazaro João Prestes (falecido); João Prestes (falecido) e dona Benedita Maria Prestes, viúva e Laudelina Prestes (falecida). Deixa netos, bisnetos e tataranetos, sobrinhos e parentes.

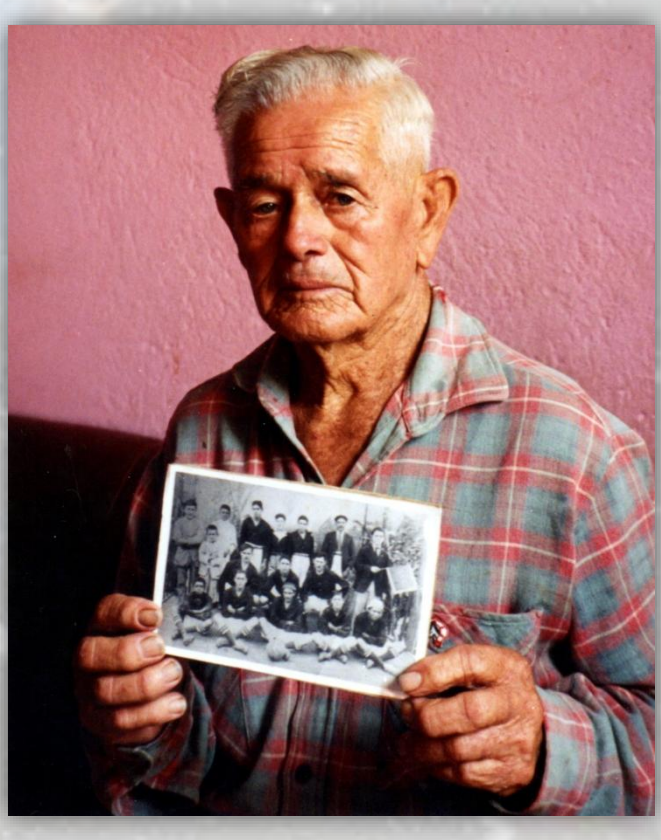
Seu corpo foi velado no Velório Municipal e, sepultado no dia seguinte (07) às 10:00 horas, no Cemitério da Paz.

- Às exmas. famílias enlutadas nossos pêsames.

Luiz, entrevistado posteriormente, também nos concedeu um depoimento proveitoso. Ambos residiam em São Roque.

ENTREVISTA COM VERGÍLIO FRANCISCO ALVES

Ao chegarmos à casa de Vergílio, após uma longa caminhada, fomos informados por sua filha de que ele estava capinando o terreno do outro lado da rua, onde cultivava sozinho cana-de-açúcar, laranja, tangerina e banana. Gentilmente interrompeu o trabalho e veio nos atender. Logo percebemos que estávamos diante de um senhor idoso, mas ainda forte, ativo e lúcido. Acomodados na sala de visitas, dispusemo-nos a ouvir suas histórias — entre elas, a que guardava sobre o primo João Prestes Filho, testemunho que acrescentaria novas peças ao enigma de Araçariguama.

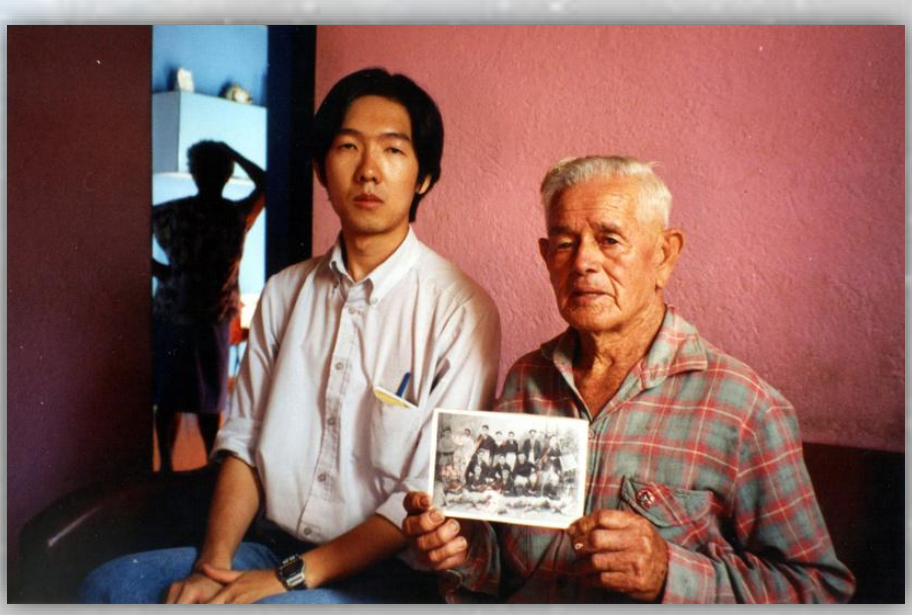


Vergílio Francisco Alves, primo de João Prestes Filho. Foto de Cláudio Suenaga.

Já com mais de 80 anos, mas ainda forte, ativo e lúcido, Vergílio Francisco Alves — irmão de leite de Roque e primo de João Prestes Filho — recordou o episódio que marcou sua juventude. Contou que foi avisado pelo primo Veridiano sobre o ocorrido e que ainda conseguiu ver João com vida: “Lembro que ele estava conversando com o delegado João Malaquias, mas logo as forças o foram abandonando e ele não falou mais nada”, relatou. Vergílio descreveu as dificuldades do transporte até Santana de Parnaíba, em estradas precárias onde o carro atolava na terra, e lembrou que João morreu pouco depois de chegar ao hospital.

Segundo seu testemunho, a Polícia Técnica de São Paulo avaliou a cena e concluiu que, se fosse um raio o responsável, tudo ao redor deveria estar queimado — o que não aconteceu. Vergílio destacou que a pele de João, originalmente clara, havia ficado avermelhada e torrada, com as mãos e o rosto mais afetados. “O rosto assou”, disse, acrescentando que nem os cabelos nem as roupas haviam sido queimados.

Para ele, só podia tratar-se de “uma coisa invisível que o queimou por dentro”. João, lúcido até o fim, repetia que não era para culpar ninguém, pois aquilo “não era coisa deste mundo”.



Cláudio Suenaga e Vergílio Francisco Alves. Foto de Pablo Villarrubia Mauso.

Vergílio acrescentou ainda lembranças da vida pregressa de João Prestes Filho, relacionadas aos estranhos fenômenos luminosos que há décadas assolavam a região. Recordou o episódio em que o primo teria sido atacado pelo chamado *Boitatá*:

"Na juventude, João era tropeiro e morava junto com o pai. Numa tarde, ao conduzir a tropa por um morro alto, viu uma bola de fogo despencando. Perto do portão de uma capela, onde havia uma cruz, sentiu a esfera passar ao seu lado, quase o atingindo. Naquele lugar, costumavam aparecer muitas bolas de fogo, às vezes em grupos de até doze. Eram avermelhadas, do tamanho da Lua Cheia. Cinco ou seis delas caíam e explodiam, soltando labaredas para cima. Eu nunca vi tão de perto, quem contava era o João. Por isso o povo dizia que o fogo do Boitatá o havia matado."

A imagem recriada por Inteligência Artificial retrata João Prestes Filho como jovem tropeiro conduzindo sua tropa por um morro ao entardecer, enquanto uma esfera de fogo avermelhada despenca do céu e passa perigosamente ao seu lado. Ao fundo, a capela com portão e cruz, e várias outras bolas de fogo explodindo no horizonte, iluminando dramaticamente a paisagem rural.

Vergílio relatou também outras manifestações luminosas que alimentavam o imaginário popular: a “Mãe do ouro”, que surgia dos morros de Araçariguama e se deslocava até o Morro do Saboão; e o “lagartão”, que emergia da mina de ouro da cidade, sempre ao cair da noite. Diferentemente do boitatá, a Mãe do Ouro parecia um grande lagarto dourado, movendo-se lentamente em linha reta, sem emitir qualquer som.

Essas narrativas, transmitidas de geração em geração, reforçavam a ideia de que João Prestes Filho não fora vítima de um acidente comum, mas de forças misteriosas que há muito tempo se manifestavam nos céus e morros da região.

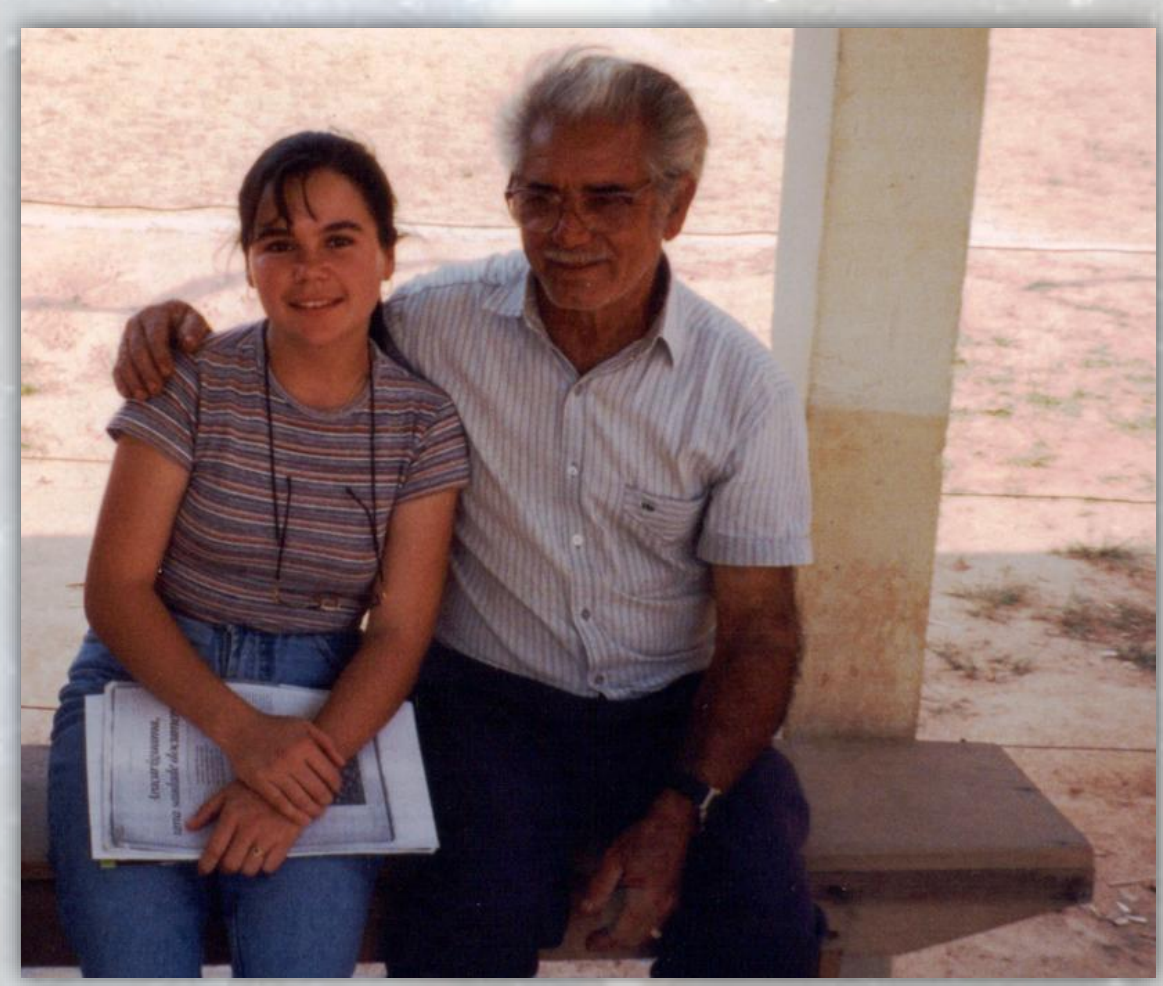
Em várias regiões rurais do Brasil, a expressão “lagartão” designa uma luz que se alonga, tomando a forma de um lagarto ou mesmo de um dragão. Era esse tipo de fenômeno que alimentava o imaginário popular e reforçava a tradição folclórica de Araçariguama.

ENTREVISTA COM HERMES DA FONSECA

Seguimos então viagem rumo à cidade, no único ônibus que ligava São Roque a Araçariguama, ainda por uma estrada poeirenta de terra. Ao chegarmos, fomos recebidos por Fabiana Matias de Oliveira, assessora de imprensa do prefeito Moysés de Andrade. Foi ela quem nos indicou seu tio, Hermes da Fonseca, nascido em 1927, conhecido como profundo conhecedor da história e do folclore local.

Encontramo-lo em um campo de futebol atrás da Prefeitura, ocupado em pequenos serviços. Sentamo-nos nos bancos de pedra e, diante de sua disposição em compartilhar memórias, passamos a ouvi-lo atentamente.

Hermes, com a serenidade de quem carregava décadas de experiência, começou a narrar episódios que misturavam tradição oral, crença popular e lembranças vividas, compondo um mosaico que ajudava a compreender o pano de fundo cultural em que se inscrevia o mistério da morte de João Prestes Filho.



Fabiana Oliveira e Hermes da Fonseca. Foto de Pablo Villarrubia Mauso.

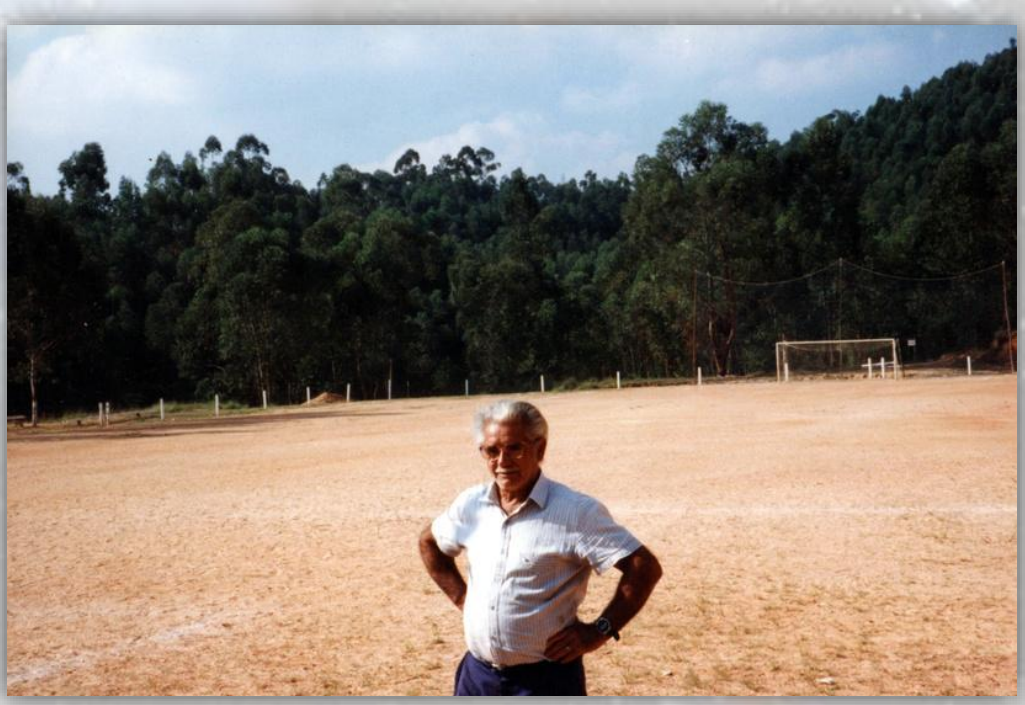
Hermes da Fonseca recordou episódios que reforçam a tradição de Araçariguama em torno das luzes misteriosas:

"Por volta de 1947, Emiliano Prestes, irmão de João, viu em Ibaté, atrás do cemitério, o Boitatá: dois fogos que iam e vinham, batendo um no outro. Esses fogos se aproximaram dele e começaram a rodeá-lo".

“O medo fez com que ajoelhasse e rezasse. Aos poucos, aquela coisa foi se afastando. Até hoje muita gente ainda vê essas luzes no Ibaté.”

Hermes acrescentou que, anos mais tarde, o fenômeno continuava a se manifestar. “Há uns dois anos e meio, Gilmar Gouveia viu uma luz soltando raios cor de laranja em volta de alguns animais. Ficou apavorado e chamou o cunhado para ver aquilo.” Em 1960, outro caso chamou atenção: o motorista de ônibus Celso Gomide, irmão de Araci Gomide, voltava da festa do vinho em São Roque quando uma luz vermelha o obrigou a parar o veículo. “Ficou tão apavorado que se pôs a rezar. Depois de vinte minutos, a luz desapareceu em segundos na direção da Estrada de São Roque.”

Hermes lembrou ainda que, do Morro do Saboão — um vulcão extinto —, às vezes surgia uma luz vermelha que se deslocava até o Morro do Voturuna. “Esse fenômeno acontece há muito tempo”, afirmou, reforçando a ideia de que os céus e morros da região guardam uma longa tradição de manifestações luminosas inexplicáveis.



Hermes da Fonseca. Foto de Cláudio Suenaga.

Hermes também recordou um episódio marcante ocorrido em 1955, exatamente um ano após o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Na época, trabalhava junto de várias pessoas na construção do teleférico da fábrica de cimento Santa Rita — mais tarde pertencente ao grupo Votorantim —, situada na rua Amador Bueno, próxima a Itapevi.

"Fazia calor e o céu estava azul. De repente, por volta das 11h15, vimos um objeto semelhante a um prato de alumínio, brilhante. Ele dava voltas e deixava atrás de si um círculo branco de fumaça. Nós paramos o serviço para ficar observando. Até o encarregado, que não gostava de ver a turma parada, ficou ali estatelado. Por volta das 12h10, vieram uns cinco ou seis aviões a jato, provavelmente da Força Aérea Brasileira. Então, em questão de segundos, a coisa se desmanchou no ar. No dia seguinte, os jornais noticiaram a aparição em Osasco de um estranho objeto."

Imagem recriada por Inteligência Artificial retrata os trabalhadores da construção do teleférico da fábrica de cimento Santa Rita em 1955, parando suas atividades para observar o objeto metálico brilhante no céu, enquanto aviões da Força Aérea Brasileira se aproximam.

O relato de Hermes reforça a recorrência de fenômenos aéreos insólitos na região, conectando o mistério da morte de João Prestes Filho a uma tradição mais ampla de avistamentos que marcaram a memória coletiva do interior paulista.

ENTREVISTA COM NELSOM DE OLIVEIRA

O coveiro Nelsom de Oliveira diante do túmulo de João Prestes Filho. Foto de Cláudio Suenaga.

No cemitério de Araçariguama, o coveiro Nelsom de Oliveira, 53 anos, que trabalhava ali desde 1976, nos mostrou o túmulo de João Prestes.

Aproveitamos para indagar se ele vira algo estranho. Eis o que nos contou:

"Fantasmas eu nunca vi, a não ser um tipo de chapéu redondo da cor do alumínio que passou voando bem alto por cima do cemitério, há uns 8 anos. Andava como se estivesse balançando bem devagar, em linha reta, refletindo a luz do sol. Era parecido com um chapéu redondo, só que com a aba para cima."

O coveiro Nelsom de Oliveira inverte o chapéu para ficar parecido com o disco voador que avistou. Foto de Cláudio Suenaga.

ENTREVISTA COM LUIZ VERONEZZI

À noite, retornamos a São Roque para entrevistar Luiz Veronezzi Prestes, então com 60 anos, com quem havíamos conversado previamente por telefone. Ele relatou que seu pai, Roque Prestes — ex-soldado constitucionalista da Revolução de 1932, subdelegado da cidade e proprietário de um armazém — foi um dos primeiros a acudir João, encaminhando-o à Santa Casa.

"Logo depois, a Polícia mais aperfeiçoada da época chegou para investigar o caso. Constataram que na casa, com exceção de João, nada se queimara, nem mesmo a cadeira em que se sentara. Encontraram uma lamparina apagada com um pouco de querosene dentro, que obviamente não era a causadora daquela tragédia. Os peritos de Osasco, Barueri e Santana de Parnaíba não conseguiram encontrar nenhum vestígio ou prova que indicasse um crime ou acidente convencional", relatou Luiz.

O depoimento reforçava a estranheza do episódio: não havia sinais de fogo, combustíveis ou qualquer evidência material que explicasse o estado físico da vítima. O mistério permanecia intacto, sustentado pela ausência de provas que pudessem enquadrar o caso em uma explicação convencional.

Luiz Veronezzi Prestes, filho de Roque e sobrinho de João Prestes. Foto de Cláudio Suenaga.

No que se refere às bolas de fogo, Luiz confirmou o episódio vivido por Emiliano Prestes, filho do tio Neco e irmão de seu avô: “Em 1947, um ano depois da morte de João, ele foi rodeado por uma tocha de fogo que chegou a queimá-lo superficialmente.”

Na juventude, Roque Prestes, pai de Luiz, costumava frequentar um baile de sanfoneiros no Bar Aparecidinha. Para encurtar o caminho, atravessava o rio a nado, puxando o cavalo.

“Um dia, na estrada, deparou-se com uma bola de fogo, três vezes maior do que a Lua cheia. O cavalo, com o susto, empinou as patas. A bola de fogo ficou à distância, rodeando o meu tio. Depois disso, ele deixou de ir ao baile. Meu pai chegou a ver essa bola diversas vezes. Às vezes ela ficava girando e se afastava com uma velocidade tremenda.”

ZONA QUENTE DE APARIÇÕES

A casa de João Prestes ficava justamente dentro da rota desses fenômenos luminosos, que se iniciavam no Alto do Cotiano. A topografia da região reunia elementos típicos presentes em outros casos semelhantes: o Rio Tietê e as ramificações da Serra de São Francisco, destacando-se o Morro Velho — mina de ouro explorada até o final da década de 1930 —, o Morro do Japy, um dos mais altos do estado, além do Voturuna, o Ibaté e o Saboão. Araçariguama, junto de São Roque, Santana de Parnaíba e Osasco, compunha uma verdadeira “zona quente” de aparições, onde o mistério das luzes se entrelaçava com a vida cotidiana e o folclore local.

Morro do Ibaté. Foto de Cláudio Suenaga.

Erguendo-se como uma sentinela natural sobre a paisagem do interior paulista, o Morro do Ibaté, com uma altitude próxima dos 1.000 metros, constitui um dos marcos geográficos mais característicos do município de Araçariguama, no estado de São Paulo. Visível a grande distância, com seu perfil destacado e isolado em relação às colinas vizinhas, o morro sempre chamou a atenção de viajantes, moradores e estudiosos da região.

A formação remonta a processos geológicos antigos, ligados à estrutura cristalina do Planalto Atlântico. Diferentemente das elevações suaves ao redor, o Ibaté apresenta encostas mais definidas e um topo que se destaca como mirante natural, sugerindo resistência maior de suas rochas à erosão ao longo de milhões de anos.

Esse contraste geomorfológico contribuiu para que o morro se tornasse referência visual e também simbólica na ocupação do território.

Desde o período colonial, quando as trilhas que ligavam o planalto ao oeste paulista começaram a ser abertas, ele servia como ponto de orientação. Tropeiros, lavradores e, mais tarde, operários das primeiras fábricas da região utilizavam sua silhueta como guia na paisagem — um "marco" antes mesmo da existência de mapas precisos. A própria formação histórica de Araçariguama, ligada à mineração de ouro nos séculos XVII e XVIII e posteriormente à industrialização pioneira do século XIX, desenvolveu-se sob a presença constante desse relevo dominante.

Além do valor histórico, o Morro do Ibaté adquiriu importância cultural. Narrativas orais locais frequentemente o associam a lendas, observações atmosféricas incomuns e episódios curiosos, algo comum a elevações isoladas que, pela imponência, estimulam o imaginário popular. Ao mesmo tempo, sua área mantém fragmentos de vegetação nativa e fauna típica do interior paulista, funcionando como refúgio ecológico em meio à urbanização e às áreas industriais.

Hoje, o morro permanece como um dos principais referenciais identitários da cidade: não apenas acidente geográfico, mas elemento de memória coletiva. Ele sintetiza, em sua presença silenciosa, as várias camadas do passado regional — da natureza primordial às rotas humanas que transformaram a paisagem — continuando a dominar o horizonte como testemunha da história local.

O CASO PRESTES ESPANHOL

Quase trinta anos antes da tragédia de João Prestes Filho, um episódio semelhante foi registrado na Espanha, envolvendo o ataque de uma "luz mortífera". Em 21 de outubro — ou início de novembro — de 1917, Nicolás Sánchez Martín, conhecido como "Colás", criador de porcos e vendedor de frutas, retornava do mercado de Ahigal acompanhado de duas mulheres da vizinha Cambroncino, María Iglesias e sua irmã Pepa.

Ao se aproximarem do porto, viram uma luz flutuando sobre o rio. Assustadas, as mulheres decidiram pernoitar em Rivera Oveja, enquanto Martín seguiu sozinho, montado em sua mula. Ao tentar cruzar o rio, a luz deslocou-se em sua direção, posicionando-se na margem oposta como se o aguardasse. Armado apenas com um facão, gritou: "Ou você se afasta ou eu te afasto." A resposta foi imediata: a luz investiu contra as patas da mula, que se agitou em desespero. Entre patadas e pulos, Martín conseguiu atravessar até a outra margem, escapando por pouco do ataque.

Caso Nicolás Sánchez 21 octubre 1917 Las Hurdes
El testigo falleció a causa de una bronconeumonía fulminante tras ser alcanzado por una luz.

Impressionado com o ataque da luz, Nicolás Sánchez Martín — homem robusto de 39 anos e em plena saúde — entrou em estado de choque. Permaneceu assim por três dias, debatendo-se depois entre a vida e a morte, sofrendo dores terríveis. No nono dia, não resistiu e veio a óbito.

O médico que o acompanhou em seus últimos momentos, Don Víctor Sánchez Hoyos, certificou oficialmente a causa mortis como “pneumonia”. A família, porém, sempre contestou essa versão, sustentando que a morte de Martín se dera em decorrência direta do encontro com a luz mortífera.

O CLARÃO QUE MATA

Na década de 1970, o jovem pesquisador de Astronáutica e Ufologia Gustavo Corrêa entrevistou em São Roque o senhor Dante Bastos — que foi ex-vice-prefeito e era presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade — e Flora Maria de Mattos Fernandes, figura conhecida da sociedade sanroquense.

Dante relatou que, certa vez, observou de sua chácara a passagem de um objeto vindo do Sul em rota de colisão com um avião bimotor que vinha do Norte. “Quando já bastante próximos um do outro, o objeto desviou bruscamente para cima, continuando o avião em sua rota normal”, contou. Bastos empregava cerca de vinte homens em sua propriedade, e muitos deles já haviam testemunhado fenômenos semelhantes. Um deles, Jurandir Pereira, descreveu ter visto, ao amanhecer, um objeto metálico com a forma de uma bacia virada para baixo.

Flora Maria de Mattos Fernandes, por sua vez, narrou um episódio impressionante ocorrido na noite de 2 de outubro de 1972, durante a festa de aniversário de seu filho na Chácara Santa Rita.

Por volta das 21h40, um objeto opaco, com mais de 30 metros de diâmetro, pairou a apenas 30 metros de altura e a cinco metros das crianças reunidas no pátio. O disco possuía janelas quadradas iluminadas por uma luz cor-de-rosa e permanecia imóvel no ar, sem emitir ruído. Dois cães da família, um vira-lata e outro de raça, reagiram furiosamente, aproximando-se do objeto. Após alguns instantes, o disco lançou um clarão que iluminou todo o local, permanecendo parado antes de se afastar suavemente, emitindo apenas um som semelhante ao de uma turbina.

Imagem recriada por Inteligência Artificial do episódio narrado por Flora Maria de Mattos Fernandes em 1972: o disco voador de mais de 30 metros de diâmetro pairando sobre as crianças na Chácara Santa Rita, com janelas iluminadas em rosa, os cães reagindo furiosamente e o clarão que iluminou todo o local antes de o objeto se afastar suavemente.

No dia seguinte, a cidade comentava o avistamento. Pouco depois, os cães morreram em circunstâncias misteriosas: olhos avermelhados, desânimo e recusa em se alimentar, sem sinais de doença ou ferimentos. Flora concluiu que “alguma coisa atingiu os cachorros, enquanto latiam para o disco”, embora nenhuma criança presente tenha sofrido qualquer mal-estar.

A TECNOLOGIA DOS BIOEFEITOS

Desde pelo menos o crepúsculo da Segunda Guerra Mundial, quando o mundo ainda tremia com o eco das explosões atômicas, as grandes potências mergulharam em segredo nas sombras da ciência proibida: os bioefeitos — armas invisíveis, silenciosas, capazes de dobrar o corpo e a mente humana à distância, sem deixar traços de pólvora ou metal. Não se tratava mais de balas ou bombas; era o domínio de forças que penetravam a pele, aqueciam o sangue, desequilibravam o sistema nervoso, induziam dor, paralisia ou loucura, tudo sob o manto de "alternativas antissociais" ou "não letais". A Guerra Fria acelerou o pesadelo: microeletrônica em ascensão, geradores de energia direcionável, raios que podiam ser moldados como lâminas invisíveis. Bilhões de dólares desapareceram em laboratórios blindados, projetos classificados que só emergiam em vazamentos esparsos, décadas depois.

Nos anos 90, o espectro do terrorismo global injetou urgência renovada. Em Huntington Beach, no litoral ensolarado do condado de Orange, na Califórnia — um lugar que, ironicamente, evoca praias e calmaria —, cientistas e militares da Força Aérea dos EUA (USAF) e contratadas privadas exploravam o que a ficção científica e as vítimas de encontros ufológicos já denunciavam há anos: feixes que derrubam sem matar, que imobilizam, que cozinham o inimigo de dentro para fora. Dezenas de programas secretos, somando fortunas astronômicas, vieram à tona em reportagens esporádicas. Um único deles, financiado pela USAF, consumia US$ 100 milhões. Em 1995, numa reunião de cúpula em Corona, generais da Força Aérea revisaram cerca de mil projetos semelhantes — um catálogo sombrio de possibilidades que beiravam o fantástico.

É inevitável especular: nos casos ufológicos em que não se viu raio algum, mas os efeitos foram devastadores — náuseas violentas, queimaduras internas, colapso súbito —, o que se usou foi uma combinação letal: luz visível como camuflagem, aliada a radiações invisíveis — raios X, gama, partículas alfa, beta, prótons, nêutrons. Doses abaixo de 100 rads já bastam para induzir febre, vômitos, alterações sanguíneas, câncer, mutações genéticas ou morte lenta. Ondas de alta frequência (300 a 200.000 MHz) provocam sensação de calor infernal, lesões ósseas, hemorragias intestinais graves. Infrassons e ultrassons — frequências inaudíveis ao ouvido humano — geram náuseas intensas, hipertensão, cefaleias lancinantes, hemorragias internas, desequilíbrios metabólicos, sensação de queimação generalizada. Animais sucumbem primeiro, gritando em agonia antes mesmo de o alvo humano perceber o ataque.

Clay Easterly, pesquisador da Divisão de Pesquisa Científica sobre Saúde no Laboratório Nacional de Oak Ridge, descreveu em relatório à Marinha um canhão eletromagnético capaz de induzir convulsões epilépticas e um canhão térmico que eleva a temperatura corporal acima de 40°C — febre alta, desconforto insuportável, morte. O risco era inerente: um feixe calibrado para incapacitar a 100 metros poderia matar instantaneamente a 10 metros. Armas de micro-ondas, idênticas ao princípio dos fornos domésticos, agem sobre as moléculas de água no corpo: aquecem-nas, estonteiam, “cozinham” tecidos, perturbam ondas cerebrais, ritmo cardíaco, induzem sonolência profunda, febres, paralisia motora, sensação de calor abrasador. O corpo humano, afinal, é um sistema eletroquímico delicado — interrompa seus impulsos elétricos e o comportamento desaba.

O desenvolvimento de armas de micro-ondas dos EUA pelo Pentágono tem se concentrado principalmente em aplicações contra pequenos veículos aéreos não tripulados. Foto: U.S. Air Force Research LA.

Na Missão de Pesquisa de Albuquerque, no Novo México, avaliavam-se micro-ondas para estimular o sistema nervoso periférico até a paralisia total. E os efeitos das radiações luminosas? Idênticos, em muitos casos, aos "feixes" relatados por abduzidos ou vítimas de OVNIs: luzes tremeluzentes, cintilantes, coloridas; zumbidos monótonos; estados de fascinação hipnótica, medo paralisante, torpor, catalepsia rígida. Técnicas luminoso-indutivas que manipulam o neurovegetativo, a percepção, o controle motor.

Os próprios OVNIs — ou o que quer que sejam — parecem equipados com um arsenal versátil de feixes luminosos, variando em frequência, cor e intensidade.

Luzes são o instrumento mais comum de agressão: rápidas, precisas, seletivas. Pesquisadores ufológicos elaboraram esquemas sintomatológicos baseados na coloração dos raios — embora nem sempre coincidentes, pois a suscetibilidade varia de indivíduo para indivíduo. Alguns escapam ilesos; outros sofrem sequelas devastadoras. Em síntese, os efeitos mais relatados em casos de agressão por OVNIs incluem:

- **Brancos e amarelos** — perturbações visuais intensas, tonturas giratórias, náuseas violentas, vômitos incontroláveis, queimaduras leves na pele, amnésia parcial ou total, desorientação prolongada.
- **Laranjas** — pruridos insuportáveis, eritemas avermelhados, urticárias graves, paralisias temporárias ou localizadas.
- **Azuis ou violetas** — manchas na epiderme, queda acentuada de cabelo, dores lancinantes na coluna vertebral, fraqueza muscular.
- **Vermelhos** — queimaduras de primeiro a terceiro grau, dores profundas e difusas, necrose tecidual em exposições prolongadas.
- **Verdes** — manchas cutâneas persistentes, náuseas crônicas, queimaduras graves, leucemia fulminante e morte.

Na imagem criada por Inteligência Artificial, os feixes multicoloridos dos OVNIs iluminam a cena com intensidade dramática, com cada cor associada aos efeitos descritos.

Enquanto governos terrestres refinam essas tecnologias em laboratórios secretos — do Active Denial System, o infame "raio de calor" que aquece a pele em frações de segundo sem deixar marcas visíveis, penetrando apenas 1/64 de polegada para criar uma sensação de queimação intolerável, aos canhões acústicos que desorientam com ondas inaudíveis e micro-ondas de alta potência que podem cozinhar órgãos internos sem tocar a superfície —, o enigma ufológico paira como uma sombra inescapável: meras coincidências? Ou uma sobreposição sombria, deliberada, entre as invenções humanas travestidas de defesa e as forças que descem do céu, sondando os limites da nossa fragilidade como se fôssemos ratos em um labirinto cósmico?

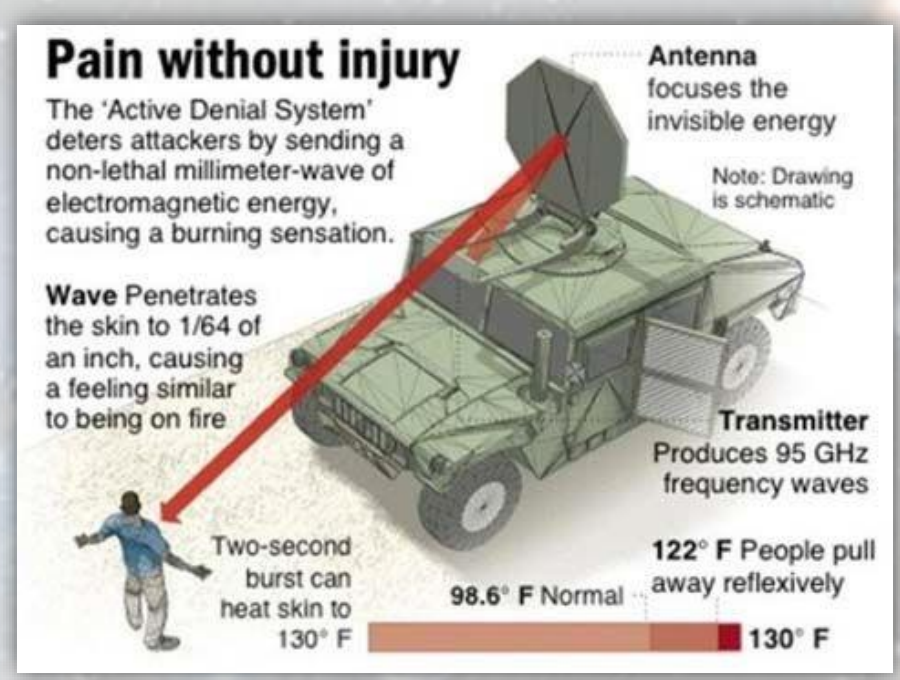

Pain without injury
The 'Active Denial System' deters attackers by sending a non-lethal millimeter-wave of electromagnetic energy, causing a burning sensation.
Wave Penetrates the skin to 1/64 of an inch, causing a feeling similar to being on fire
Antenna focuses the invisible energy
Note: Drawing is schematic
Transmitter Produces 95 GHz frequency waves
Two-second burst can heat skin to 130° F
122° F People pull away reflexively
98.6° F Normal
130° F

Ilustração do site Breaking Defense.

A ilustração acima mostra o ADS, sigla para Active Denial System (Sistema de Negação Ativa), uma arma experimental construída pela Raytheon que usa ondas milimétricas — muito semelhantes às micro-ondas usadas para aquecer um burrito congelado — para atingir a superfície da pele do alvo, produzindo dor intensa sem causar ferimentos reais.

O Active Denial System (ADS), ou Sistema de Negação Ativa. Imagem do site Tera Sense.

As ondas de Terahertz (THz) são invisíveis ao olho humano, mas, assim como outras formas de radiação eletromagnética, podem ser direcionadas a alvos distantes por meio de antenas e amplificadores especializados. Menos de uma década atrás, um grupo de cientistas liderado pela Raytheon desenvolveu um poderoso sistema de dissuasão para dispersão de multidões, explorando as propriedades únicas dessas ondas.

Embora o toque das ondas THz seja geralmente suave, os pesquisadores conseguiram amplificar seus efeitos com geradores extremamente potentes — os chamados *gyrotrons* — para alcançar resultados dramáticos. Esse sistema recebeu oficialmente o nome de Active Denial System (ADS), ou Sistema de Negação Ativa. Trata-se de uma ferramenta de energia dirigida voltada para controle de multidões, negação de área, segurança perimetral e outras aplicações relacionadas à proteção. Informalmente, é conhecido como raio de calor — e não sem motivo.

Em um mundo onde a dor pode ser lançada de satélites invisíveis ou drones camuflados, o terror dispensa explosões ruidosas, fumaça sufocante ou o cheiro metálico de sangue.

Basta um feixe — silencioso, impiedoso, invisível — e o corpo se volta contra si mesmo, traindo a mente em agonia sem fim. O céu, que um dia foi tela de sonhos e constelações poéticas, transformou-se em arena de experimentos que borrascam as fronteiras da humanidade, onde o que parece extraterrestre pode ser apenas o reflexo distorcido de nossos próprios monstros tecnológicos.

Tomemos o popular raio laser — acrônimo inglês para "amplificação de luz por emissão estimulada de radiação" —, uma fonte de luz monocromática, intensa, coerente e colimada, onde a radiação é estimulada por um campo externo. Capaz de gerar de míseros miliwatts a dezenas de watts, esse feixe concentrado provoca nos organismos queimaduras variando de leves a graves, lesões oculares que roubam a visão temporariamente ou para sempre, alterações metabólicas que desequilibram o corpo por dentro, náuseas violentas, diarreias incontroláveis. Protótipos como o Saber 203 foram levados para a intervenção norte-americana na Somália em 1995, prontos para cegar inimigos à distância ou desorientar multidões hostis, embora, no final, a arma tenha sido recolhida sem uso oficial — ou assim contam os relatórios desclassificados. Mas o mero fato de sua presença ali, em um teatro de guerra caótico, ecoa o potencial de um arsenal que mistura ciência com sadismo, testado em sombras onde a ética se dissolve.

O iluminador a laser Saber 203. Foto: Defense Update.

O iluminador a laser Saber 203 é projetado para neutralizar temporariamente a capacidade de um adversário de disparar uma arma. Com alcance efetivo de até 300 metros, o sistema utiliza um laser semicondutor instalado em um lançador de granadas M-203 de 40 mm, previamente modificado para essa finalidade. O dispositivo é inserido como uma granada convencional e ativado por meio de um interruptor localizado abaixo do lançador. Em situações de emergência, a cápsula pode ser ejetada e substituída rapidamente por uma granada real. Seguro para os olhos, o laser emite uma luz de baixa potência e curta duração, suficiente para desorientar o oponente sem causar danos físicos. Em operações noturnas, o Saber 203 é especialmente eficaz, podendo comprometer tanto a visão humana quanto o funcionamento de dispositivos eletrônicos de visão noturna. Ao perceber que foi iluminado, o agressor tende a se esconder ou recuar, evitando apontar sua arma e se expor ao fogo defensivo.

Considerando que os efeitos do raio em Araçariguama — e nos casos que se seguiram, como luzes que paralisam, queimam e matam sem deixar vestígios convencionais — nada têm a ver com raios naturais conhecidos, como relâmpagos ou bolas de fogo atmosféricas, nem com os aparelhos mais avançados que nossa ciência pudesse fabricar na década de 1940, ou mesmo muitas décadas depois, resta a especulação inescapável: esses feixes emanaram de fontes aparentemente estranhas ao nosso mundo, produtos de uma ciência alienígena, quiçá extraterrestre, que opera além da nossa compreensão. No pós-guerra, quando o mundo ainda se recuperava das bombas atômicas, programas como os da Guerra Fria — nos EUA, com o Projeto 112 e testes em Dugway Proving Ground; na União Soviética, com vastos laboratórios camuflados — exploravam bioefeitos para criar armas que mimetizassem o inexplicável: radiações que induzem câncer, mutações, paralisia, sem disparo visível.

No entanto, como vimos nos arquivos desclassificados e nas confissões de *insiders*, cientistas e militares terrestres já vinham trabalhando secretamente em armas com tais poderes desde a Segunda Guerra Mundial, investindo bilhões em pesquisas clandestinas durante a Guerra Fria e além, testando sub-repticiamente seus efeitos e capacidades destrutivas em populações inocentes — de experimentos em vilarejos remotos a simulações em áreas isoladas. Relatórios da CIA e do Pentágono revelam como avistamentos de OVNIs foram plantados deliberadamente para encobrir testes de aviões espiões como o U-2 e o Oxcart nos anos 1950 e 1960, responsáveis por mais da metade dos relatos de "discos voadores" da época.

Na Área 51, por exemplo, oficiais da Força Aérea admitiram espalhar fotos falsas de naves alienígenas e histórias de extraterrestres capturados para desviar olhares curiosos dos protótipos *stealth*, como o F-117 Nighthawk. Teria o Fenômeno OVNI consistido em uma fachada perfeita para encobrir essas operações? Uma cortina de fumaça cósmica, tecida com mitos de alienígenas e luzes misteriosas, permitindo que governos testassem raios de micro-ondas, pulsos eletromagnéticos e bioarmas em alvos reais, atribuindo o horror ao desconhecido do espaço?

A linha entre o celestial e o conspiratório se desfaz em névoa. Em um vilarejo como Araçariguama, onde um homem foi derretido vivo por uma luz sem origem, o que parecia invasão de outro mundo poderia ser o ensaio de uma tecnologia humana, testada em segredo, com vítimas descartáveis em cantos esquecidos do planeta. E se os céus noturnos, pontilhados de luzes erráticas, não forem portais para estrelas distantes, mas janelas para laboratórios subterrâneos, onde o homem joga com fogo invisível? O terror, então, não vem de marcianos ou zeta reticulianos, mas de salas de guerra em Washington ou Moscou, onde o OVNI se torna o bode expiatório perfeito para atrocidades calculadas.

Enquanto o enigma persiste, uma verdade emerge das sombras: o que desce do céu pode ser nosso próprio reflexo distorcido, um espelho de ambições que nos consomem de dentro para fora.

BOLAS DE FOGO OU GOTAS ÍGNEAS SIDERAIS

Há toda uma série de fatos documentados, ao longo dos séculos, que envolvem bolas de fogo ou raios incendiários descendo do céu e atacando pessoas com fúria inexplicável. Esses "acidentes" não se encaixam nas explicações convencionais: não são raios comuns, que seguem caminhos previsíveis e deixam marcas de fuligem e ozônio; tampouco meteoros, que incineram ao entrar na atmosfera e raramente se aproximam tanto do solo; e, para muitos, nem mesmo OVNIs, com suas luzes frias e calculadas. Em vez disso, trata-se de fenômenos atmosféricos erráticos, de gotas ígneas ou de raios-bola — esferas luminosas, pulsantes, que flutuam, dançam e, em alguns casos, perseguem suas vítimas com uma aparente malevolência, sem que haja evidência de inteligência por trás. São forças brutas da natureza ou algo mais? O terror reside exatamente nessa ambiguidade: o que parece aleatório pode ser, para quem o sofre, um ataque pessoal.

Na noite de 10 de maio de 1961, Richard Vogt dirigia seu automóvel pela estrada solitária que liga Osakis a Eagle Bend, no estado do Minnesota — uma região de lagos e florestas onde o céu noturno parece infinito e impiedoso. Pouco depois da meia-noite, sob um céu absolutamente limpo, sem nuvens de tempestade ou sinal de chuva — como registrou o jornal local *The Eagle Bend News* em sua edição de 25 de maio —, Vogt avistou algo impossível: uma massa de nevoeiro esférica, com cerca de 3 metros de diâmetro, levemente alongada, descendo em um ângulo de 45 graus diretamente sobre seu carro. A "bruma" aproximava-se com velocidade alucinante; Vogt pisou no acelerador, mas não houve tempo.

O objeto colidiu contra a capota e o para-brisa com o impacto de uma gigantesca pancada de areia úmida contra metal — um baque surdo, seguido de um estouro ensurdecedor.

O interior do veículo transformou-se em fornalha. O ar tornou-se insuportável, como se o carro inteiro tivesse sido jogado em um forno. Vogt freou bruscamente, abriu a porta e saltou para fora, o coração disparado. Atrás dele, o para-brisa rachou em teias de aranha, marcado pelo contato da massa fantasmagórica. Durante longo tempo, foi impossível tocá-lo: irradiava um calor intenso, como ferro em brasa. Sobre o capô, marcas de queimadura profundas, como se algo vivo tivesse se agarrado ao metal e o derretido.

Atordoado, Vogt pensou em um acidente militar — o cone de um foguete desgovernado, um míssil perdido, algum teste secreto da Guerra Fria que escapara do controle. Na ânsia por respostas racionais, ele levou o carro e o relato à Universidade de Minnesota. O professor W. J. Layten, após discutir o caso com colegas, concluiu que provavelmente se tratava de minifragmentos de meteorito envoltos em gás ionizado — uma explicação conveniente, mas que não convenceu quem viveu o horror. O céu estava limpo; não havia chuva, nem trovões, nem trilha de meteoro. Apenas aquela esfera de névoa flamejante, que surgiu do nada, atacou e desapareceu, deixando marcas físicas e um mistério que perdura.

Casos como o de Vogt não são isolados. Relatos históricos abundam: em 1638, na igreja de Widecombe-in-the-Moor, na Inglaterra, uma bola de fogo invadiu durante um culto, matando quatro pessoas e ferindo dezenas com queimaduras e fumaça sulfúrica; em 1753, o físico Georg Wilhelm Richmann morreu eletrocutado ao tentar estudar uma esfera luminosa que entrou por sua janela em São Petersburgo.

Em outros incidentes, bolas de fogo atravessam paredes, perseguem pessoas em campos abertos, explodem em residências ou simplesmente flutuam por minutos, indiferentes, antes de se dissipar. Elas queimam sem consumir combustível visível, deixam cheiro de enxofre, provocam paralisia temporária ou morte instantânea — e, o mais perturbador, parecem escolher caminhos imprevisíveis, como se guiadas por capricho.

Fig. 2. — Le globe de feu dans la salle.

Representação de um relâmpago globular em 1901. Fonte: Wikimedia Commons.

Para a ciência convencional, trata-se de *ball lightning* — um plasma atmosférico raro, formado por ionização durante tempestades, que pode durar segundos ou minutos e exibir comportamentos bizarros. Mas por que algumas parecem “atacar”?

Por que deixam marcas precisas em carros, corpos ou edifícios, sem explicação termodinâmica simples? E por que, em noites claras como a de Vogt, surgem do vazio?

Enquanto ufólogos veem nesses fenômenos disfarces para sondas alienígenas ou armas secretas, e meteorologistas insistem em explicações naturais, o fato permanece: essas bolas de fogo existem, documentadas por testemunhas confiáveis, e matam. Elas nos lembram que a atmosfera, esse envelope tênue que nos protege, guarda segredos que ainda nos aterrorizam — forças que descem do céu sem aviso, sem misericórdia, e nos fazem questionar se o que chamamos de "acidente" não é, na verdade, o rosto mais primitivo do desconhecido. Em uma estrada escura de Minnesota, em 1961, Richard Vogt escapou por pouco. Outros não tiveram a mesma sorte. E o céu, silencioso, continua a guardar seus segredos flamejantes.

Na tarde de 6 de novembro de 1951, o ar em Bremerton, estado de Washington, carregava o cheiro salgado do estuário de Puget Sound e o ruído distante de navios da Marinha ancorados no estaleiro. Robert Burch, mecânico eletrotécnico em uma base naval, estava sozinho em seu quarto na Associação Cristã de Moços (YMCA), de pé diante da penteadeira, talvez ajustando o colarinho ou apenas olhando o reflexo de um dia comum. Foi quando ergueu os olhos para o espelho — e o inferno invadiu o quarto.

Pela janela, uma bola de fogo alaranjada, pulsante e irregular, aproximava-se com velocidade sobrenatural. Não era um reflexo distante; era real, vinda do exterior, descendo diretamente sobre ele. O impacto foi imediato: Burch sentiu uma força brutal, como se o ar tivesse se solidificado em punho flamejante. A luz cegou-o instantaneamente; o corpo foi arremessado ao chão em choque elétrico e térmico. Seu companheiro de quarto, Alec Meyer, que tomava banho três portas adiante, ouviu o estalido seco — um trovão confinado — e correu alarmado.

A atmosfera recriada por Inteligência Artificial transmite exatamente o choque súbito descrito: o quarto simples da YMCA tomado pela luz flamejante, os objetos derretidos e chamuscados, e Robert Burch lançado ao chão pela força brutal da bola de fogo em Bremerton. É uma interpretação visual intensa e dramática do relato histórico.

O quarto estava transformado: a persiana da janela enegrecida, quente demais para toque, como se tivesse absorvido o fogo inteiro; papéis dentro de um porta-documentos em chamas espontâneas; bagagens sob a janela chamuscadas, soltando fumaça acre; os gabinetes plásticos de dois rádios derretidos em poças grotescas, como cera sob chama invisível. A Polícia foi chamada. O oficial que atendeu relatou ter visto, enquanto redigia uma multa de estacionamento nas imediações, uma bola de fogo alaranjada surgir no Sul, traçando um arco perfeito no céu antes de mergulhar pela janela do prédio. Não era ilusão; era testemunho ocular.

Burch foi levado às pressas ao Hospital Naval de Bremerton, vítima de choque profundo e queimaduras de segundo grau no braço direito — marcas que ardiam como se o fogo ainda pulsasse sob a pele. No dia seguinte, já um pouco recuperado, ele murmurou para os médicos: “Não sei o que aconteceu”. Palavras simples que ecoam o desamparo de quem sobrevive ao inexplicável.

Essas massas de energia — bolas de fogo, raios globulares, fenômenos plasmáticos erráticos — raramente caem em áreas povoadas. Quando o fazem, preferem mares vazios, desertos áridos ou florestas remotas, onde incendeiam árvores ou evaporam lagos sem deixar testemunhas. Mas, quando atingem humanos, o resultado é devastador: queimaduras seletivas, paralisia momentânea, cegueira temporária, explosões internas de calor. Como mencionado, a ciência as chama de *ball lightning* — plasma atmosférico raro, formado em condições elétricas extremas, que pode durar segundos ou minutos, atravessar paredes, perseguir objetos em movimento e explodir com estalos elétricos. Mas por que algumas parecem escolher alvos? Por que deixam marcas precisas em plásticos e tecidos, sem consumir tudo ao redor?

O horror escala quando lembramos de noites em que o céu inteiro conspirou contra a terra. Na noite de 8 de outubro de 1871, florestas e pedreiras do Meio-Oeste americano viraram um mar de chamas. Vinte e quatro povoações foram engolfadas. A maior carnificina ocorreu no centro-leste de Wisconsin: um furacão abrasador matou cerca de 1.500 pessoas — possivelmente mais, pois os registros eram precários. Quatro condados foram varridos; povoados inteiros reduzidos a cinzas. Peshtigo, uma cidade próspera com fábricas, moinhos, 15 empresas, hotéis, 350 casas e 2.000 habitantes, desapareceu em horas. Na manhã seguinte, não restava um único edifício em pé; metade da população perecera.

O fogo se espalhou pelo nordeste de Wisconsin e pela Península Superior de Michigan, parando perto da Baía de Sturgeon. Cortesia do Museu do Fogo Peshtigo.

Uma testemunha ocular capturou o apocalipse em palavras que ainda gelam:

"Num instante, uma grande nuvem de fogo apareceu no céu, desde o Oeste, e logo caíram sobre o povoado enormes línguas chamejantes. As ruas e os edifícios converteram-se em uma fogueira".

"Tudo rugia de maneira ensurdecedora, com estalidos elétricos que enchiam o ar e paralisavam os aldeões. De um momento para o outro, tudo virou um redemoinho ardente. O tornado incendiário, em poucos minutos, converteu o lugar em cinzas".

O Grande Incêndio de 1871. Cortesia do Museu do Fogo Peshtigo.

O que transformou incêndios florestais comuns em um monstro? Uma seca brutal, ventos de uma frente-fria que se aproximava, pequenas queimadas para limpeza de terra que se fundiram — e então o inferno: um ***firestorm***, com ventos de mais de 160 km/h, temperaturas acima de 1.000°C, colunas de ar quente que geravam tornados de fogo capazes de lançar vagões de trem e casas pelos ares. Sobreviventes relataram bolas de fogo caindo como meteoros, ignindo tudo ao toque; chamas azuis estranhas; um rugido como trem de carga ou cachoeira colossal.

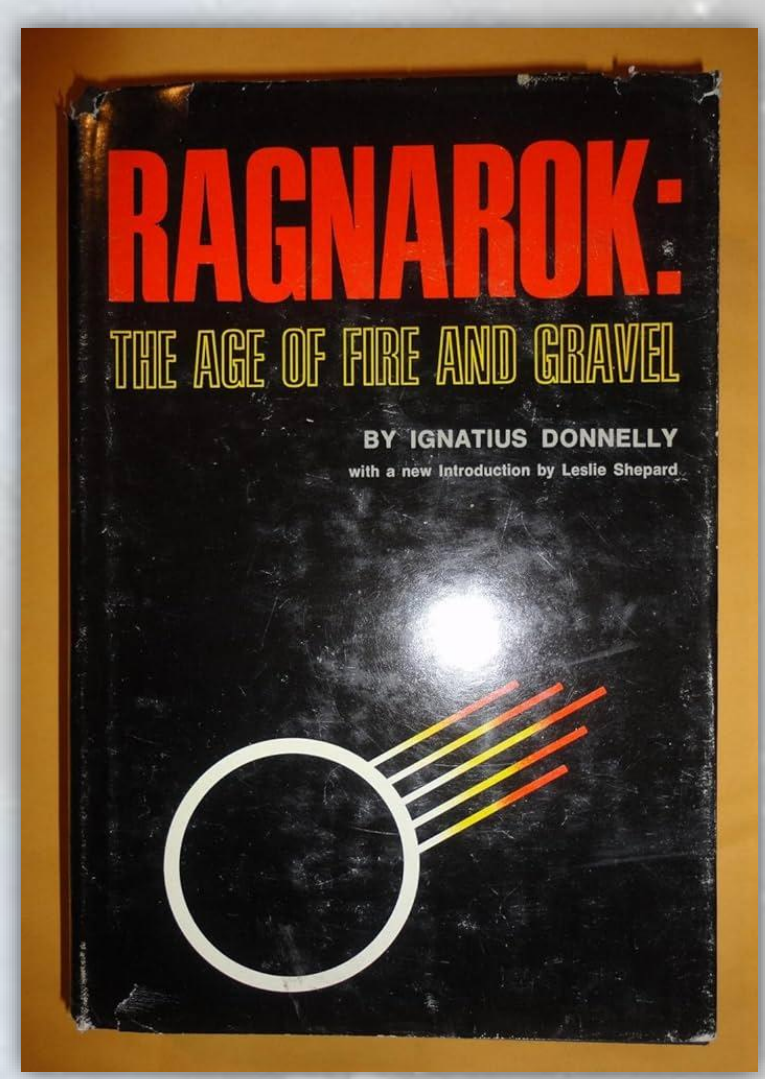
Alguns especularam cometas — fragmentos do Cometa Biela —, mas a explicação mais aceita aponta para condições atmosféricas extremas que criaram um vórtice autoalimentado, um “tornado de fogo” que consumia oxigênio tão rapidamente que pessoas corriam e explodiam em chamas espontâneas.

Peshtigo permanece o incêndio florestal mais mortal da história americana, ofuscado pelo Grande Incêndio de Chicago no mesmo dia — mas muito mais letal. Enquanto em Chicago uma vaca e uma lanterna viraram lenda, em Peshtigo o céu desceu em fúria, bolas de fogo dançando como predadores, e o terror não veio de lanternas caídas, mas de forças que a natureza guarda em segredo, prontas para descer e consumir sem aviso.

Ilustração do Grande Incêndio de Peshtigo, disponível no site da University of Wisconsin-Green Bay.

Esses eventos — da bola que cegou Burch em um quarto simples à conflagração que apagou Peshtigo do mapa — nos confrontam com o mesmo abismo: o que chamamos de "fenômeno natural" pode ser, para a vítima, indistinguível de um ataque deliberado. O céu, neutro e indiferente, guarda chamas que caem sem misericórdia, deixando corpos queimados, cidades em cinzas e perguntas que queimam mais devagar: por que ali? Por que agora? E o que mais desce quando ninguém está olhando?

Uma hipótese controvertida, sussurrada pela primeira vez em 1883 pelo congressista e visionário amador Ignatius L. Donnelly, em seu livro *Ragnarok: The age of fire and gravel*, e revivida com novo fôlego em 2004 por Robert Wood em um *paper* apresentado à American Institute of Aeronautics and Astronautics, sugere que os incêndios devastadores de Peshtigo e Chicago — assim como outros focos simultâneos no Meio-Oeste americano — não foram mera coincidência terrestre, mas o resultado de fragmentos do Cometa Biela colidindo com a atmosfera e semeando fogo em escala continental. O cometa, descoberto em 1772 e reconhecido como periódico em 1826 pelo astrônomo amador Wilhelm von Biela (1782-1856), havia se partido em dois em 1846 e desaparecido das observações telescópicas após 1852, transformando-se em uma nuvem de detritos orbitais. Teóricos apontam para relatos de chamas azuis em porões de casas (atribuídas a gases cometares queimando), ignições espontâneas sem fumaça inicial, bolas de fogo caindo do céu e um rugido cósmico — sinais que, para eles, evocam metano e outros compostos voláteis de um cometa desintegrado incendiando a região.



Capa do livro de Ignatius L. Donnelly, *Ragnarok: the age of fire and gravel*.

Cometa 3D/Biela em fevereiro de 1846, logo depois de se dividir em dois pedaços. Do livro de E. Weiß, *Bilderatlas der Sternenwelt*, publicado em 1888. Imagem do Wikimedia Commons.

No entanto, a teoria desmorona sob escrutínio rigoroso: em outubro de 1871, a órbita da Terra não cruzava a trajetória do cometa Biela. Esse encontro orbital fatídico só ocorreria mais de um ano depois, em 27 de novembro de 1872, quando uma chuva de meteoros espetacular — até 3.000 por hora — iluminou os céus, confirmando a presença dos fragmentos. A ciência convencional explica os incêndios por condições terrestres extremas: seca prolongada, ventos fortes de uma frente fria, queimadas agrícolas descontroladas e florestas densas de madeira seca que alimentaram um *firestorm* autoalimentado, com temperaturas que derretiam metais e criavam tornados de fogo. As chamas azuis? Queima de monóxido de carbono em ar pobre de oxigênio. Ainda assim, o mistério persiste: por que tantos focos simultâneos, em uma noite sem tempestades elétricas aparentes?

Casos semelhantes ecoam ao longo do tempo, reforçando o enigma das bolas de fogo que descem sem aviso. Em 6 de julho de 1949, Portugal viu várias povoações atingidas por fenômenos luminosos e incendiários que desafiaram explicações meteorológicas convencionais — relatos de esferas flamejantes que incendiavam telhados e campos em pleno dia claro. Na Inglaterra, em maio de 1938, nove homens trabalhando em campo aberto foram queimados por uma bola de fogo que surgiu em um céu sem nuvens, deixando-os com ferimentos graves e sem explicação racional imediata. E, no início de dezembro de 1990, o jornal soviético *Komsomolskaya Pravda* publicou o relato aterrorizante de um voo comercial entre Krasnoyarsk, na Sibéria Ocidental, e Alma-Ata, no Cazaquistão: o avião penetrou em uma tempestade de neve, sofreu uma descarga elétrica violenta e, subitamente, uma bola de fogo atravessou a fuselagem da segunda cabine. A esfera luminosa flutuou lentamente sobre as cabeças dos passageiros paralisados de medo, pairando como um espectro vivo antes de sair pela cauda tão silenciosamente quanto entrara — sem causar explosão, mas deixando o pânico e um mistério que a tripulação jamais esqueceu.

Imagem recriada por Inteligência Artificial do voo soviético de 1990 — aA esfera de fogo atravessando a cabine em meio à tempestade de neve.

Poderíamos encher volumes inteiros com dezenas — talvez centenas — de relatos semelhantes: esferas que atravessam janelas sem quebrá-las, perseguem pessoas em campos abertos, explodem em residências ou simplesmente pairam, indiferentes, antes de se dissipar. Até hoje, a ciência não oferece explicação definitiva. As hipóteses variam de "restos de satélites e foguetes reentrando na atmosfera" (*debris* orbital incandescente) a "meteoros fragmentados" e, principalmente, raios-bola — *ball lightning*, plasma atmosférico raro formado em condições elétricas extremas, capaz de durar minutos, atravessar obstáculos sólidos e exibir comportamentos imprevisíveis.

Mas o que torna esses fenômenos tão inquietantes é sua seletividade aparente: eles atacam indivíduos isolados em quartos tranquilos, vilarejos remotos ou aviões em pleno voo, deixando marcas precisas enquanto poupam o entorno. São forças cegas da natureza ou algo mais?

Em um mundo onde o céu pode cuspir fogo sem trovão, sem chuva, sem motivo visível, o terror reside na incerteza: o que desce não pede permissão, não explica sua fúria e desaparece deixando apenas cinzas, cicatrizes e perguntas que queimam devagar na mente. Enquanto laboratórios tentam replicar o plasma em tubos de vácuo, o fenômeno real continua livre, errante, esperando a próxima vítima sob um céu que, de repente, parece hostil demais para ser apenas atmosfera.

RELÂMPAGOS GLOBULARES

Yoshihiko Ohtsuki, físico japonês formado pela prestigiada Universidade de Tóquio em 1962 e professor da Universidade de Waseda, dedicou décadas de sua vida a desvendar um dos enigmas mais persistentes da física atmosférica: o **relâmpago globular** — ou bola de fogo —, fenômeno que muitos confundem com OVNIs, fantasmas luminosos ou entidades do folclore ancestral, como a Mãe do Ouro ou o lendário Boitatá, a serpente de fogo que devora quem invade seu território.

Relâmpago globular. Foto de Storm Wolf.

O relâmpago globular é uma esfera eletrificada de coloração azulada, branca ou amarelada que pode flutuar pelo ar ou deslizar rente ao solo. Esse fenômeno raro costuma durar entre cinco e dez segundos e frequentemente exala um odor marcante de enxofre enquanto se desloca. Embora relatos sobre o relâmpago globular existam há séculos, sua origem continua envolta em mistério. Diversas teorias tentam explicar sua formação — desde partículas microscópicas suspensas no ar, que funcionariam como uma espécie de bateria, até massas de ar comprimido que emitem luz ao interagir com partículas carregadas. Apesar das evidências, muitos ainda duvidam da existência real desse fenômeno, considerando-o uma alucinação ou ilusão sensorial provocada por tempestades intensas. Mas, para quem já testemunhou essa esfera luminosa e errante, a experiência é tudo, menos imaginária.

Tudo começou aos 12 anos, em uma manhã quente de setembro em Sendai, capital da província de Miyagi, na costa nordeste da ilha de Honshu — uma estreita faixa entre o Oceano Pacífico e as montanhas ao norte de Tóquio. Ohtsuki e seu irmão estavam no banheiro da casa familiar, janelas escancaradas para aliviar o calor sufocante, quando uma esfera luminosa surgiu a cerca de 50 metros de distância. Inicialmente, pensaram em fogos de artifício perdidos. Mas a bola parou abruptamente no ar, como se observasse, e então começou a se mover diretamente em sua direção. Os meninos se abaixaram em pânico; ao se levantarem, nada restava além do silêncio e do coração acelerado.

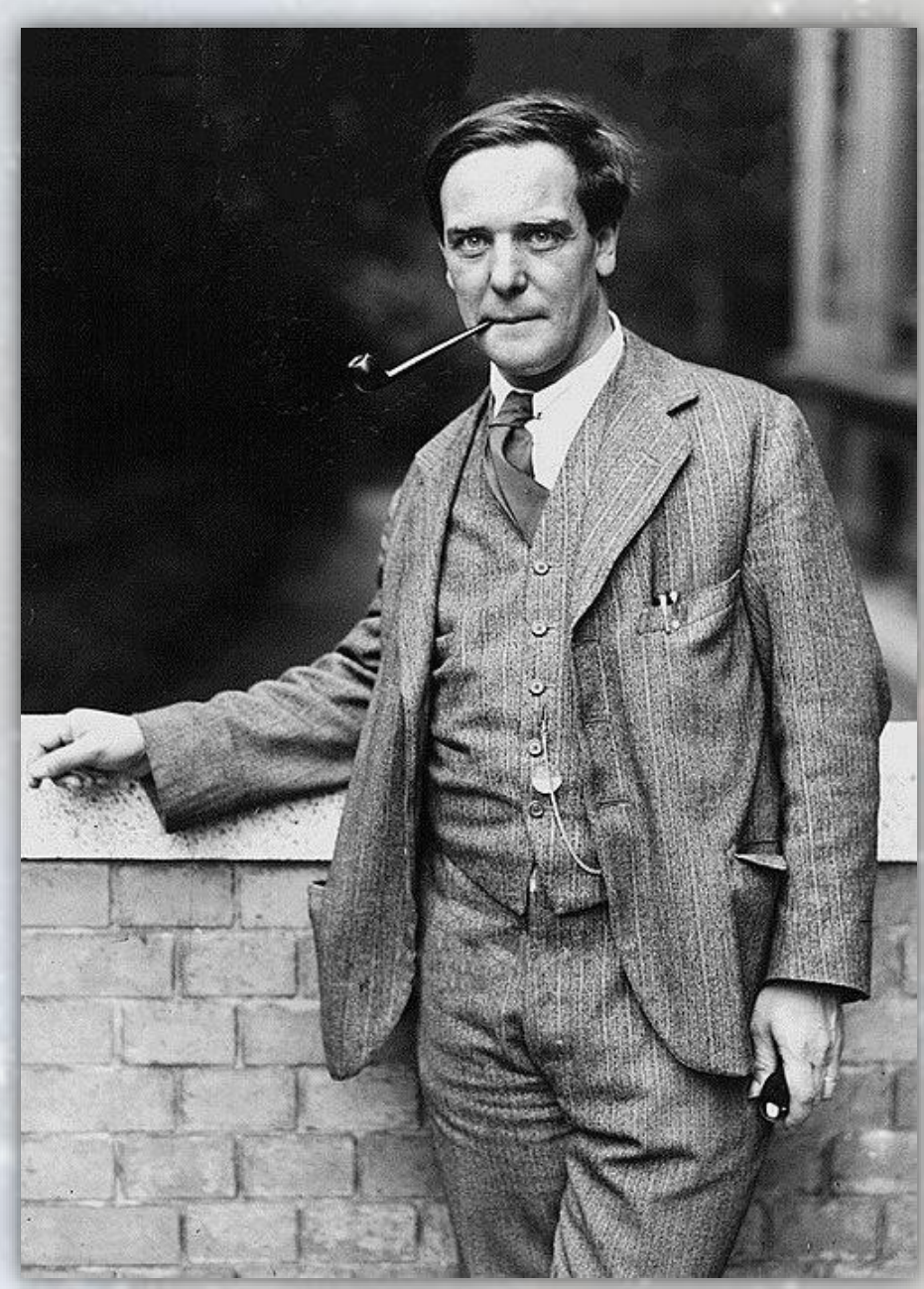
Relâmpago globular – "Globo de fogo descendo em uma sala" em *The Aerial World* (O Mundo Aéreo), do Dr. G. Hartwig, Londres, 1886, p.267. Foto da Coleção Tesouros da Biblioteca da NOAA disponível no Wikimedia Commons.

Aquele vislumbre fugaz marcou Ohtsuki para sempre. Perguntou a professores da escola, depois da universidade — ninguém soube explicar.

O relâmpago globular intriga a ciência há séculos. Apesar da escassez de dados confiáveis, relatos anedóticos se acumulam: figuras históricas como Carlos Magno, Henrique II e o físico Niels Bohr afirmaram tê-lo presenciado. Em 1753, o cientista russo Georg Wilhelm Richmann pode ter sido a primeira vítima fatal registrada em experimentos elétricos — morto ao tentar capturar um raio, quando uma bola de fogo o atingiu durante uma tempestade.

Morte do físico alemão Georg Wilhelm Richmann ao ser atingido por um raio globular em meio a um de seus experimentos elétricos durante tempestades em São Petersburgo. Fonte: Wikimedia Commons.

O fenômeno, estudado pela primeira vez em 1950 pelo físico soviético Pyotr Kapitsa (1894-1984), ganhador do Nobel de Física em 1978 por suas contribuições ao baixo-temperatura e plasma, permanecia um mistério. Determinado, Ohtsuki mudou-se para Tóquio, mergulhou em estudos autodidatas e iniciou uma busca que duraria quatro décadas: da testemunha ocular à reprodução controlada em laboratório.



Pyotr Kapitsa nos anos 1930. Fonte: Wikimedia Commons.

O relâmpago globular é uma descarga elétrica errática e luminosa, capaz de atingir intensidades de até 100.000 volts, com diâmetro médio de 24 centímetros, massa estimada em 150 gramas, duração típica de quatro segundos e temperaturas que chegam a 3.000 °C — o suficiente para fundir metal ou incendiar madeira ao toque.

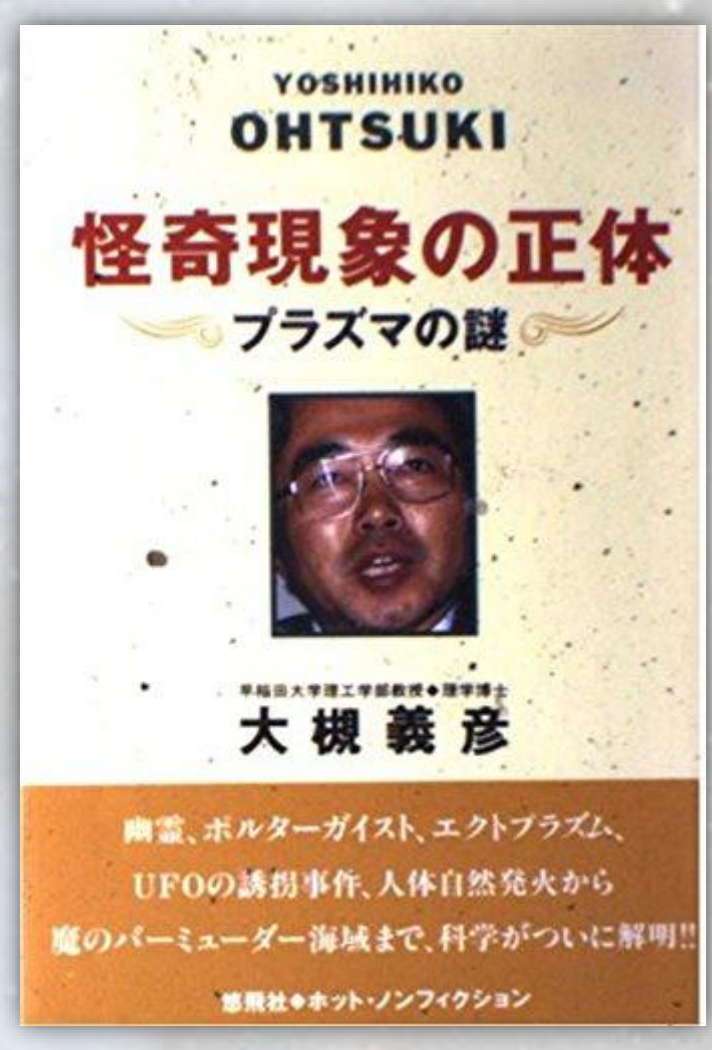
Em 1989, no Centro Tecnológico de Tsukuba — um polo de alta tecnologia no Japão —, Ohtsuki e uma equipe de doze cientistas conseguiram o impensável: recriar bolas de fogo em atmosfera natural, sem recorrer a gases combustíveis artificiais, como tentativas anteriores haviam feito.

Usavam um equipamento semelhante a um forno de micro-ondas industrial, gerando 5.000 volts de ondas eletromagnéticas combinadas com descargas elétricas. As esferas artificiais eram menores — cerca de 2 centímetros de diâmetro, 2 gramas de peso e duração máxima de 1,8 segundo —, mas exibiam traços idênticos ao fenômeno natural: brilho pulsante, movimento errático, resistência a ventos fortes. No laboratório, enfrentaram rajadas de 250 km/h; as bolas apenas oscilavam levemente na direção do fluxo de ar, sem se desfazer.

Professor Yoshi-Hiko Ohtsuki. Foto de David Parker/Science Photo Library.

Como físico de plasma japonês da Universidade de Waseda, o professor Yoshi-Hiko Ohtsuki relatou em 1990, na revista *Nature*, a primeira produção bem-sucedida de relâmpago globular em laboratório. O retrato foi tirado em agosto de 1991, quando Ohtsuki visitou a Inglaterra durante seus estudos sobre *crop circles* em plantações. Ohtsuki estava investigando se esses padrões misteriosos de plantas achatadas em campos de trigo, cevada e outras culturas poderiam ser causados por um fenômeno relacionado ao seu trabalho em física de plasma. As formações em plantações começaram a ocorrer com frequência. “No início, testávamos à noite no campus da universidade, no centro da cidade”, recordou Ohtsuki em entrevistas. “Sua beleza atraía curiosos; outros, ao verem o fogo distante, chamavam polícia ou bombeiros em pânico. Decidimos transferir tudo para Tsukuba”; Ali, visitantes tinham 95% de chance de observar uma bola de fogo artificial — bastava esperar pelo menos uma hora na câmara experimental. A primeira aparição era imprevisível; depois, vinham sequências: “Não é fácil criar uma bola de fogo. Tudo depende da temperatura, umidade, sistema de proteção e das micro-ondas”.

Analisando cerca de 2.300 relatos coletados no Japão, Ohtsuki constatou padrões reveladores: 65% das aparições eram esféricas (daí o nome “globular”); cores variavam entre branco, verde, azul, vermelho e amarelo; 70% ocorriam entre junho e agosto, na estação de calor, chuvas e tempestades intensas; a maioria era vista durante o dia. Um em cada quarenta japoneses já testemunhara o fenômeno — estatística que sugere raridade, mas não impossibilidade cotidiana.



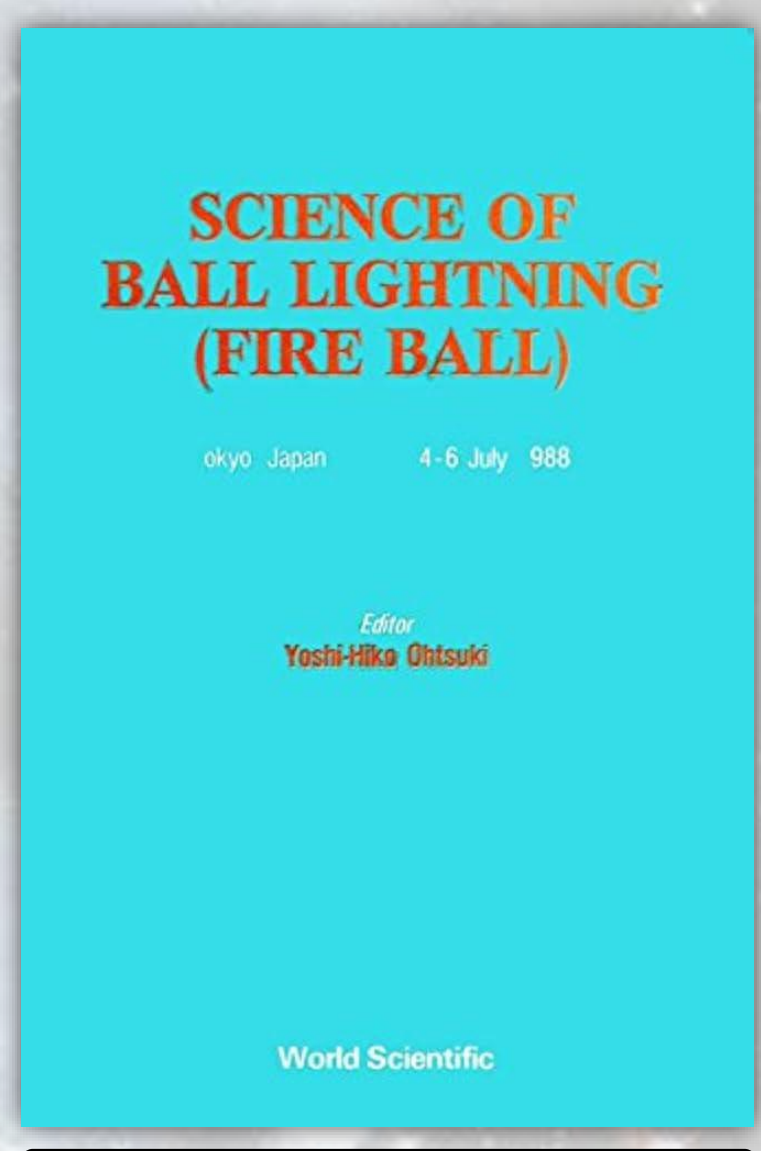
Capa do livro de Yoshihiko Otsuki, *A verdadeira natureza dos fenômenos misteriosos: O enigma do plasma*.

O livro 怪奇現象の正体—プラズマの謎 — cujo título pode ser traduzido como A verdadeira natureza dos fenômenos misteriosos: O enigma do plasma — escrito pelo físico japonês Yoshihiko Otsuki foi publicado no Japão pela editora KK Bestsellers (selo “Hot Nonfiction”) no início da década de 1990. Na obra, Otsuki — conhecido por sua postura cética diante do paranormal — propõe uma interpretação científica para relatos de “fenômenos misteriosos” (como aparições luminosas, objetos voadores não identificados e ocorrências tidas como sobrenaturais), argumentando que muitos desses eventos podem ser explicados por processos físicos relacionados ao plasma atmosférico e a descargas eletromagnéticas naturais, e não por causas extraordinárias.

A abordagem busca desmontar leituras ocultistas ou ufológicas, substituindo-as por hipóteses fundamentadas na física e na observação experimental, característica do esforço do autor de popularizar a ciência e combater pseudociências.

Os experimentos confirmaram propriedades extraordinárias: as bolas atravessam superfícies sólidas sem danos visíveis. Em agosto de 1990, Ohtsuki usou uma prancha de cerâmica de 3 milímetros; a esfera passou através dela sem perfurá-la ou aquecê-la excessivamente. Relatos naturais falam de descargas que penetram vidros, janelas e até cabines de avião sem deixar marcas — um detalhe que intriga aviadores e ufólogos. O fenômeno resiste a ventos violentos e pode ter aplicações industriais: ondas eletromagnéticas semelhantes poderiam tratar superfícies sem contato físico.

Segurança era prioridade absoluta. Micro-ondas em alta potência são perigosas para humanos; na natureza, as bolas provocam incêndios, evaporam lagos e causam queimaduras graves. Tsukuba tornou-se, por anos, o único centro mundial dedicado exclusivamente ao tema — embora cerca de quinhentos cientistas da União Soviética, China, Estados Unidos, Alemanha e outros países investigassem paralelamente. Mais de mil artigos científicos surgiram em revistas especializadas, culminando em obras como o livro organizado por Ohtsuki, *Science of Ball Lightning (Fire Ball)*, que reuniu contribuições globais.



Capa do livro de Yoshihiko Ohtsuki, *Science of Ball Lightning (Fire Ball)*.

O que Ohtsuki provou foi que o inexplicável pode ser replicado — pelo menos em parte. As bolas de fogo artificiais não eram idênticas às naturais em escala ou duração, mas capturavam a essência: plasma confinado, energia eletromagnética sustentada, movimento autônomo. O mistério persiste: por que assumem forma esférica? Por que atravessam obstáculos? Por que surgem em noites claras ou tempestades? Enquanto laboratórios globais tentam respostas, o céu continua a produzir suas esferas luminosas — às vezes inofensivas, às vezes letais —, lembrando que a atmosfera guarda segredos que nem a ciência mais avançada decifrou por completo.

Para quem as vê, como o jovem Ohtsuki em Sendai, o terror e o fascínio são os mesmos: uma luz que dança no ar, sem explicação, sem misericórdia, e desaparece deixando apenas o eco de um enigma eterno.

Pesquisadores do Instituto Max Planck de Física de Plasmas e da Universidade Humboldt, ambos em Berlim, utilizaram descargas elétricas subaquáticas para gerar nuvens de plasma luminosas semelhantes ao fenômeno natural. Essas bolas artificiais duram quase meio segundo e alcançam diâmetros de até 20 centímetros.

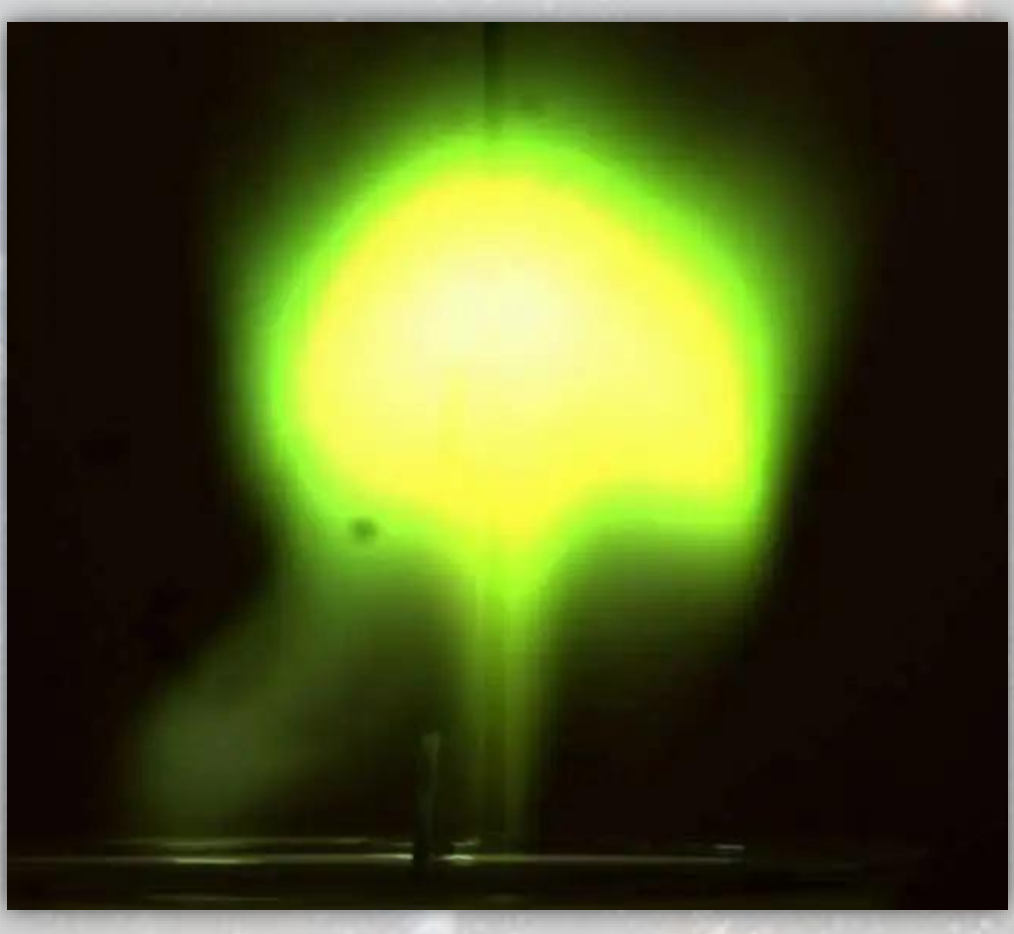
A expectativa é que essas entidades sintéticas ajudem a desvendar o enigma secular do relâmpago globular e, quem sabe, ofereçam pistas valiosas sobre os plasmas quentes necessários para usinas de fusão nuclear — o sonho da energia limpa e praticamente ilimitada.

No início de 2006, cientistas israelenses criaram bolas de plasma vaporizando materiais com micro-ondas, mas o físico alemão Gerd Fussmann e sua equipe adotaram uma abordagem diferente, que consideram mais próxima do fenômeno natural. “É provável que relâmpagos e água interajam para produzir o relâmpago globular”, explica Fussmann, que se destacou na área de física de plasmas, com foco em fenômenos como ionização, temperatura de elétrons e comportamento de plasmas. “Por isso usamos uma descarga de alta tensão curta, de 5.000 volts, para vaporizar parte da água em um tanque de vidro e gerar a bola de plasma.”

Foto de Norbert Michalke que mostra Gerd Fussmann e Burkhardt Jüttner em seu laboratório ao lado da bola de plasma. Foto do site WELT.

O tanque contém dois eletrodos: um isolado por um tubo de argila. A alta voltagem provoca correntes enormes — até 60 amperes, mais de 200 vezes o necessário para matar um ser humano — que fluem pela água por frações de segundo. Essa energia penetra no tubo de argila, evapora a água localmente e faz surgir uma esfera luminosa de plasma ionizado (moléculas de água dissociadas e carregadas) que ascende da superfície.

"As bolas persistem por até 0,3 segundo após o corte da corrente — muito mais do que plasmas comuns, que decaem em milissegundos", destaca Fussmann. Em laboratórios ou reatores de fusão, por exemplo, o plasma se extingue quase instantaneamente ao desligar a alimentação.



Apesar do brilho intenso, as esferas parecem relativamente frias — semelhantes a lâmpadas de néon. Uma folha de papel colocada acima delas é levantada pela convecção, mas não pega fogo. Imagem: Instituto Max Planck de Física do Plasma.

Fussmann agora analisa o espectro de emissão luminosa das bolas e planeja testar como tensão, tamanho e duração se relacionam. Dominar esse controle poderia abrir caminhos para reatores de fusão mais eficientes, onde imensos plasmas de hidrogênio precisam ser confinados e sustentados.

Para compreender o que realmente acontece na natureza, ele pretende comparar as propriedades dessas bolas artificiais com as teorias existentes sobre a origem do fenômeno.

Uma teoria popular sugere que o brilho persistente viria de um plasma poeirento: o raio derrete o solo localmente, ejetando nanopartículas de areia para a atmosfera, que sustentam a luminescência.

John Abrahamson, da Universidade de Canterbury (Nova Zelândia), proponente dessa ideia, acredita que a luminosidade no experimento de Fussmann poderia resultar da vaporização de argila e metal do eletrodo, criando uma suspensão brilhante de partículas finas.

Fussmann discorda: “Resultados preliminares indicam que a nuvem contém principalmente hidrogênio e oxigênio ionizados. Há traços de cobre, mas insignificantes.”

Outros físicos mantêm cautela. “Os resultados parecem um avanço, mas ainda não uma revolução”, avalia Eli Jerby, da Universidade de Tel Aviv (Israel), que produziu bolas de plasma com micro-ondas no mesmo ano. “Eles precisam ser revisados por outros cientistas para avaliar corretamente sua originalidade e importância.”

Enquanto o debate prossegue, o laboratório berlinense trouxe um pouco mais de luz — literalmente — a um dos enigmas mais antigos da física atmosférica.

O relâmpago globular, outrora mera lenda de tempestades, agora flutua em tanques controlados, desafiando teorias e prometendo respostas que podem iluminar tanto o passado quanto o futuro da energia humana.

CONCLUSÃO

As investigações sobre o caso de João Prestes Filho — realizadas por pesquisadores como Carrion, Bühler, Berezovsky, Wirz, Ferraz, Grossmann, Araújo e, por fim, as nossas próprias — chegaram tarde demais. Décadas haviam se passado desde aquela fatídica noite de 4 de março de 1946, e o tempo, impiedoso, apagou detalhes irrecuperáveis: corpos que envelheceram e morreram, memórias que se diluíram em lendas familiares, documentos que se perderam em arquivos esquecidos ou foram destruídos pelo descaso. O que restou foi um mosaico fragmentado, colhido com mais de 20 anos de distância entre os depoimentos, no qual fatores subjetivos — o medo retrospectivo, o desejo de dramatizar o trauma, a influência de boatos que correm como fogo em palha seca — distorceram inevitavelmente os relatos originais.

É natural, portanto, que as versões tenham se diversificado, enriquecido com camadas de folclore e se tornado mais complexas ao longo das décadas. O horror primordial se misturou ao imaginário coletivo: o Boitatá guardião das matas, a Mãe do Ouro protetora de tesouros enterrados, luzes que punem invasores. No entanto, ao examinarmos os testemunhos colhidos diretamente — os nossos e os anteriores —, emerge uma verdade incômoda: os pontos coincidentes superam amplamente as variações. Todos descrevem o mesmo pavor: uma luz súbita, ofuscante, vinda do nada; o corpo consumido por dentro; queimaduras grotescas sem fonte visível de chama; a agonia rápida e inescapável que levou à morte em menos de nove horas.

Nenhum depoente escapa à estranheza profunda diante das circunstâncias — um homem comum, em uma casa simples, atacado por algo que não pertencia ao mundo conhecido.

O que realmente destoa é a versão mais fantástica, amplificada por manchetes internacionais e relatos sensacionalistas: a de que as carnes de João se desprendiam do corpo, como em um filme de terror grotesco, com pedaços caindo em pedaços. Essa imagem de "derretimento" total, que transformou o caso em lenda urbana global — "o homem que derreteu" —, não se sustenta nos relatos mais próximos e confiáveis. Vergílio, testemunha ocular direta, afirmou com convicção inabalável: "A carne dele não estava se soltando. A pele estava pipocada como a de um porco. Era como um porco sapecado com fogo". Uma descrição crua, visceral, que evoca queimaduras de terceiro grau por radiação ou calor intenso — a pele estalando, borbulhando, mas o tecido muscular ainda aderido aos ossos, em um quadro que lembra as vítimas de Hiroshima, não um corpo liquefeito.

Em 1977, o cinema norte-americano recebeu um dos títulos mais curiosos do gênero ficção científica e horror corporal: *The incredible melting man*, lançado no Brasil como *O incrível homem que derreteu*. Dirigido e roteirizado por William Sachs, com produção de Samuel W. Gelfman, o filme traz no elenco Alex Rebar como o astronauta Steve West, Burr DeBenning como o Dr. Ted Nelson e Myron Healey como o general Michael Perry.

Montagem de Slasher Vision com o cartaz e cenas do filme por ocasião de seu 47º Aniversário em 2024.

A história acompanha Steve West, que retorna de uma missão espacial a Saturno após ser exposto a uma intensa radiação cósmica. O efeito é devastador: seu corpo começa a se decompor e literalmente derreter, transformando-o em uma criatura monstruosa. À medida que sua condição se agrava, West enlouquece e passa a atacar pessoas, consumindo carne humana para sobreviver. Enquanto isso, o Dr. Nelson tenta desesperadamente contê-lo e compreender o fenômeno.

Steve West derretendo em *O incrível homem que derreteu*. Foto do site MUBI.

Misturando ficção científica com horror gráfico, o longa explora o medo da radiação e da degeneração física, temas muito presentes na cultura dos anos 1970. Com efeitos especiais marcantes para a época, *O incrível homem que derreteu* tornou-se um cult dentro do subgênero *body horror*, lembrado até hoje como uma obra que levou ao extremo a metáfora da destruição do corpo humano diante das forças cósmicas e invisíveis.

No entanto, quando confrontamos essa obra com o caso de João Prestes Filho, ocorrido em Araçariguama em 4 de março de 1946, surge uma conclusão inescapável: *O incrível homem que derreteu* não poderia ter influenciado os eventos originais nem os relatos iniciais das testemunhas. Trinta e um anos separam o incidente real do lançamento do filme — mais de três décadas em que o trauma de João, as queimaduras grotescas, a agonia relatada pela família, o delegado e os médicos já haviam se fixado na memória coletiva do vilarejo e nos primeiros registros ufológicos brasileiros.

As testemunhas oculares, como Vergílio e outros moradores entrevistados décadas depois, descreviam a pele "pipocada como porco sapecado", queimaduras profundas sem fonte de fogo visível, carne que não se soltava em pedaços, mas que sofria um dano interno devastador — nada que dependesse de um filme de 1977 para existir.

O que o filme pode ter influenciado, sim — e de forma sutil, mas poderosa —, são as narrações posteriores, especialmente a partir dos anos 1980 e 1990, quando o caso ganhou projeção internacional na Ufologia e na mídia sensacionalista. A imagem icônica do "homem que derreteu" — corpo liquefeito, carne caindo em gosma, decomposição acelerada — encaixou-se perfeitamente na lenda que se formou em torno de João Prestes. Reportagens exageradas, vídeos no YouTube, podcasts e até documentários recentes (como *O homem que derreteu: caso João Prestes*, de 2024) adotaram ou ecoaram essa terminologia dramática, atribuindo ao lavrador efeitos idênticos aos de Steve West: um derretimento total, monstruoso, quase cinematográfico. Essa contaminação retroativa é clássica em casos ufológicos antigos: o imaginário pop, uma vez absorvido pela cultura, retroalimenta e colore memórias coletivas, transformando "queimaduras graves por radiação" em "derretimento literal", como se o horror precisasse de um upgrade hollywoodiano para se manter vivo.

Assim, o filme não plantou a semente do caso — ele apenas regou uma lenda já existente, amplificando o exagero da "carne se soltando" que as testemunhas mais próximas negam. O verdadeiro terror de Araçariguama permanece mais sutil e perturbador: não um monstro de cinema que consome carne alheia, mas um homem comum atingido por uma luz sem origem, cozinhado por dentro em silêncio, pipocado como animal no fogo, morrendo em agonia enquanto o céu noturno voltava à indiferença. O que desceu naquela noite de 1946 não precisava de roteiro; bastou ser real.

E é exatamente essa realidade crua, anterior a qualquer tela, que continua a nos assombrar — muito além de qualquer efeito especial de 1977.

Embora as palavras “disco voador” ou “OVNI” nunca tenham sido pronunciadas pelas testemunhas originais — gente simples do interior paulista, alheia à Ufologia emergente —, os pesquisadores do fenômeno, ao tomarem conhecimento do caso, não hesitaram: o raio de luz que o atingiu só poderia vir de uma nave. Surgiram então duas linhas interpretativas principais: uma que via um ataque deliberado, hostil, talvez punitivo ou experimental; outra que apontava para um acidente — uma falha no manuseio de frequências de radiação emitidas pelo equipamento de bordo, um feixe mal calibrado que escapou do controle.

Houve até hipóteses médicas extremas, como a sugerida por Antonio Las Heras e especulada por Adilson Machado: um ataque fulminante de lepra, uma doença que, em sua forma mais agressiva e rara, poderia mimetizar um processo de decomposição acelerada. Eles recorrem ao episódio bíblico do Monte Horeb (Êxodo 4:6-7), em que Moisés, relutante em aceitar sua missão divina, coloca a mão no seio por ordem do Senhor e a retira leprosa, “branca como a neve”, consumindo-se rapidamente — para, ao repetir o gesto, curar-se milagrosamente. A analogia é tentadora: uma afecção que devora tecidos em velocidade anormal, como se o corpo fosse punido por dentro. Mas a lepra, causada pelo bacilo de Hansen *(Mycobacterium leprae)*, é uma doença crônica de evolução lenta, com fases paroxísticas espaçadas por anos de incubação silenciosa. Apresenta-se em formas tuberculosa (com lepromas que ulceram e supuram, deixando manchas despigmentadas), nervosa (erupções, anestesia, atrofia cutânea, lesões nos nervos) ou mista (combinação das duas).

O período de invasão lembra infecções secundárias; o de estado traz máculas, bolhas, tubérculos, perturbações sensoriais, vasomotoras, secretórias, lesões ósseas e articulares que levam a mutilações terríveis — mas nada que se assemelhe a uma queimação aguda e fatal em horas. A lepra não “derrete” ninguém em uma noite; ela corrói devagar, ao longo de décadas.

Diante de tantas camadas — o trauma real, as distorções do tempo, as interpretações ufológicas, as explicações médicas improváveis, os paralelos folclóricos e bíblicos —, o que permanece é o enigma nu e cru: algo desceu sobre Araçariguama naquela noite de Carnaval, escolheu um homem solitário e o condenou a um fim dantesco. Não foi lepra, não foi acidente doméstico, não foi raio comum. Foi uma luz que queimou sem fogo visível, que penetrou a pele e cozinhou o interior, deixando um corpo pipocado como porco sapecado — e um mistério que, décadas depois, ainda queima na memória coletiva.

Em um vilarejo onde o céu era o único testemunho silencioso, João Prestes Filho tornou-se o símbolo de que o desconhecido não precisa de forma para matar. Ele pode ser apenas um feixe — frio, preciso, impiedoso — e o resto é agonia. O caso não se encerra; ele ecoa, como um aviso sussurrado nas noites escuras do interior: olhe para cima. Às vezes, o que desce não vem em paz.

E, no entanto, mesmo depois de descartarmos lepra, derretimento cinematográfico, bola de fogo natural e acidente doméstico, o enigma continua a arder, vivo, como uma brasa que o tempo não consegue apagar.

Resta então a especulação mais incômoda, aquela que poucos se atrevem a colocar em voz alta.

E se João Prestes Filho não foi vítima de um fenômeno natural, nem de uma nave alienígena convencional, mas de um teste secreto de uma arma de micro-ondas — ou de alguma outra forma primitiva de energia dirigida — realizada por alguma agência oculta, americana ou soviética, no auge da paranoia pós-guerra?

Araçariguama era o local perfeito para isso. Um vilarejo esquecido, encravado entre montanhas, sem eletricidade, sem telefone, sem estradas pavimentadas, sem qualquer possibilidade de notícia rápida chegar à capital. Um lugar onde um homem podia ser queimado vivo por dentro e o mundo inteiro só viria a saber décadas depois, quando os arquivos já estivessem lacrados ou destruídos. Em 1946, os Estados Unidos já testavam em segredo os primeiros protótipos de armas de micro-ondas de alta potência (o avô distante do atual Active Denial System). Transportar um gerador compacto, uma antena direcional e uma equipe discreta para o interior de São Paulo seria logística e politicamente complicado, mas não impossível — especialmente se contassem com a cumplicidade silenciosa de autoridades brasileiras interessadas em tecnologia americana. Uma operação *black*, um alvo descartável, um raio calibrado errado ou um "teste em campo real" que saiu do controle. A hipótese é extrema, quase paranoica. Mas explica com precisão cirúrgica o perfil das queimaduras: internas, seletivas, sem chama externa, sem fuligem, exatamente como as vítimas de radiação direcionada. E explica também por que o caso foi tão rapidamente abafado e quase esquecido.

Se nem isso convence, resta a última possibilidade — a mais perturbadora de todas.

E se foi mesmo um OVNI… Mas não um disco metálico tripulado por seres cinzentos, e sim algo que veio de outra dimensão, uma brecha momentânea, um vazamento acidental de uma realidade que roça a nossa sem nunca tocá-la de fato?

Imagine uma entidade — ou uma máquina — que não estava "aqui" no sentido que entendemos. Uma forma de energia consciente ou semiconsciente que atravessou o véu por alguns segundos, talvez atraída pela eletricidade estática da noite de Carnaval, talvez por pura coincidência cósmica. O feixe não foi disparado com intenção. Foi um escape, um resíduo, um sopro de uma tecnologia que opera em frequências que nosso universo mal tolera. João Prestes estava no lugar errado, na hora errada, na janela errada.

Para quê?

Talvez para nada. Talvez fosse apenas um sensor automático que "varreu" o ambiente e o organismo mais próximo foi usado como amostra biológica involuntária — um *scan* rápido, um teste de compatibilidade, um registro de como a vida terrestre reage a uma radiação que não existe em nosso espectro. Ou talvez — e aqui o arrepio é inevitável — fosse um experimento deliberado: escolher um ser humano solitário, em um lugar onde ninguém acreditaria, para observar, em tempo real, o colapso de um corpo sob uma energia que desafia as leis da termodinâmica que conhecemos.

Seja qual for a resposta, uma coisa permanece cristalina:

Naquela noite de 4 de março de 1946, algo olhou para baixo, escolheu João Prestes Filho entre sete bilhões de almas, e o tocou com um fogo que não era deste mundo — nem deste tempo.

E o céu, desde então, nunca mais pareceu o mesmo.

Porque agora sabemos: o desconhecido não precisa descer inteiro. Às vezes, basta um único feixe. E basta um único homem para que o universo inteiro, por um instante, se revele cruel.

REFERÊNCIAS

ARROYO DE LA LUZ (Cáceres, Espanha). Município pertencente à comunidade autônoma da Extremadura, com área de 52,33 km² e população aproximada de mil habitantes. Informação geográfica consultada pelo autor. [*S.l.*: *s.n.*], [*s.d.*].

CARRION, Felipe Machado. *Discos voadores: imprevisíveis e conturbadores*. Porto Alegre: Oficinas da Escola Gráfica Educandário São Luiz, 1968.

CARRION, Felipe Machado. Un misterioso haz de luz causa una muerte atroz en el Brasil. *Stendek*, Barcelona: Centro de Estudios Interplanetarios (CEI), n. 13, p. 23-27, jun. 1973.

CARRION, Felipe Machado. Un mystérieux faisceau de lumière cause une mort atroce. *Phénomènes Spatiaux*, Paris, n. 30, p. 19-22, 4. trim. 1971.

CIENTISTAS tentam desvendar velho mistério de São Roque. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 20 set. 1973, p. 20.

GEVAERD, A. J. Aliens: sinal de esperança ou de ameaça? Uma análise do aparente sadismo com que se comportam nossos visitantes ao lidar com o ser humano. *Revista UFO*, Campo Grande: CBPDV/Mythos Editora, ano 22, n. 121, p. 28-32, abr. 2006.

GEVAERD, A. J. Quando ETs atacam seres humanos. *UFO*, Campo Grande: CBPDV, ano 14, n. 60, p. 34-38, out. 1998.

GEVAERD, A. J. Raios de luz que ferem e matam. *UFO Especial*, Campo Grande: CBPDV/Mythos Editora, n. 30, p. 16-21, nov. 2004.

GROSSMANN, Fernando; BRAGA, Luiz. Nova luz sobre o caso Araçariguama. *Boletim Informativo da Apex*, ano 1, n. 2-3, p. 5-10, jan./abr. 1975.

LAS HERAS, Antonio. *Informe sobre los visitantes extraterrestres y sus naves voladoras*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1974.

MACHADO, Adilson. Coincidência de todas as épocas. *O Assunto é... Ufologia*, São Paulo: Ed. Três, n. 14, jun. 1986.

VALLÉE, Jacques. *Confrontos: a pesquisa e o alerta de um cientista sobre contatos alienígenas*. São Paulo: Best Seller, [*s.d.*].

VISONI, Rodrigo Moura. [Pesquisa documental sobre João Prestes, incluindo a localização de sua certidão de nascimento, na qual consta o registro apenas com o nome João Prestes]. Acervo e documentação consultados pelo pesquisador. [*S.l.*: *s.n.*], [*s.d.*].

VISONI, Rodrigo Moura. [Pesquisa documental sobre João Prestes, incluindo a localização de sua certidão de casamento]. Acervo e documentação consultados pelo pesquisador. [*S.l.*: *s.n.*], [*s.d.*].